

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE MATERNO INFANTIL

MARY LÚCIA ADLER EWERTON

**ESTRUTURA FAMILIAR E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM ENFOQUE
SISTÊMICO**

São Luís

2010

MARY LÚCIA ADLER EWERTON

**ESTRUTURA FAMILIAR E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM ENFOQUE
SISTÊMICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Saúde Materno-Infantil da Universidade Federal do
Maranhão para obtenção do Grau de Mestre em Saúde
Materno-Infantil.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Zeni Carvalho Lamy

São Luís
2010

MARY LÚCIA ADLER EWERTON

**ESTRUTURA FAMILIAR E GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM ENFOQUE
SISTÊMICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Saúde Materno-Infantil da Universidade Federal do
Maranhão para obtenção do Grau de Mestre em Saúde
Materno-Infantil.

Aprovada em: _____ / _____ / 2010

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Zeni Carvalho Lamy

Profª Adjunta do Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal do Maranhão - UFMA
ORIENTADORA

Profª Drª Cristina Maria Douat Loyola

Profª Titular da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Profª Drª Francisca Moraes da Silveira

Profª Adjunta II do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Profª Drª Elba Gomide Mochel

Profª Associada II do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão - UFMA

À memória dos **Meus Pais**, que me ensinaram a amar e a valorizar a vida em família.

A **José Mário**, meu marido, de quem tenho o privilégio de ser amiga, cônjuge, companheira e consorte por longos vinte e oito anos, que sempre parecem curtos demais.

A **Hadassa, Larissa e Mário**, meus filhos, por terem me levado à fonte do amor gratuito, para experimentar o sentido da vida e a incomparável experiência da maternidade.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento parece tarefa fácil, mas, ao fazê-lo, corre-se o risco de esquecer alguém, ou não parecer grato o suficiente, razão pela qual, desde já, a todos me considero devedora.

Quero iniciar agradecendo a Deus pela oportunidade de realizar este trabalho e ficar muito mais encantada com as forças emocionais da família. Agradecê-lo pela oportunidade de existir em uma família cujos pais, Francisco Dias Adler e Joana Aragão Adler, vivos em minha memória, marcaram-me profundamente com o seu amor e com um sistema de crenças que me fez acreditar em minha humanidade e na humanidade do meu semelhante.

Agradeço aos meus irmãos Darcy, Felícia (em memória), Naly, Dilercy, Carlos, Francisco, Joanne e Jeanne, companheiros únicos de existência, com os quais tenho uma história compartilhada e que fizeram parte da produção daquilo que reconheço hoje como minha identidade.

Agradeço a minha orientadora, Prof^ª. Dra. Zeni Carvalho Lamy, por me conduzir pelo caminho do conhecimento científico, com método e sensibilidade.

Agradeço às adolescentes e suas famílias que, de bom grado, ofereceram suas histórias tão ricas e cheias de sentido.

Agradeço aos professores, atentos em formar em mim uma postura científica.

Agradeço a todos os colegas de mestrado que viveram comigo as situações de sala de aula, de forma solidária.

Agradeço à coordenação do mestrado e à Helena, secretária do mestrado, sempre disposta a ajudar em nossas solicitações.

Agradeço aos professores do DOMUS - Centro de Terapia de Casal e Família, que me conduziram diligentemente ao pensamento sistêmico, em especial, à professora Marli Sattler, que mesmo, a distância, não mediu esforços em prontamente atender-me em minhas necessidades de referências bibliográficas.

Agradeço a Eduardo e Livia e Rafaela, alunos do curso de medicina da UFMA, que com eficiência, ajudaram na transcrição das entrevistas.

Agradeço a David, também aluno do curso de medicina da UFMA pela sua inestimável contribuição com o desenho gráfico dos genogramas e ainda pela sua disposição incansável em ajudar.

A Rosângela Torquato, pelas orientações para trilhar, com menos surpresas, os caminhos do mestrado e pela sua participação em visita à família e reflexão no momento da análise.

A Flor de Maria, que me incentivou e me apresentou à professora Zeni que tão generosamente me aceitou como sua orientanda.

Agradeço ao meu marido, José Mário Cutrim Ewerton, por ter refletido e discutido comigo, com erudição e simplicidade, alguns pontos deste trabalho, bem assim, sua revisão apaixonada da língua portuguesa, feita com a riqueza dos dicionários e a precisão das gramáticas, e ainda com a paciência de um namorado, já que escrevi e reescrevi minhas idéias muitas vezes.

Agradeço aos meus filhos, Hadassa, Larissa e Mário, por terem compreendido a atenção que dei, por algum tempo, mais aos livros do que a eles.

A meu genro Víctor, que como um filho se preocupava e se interessava pelo meu êxito.

Agradeço aos meus irmãos Carlos, Naly e Joanne, pelo apoio e incentivo na conclusão do curso.

Agradeço a minha irmã Dilercy, pelo cuidado comigo e disposição em dialogar e refletir sobre os resultados encontrados.

Agradeço a minha sogra, Lisenor Cutrim Ewerton, por me acompanhar em minhas inquietações, com a segurança dos seus oitenta e cinco anos, e como se fosse este mestrado de uma própria filha.

Agradeço, por último, a Maria Raimunda, terapeuta de família, minha amiga, que colocou a minha disposição, não só os seus livros, mas seu tempo, participando de muitas reuniões, diálogos e reflexões, acompanhando-me em meu trabalho, com interesse científico e sincera preocupação com meu êxito.

RESUMO

Estudo qualitativo, tendo como objetivo abordar a relação existente entre estrutura familiar e gravidez na adolescência em um enfoque sistêmico. Parte do pressuposto que a estrutura familiar atua no comportamento dos seus membros influenciando em suas decisões. A pesquisa foi realizada no Núcleo de Atenção à Saúde da Adolescente (NASA), da Unidade Materno-Infantil, sendo iniciada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa HU-UFMA. O critério de inclusão adotado foi ter a família uma adolescente grávida, entre 10 e 19 anos, em atendimento no NASA, Unidade Materno-Infantil. As famílias, com adolescentes grávidas com alterações mentais, auditivas ou de linguagem, não foram objeto do estudo. A amostra seguiu os critérios da metodologia de saturação de campo, tendo participado do estudo oito famílias. A coleta de dados foi efetuada de setembro a novembro de 2009, sendo realizada inicialmente no NASA, com as adolescentes, e, depois, nas residências com as famílias. Foi feita a triangulação de instrumentos: entrevistas semi-estruturadas com as adolescentes, entrevistas abertas com as famílias, genograma das famílias e observação de campo. O método utilizado foi de análise de conteúdo, na modalidade de análise temática para o tratamento dos dados. Entre os resultados, destacam-se: o discurso familiar tem grande eficácia na forma como as adolescentes interagem com a situação de risco para engravidar. A natureza da relação estabelecida entre mães e filhas apresentam pautas interacionais da geração anterior no que se refere ao tema de sexualidade e gravidez na adolescência. Os sujeitos do estudo apontam para o determinismo estrutural resultante da interação familiar na escolha de engravidar ou não engravidar. Na maioria das famílias observou-se a transgeracionalidade da gravidez na adolescência. A história das mães opera como guia e como contexto de justificação do comportamento das adolescentes. Ressalta-se na conclusão que, a trama que subjaz às respostas comportamentais dos membros da família encontra-se vinculada, em grande parte, à estrutura familiar e à história compartilhada pelos membros, razão suficiente para que a gravidez precoce seja objeto de uma intervenção sistêmica a partir das histórias familiares como conduta preventiva.

Palavras-chave: Estrutura Familiar. Gravidez na Adolescência. Enfoque Sistêmico.

ABSTRACT

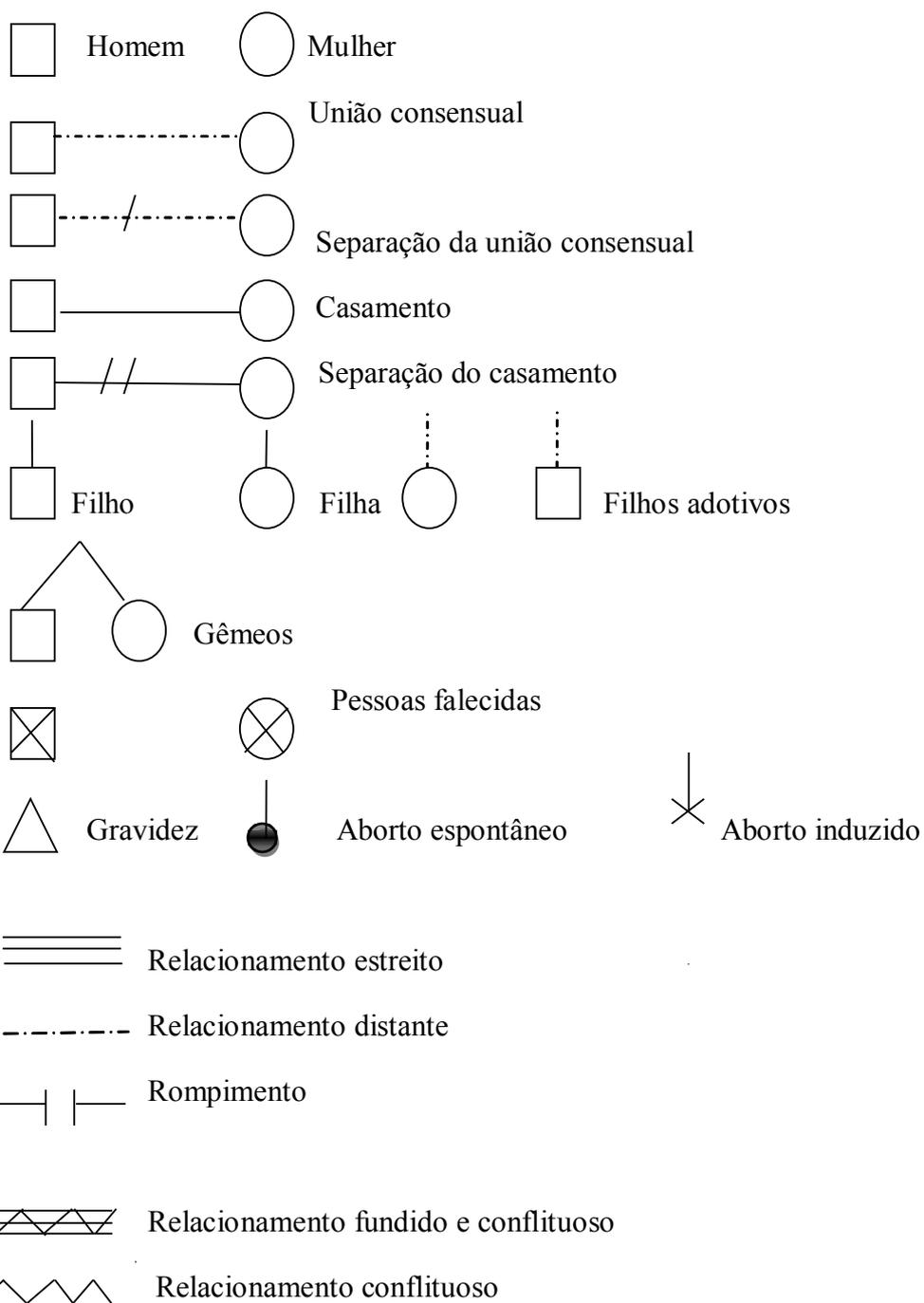
Qualitative study, aiming to address the relationship between family structure and adolescent pregnancy in a systemic approach. Assumes that the family structure operates in the conduct of its members in influencing their decisions. The research was conducted at the Center for Health Care of Adolescents (NASA), the Maternal and Child Unit, and initiated after the approval of the Ethics in Research HU-UFMA. The inclusion criterion was adopted family have a pregnant teenager, between 10 and 19 years in attendance at NASA, Maternal and Child Unit. Families with pregnant adolescents with mental changes, hearing or language, not the object of study. The sample followed the criteria proposed saturation field, having participated in the study were eight families. Data collection was conducted from September to November 2009, initially being held at NASA, as teenagers, and then, in homes with families. Triangulation was made of instruments: semi-structured interviews with adolescents, interviews with families, genogram families and field observation. The method used was content analysis, in the form of thematic analysis for data processing. Some results include: the family speech is greatly effective in how teenagers interact with the risk for becoming pregnant. The nature of the relationship between mothers and daughters present interactional agendas of the previous generation with regard to the topic of sexuality and teenage pregnancy. The subjects of this study point to the structural determinism of family interaction resulting in the choice of becoming pregnant or not pregnant. In most families there was a transgenerationality of teenage pregnancy. The story of mothers operates as a guide and as a context of justification of the behavior of adolescents. It should be emphasized in conclusion that the plot that underlies the behavioral responses of family members is linked in large part to family structure and history shared by its members, sufficient reason for early pregnancy is the subject of a systemic intervention from family stories as preventive procedure.

Keywords: Family Structure. Teenage Pregnancy. Systems Approach.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Genograma da família de Lana.....	49
Figura 2 – Genograma da família de Lia.....	51
Figura 3 – Genograma da família de Laura.....	53
Figura 4 – Genograma da família de Lúcia.....	55
Figura 5 – Genograma da família de Lena.....	56
Figura 6 – Genograma da família da Lorena.....	57
Figura 7 – Genograma da família da Letícia.....	61
Figura 8 – Genograma da família de Lara.....	63

LISTA DE SÍMBOLOS



SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS	16
3	MARCO TEÓRICO	17
3.1	Uma breve história da família	17
3.2	Teoria Sistêmica	20
3.2.1	Estrutura e padrão de organização dos sistemas.....	23
3.2.2	Capacidade de auto-organização e autopoiese dos sistemas vivos.....	24
3.2.3	A família e seu funcionamento sistêmico.....	26
3.2.4	Mitos valores e crenças familiares.....	29
3.2.5	Transgeracionalidade: aspectos familiares transmitidos ao longo das gerações. 31	
3.2.6	O genograma e o ciclo de vida da família.....	33
3.3	Comunicação na família	35
3.4	Famílias e gravidez na adolescência	37
4	METODOLOGIA	40
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
5.1	As famílias estudadas	46
5.1.1	Dados socioeconômicos e culturais.....	46
5.1.2	A síntese das histórias familiares e os genogramas.....	47
5.1.3	Algumas características das famílias estudadas para uma compreensão sistêmica da gravidez precoce.....	64
5.2	As categorias do estudo	69
5.2.1	As mães falam: elas não ouvem.....	69
5.2.2	As mães usam a própria história como espelho: o espelho quebrou.....	83
6	CONCLUSÃO	99
	REFERÊNCIAS.....	101
	APÊNDICES.....	106
	ANEXO.....	113

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é reconhecida como uma etapa distinta do desenvolvimento humano. Nessa etapa da vida o adolescente não só deve enfrentar o mundo dos adultos, desejado e temido, para o qual não está totalmente preparado, como também deve perder a sua condição de criança, cômoda e dependente. (ABERASTURY; KNOBEL, 2008).

Nas últimas décadas, essa etapa entre a infância e a vida adulta foi profundamente afetada pelas mudanças ocorridas nas sociedades ocidentais modernas. Mudanças nas relações de gênero, mudanças nas relações entre pais e filhos, mudanças no direito da criança e do adolescente, mudanças nas normas educativas. Todas essas mudanças compõem o novo cenário social e familiar em que transcorre a adolescência. (BRANDÃO; HEILBORN, 2006).

A perspectiva sistêmica oferece uma compreensão complementar à compreensão individual, dessa etapa de vida do desenvolvimento humano, já que o processo de individuação e diferenciação do adolescente envolve profundamente todo o sistema familiar. As mudanças anatômicas e fisiológicas, experimentadas nessa fase aceleram o movimento de busca em consolidar uma identidade e estabelecer a autonomia em relação à família. As expectativas sociais se modificam e, muitas vezes, entram em conflito com o sistema de crenças da família, principalmente no que se refere aos papéis sexuais e às normas de comportamento, impostos pela família e por outros grupos sociais (PRETO, 2008).

Engravidar nessa etapa da vida era comum nas gerações anteriores, sendo pouco evidenciadas as dificuldades enfrentadas pelas jovens mães. No entanto, nas últimas décadas, a gravidez adolescente vem sendo alvo de atenção, por ser considerada, por muitos estudiosos, como questão de saúde pública. (BRANDÃO; HEILBORN, 2006).

Para Organização Mundial de Saúde (OMS), a gravidez na adolescência é aquela ocorrida até 20 anos incompletos, tendo como parâmetro para a adolescência, a faixa etária entre os 10 e os 19 anos (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

O Brasil figura no Relatório Mundial sobre população da Organização das Nações Unidas (ONU), como um dos países que apresentam taxas acima da média mundial de gravidez na adolescência, sendo essa taxa maior que a de alguns países pobres, como Sudão, Iraque e Índia (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

A pesquisa do Registro Civil do IBGE de 2008, referente a 2007, apresenta uma queda na gravidez de adolescentes, na faixa etária de 15 a 19 anos, que vinha crescendo nos últimos anos na contramão da redução da fecundidade entre outras faixas etárias. A redução é

pequena, de 20,5% em 2006, para 20,1% em 2007, mas considerada intensa nas regiões desenvolvidas do Centro-Sul. (IBGE, 2008).

Contudo, os índices ocorrentes nas regiões Norte e Nordeste continuam preocupantes, como pode-se conferir, comparando as diferenças entre os índices apresentados pelo Distrito Federal e pelo Maranhão. No primeiro ente federativo, as mães jovens foram responsáveis por 14,5% dos nascimentos em 2007, e, no segundo, as mães jovens foram responsáveis por 26,9%. (IBGE, 2008)

Nesse cenário, também chama a atenção os índices de gravidez apresentados por adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IBGE/IPEA), a taxa de fecundidade adolescente, em 2006, cresceu em 0,14 nas classes econômicas mais baixas. (BRASIL, 2009).

De todo modo, compreender a gravidez na adolescência pressupõe situá-la, não só no cenário histórico, econômico e social, mas também no contexto familiar. A respeito disso, um estudo realizado por Kahhale et al. (2000), no Estado de São Paulo, aponta a importância dos profissionais que assistem a adolescente gestante, discutirem o modelo familiar da adolescente. E ressalta que a família exerce forte influência nos padrões seguidos pelas adolescentes tanto na opção pela gravidez como na maneira de construção da maternidade.

Falcão e Salomão (2006), em um estudo realizado com mães adolescentes de baixa renda, apontam para as relações familiares desfavoráveis das adolescentes, com histórias de rejeição e abandono antes da gravidez, e ressaltam a transgeracionalidade do fenômeno: das 25 famílias que fizeram parte da pesquisa, 18 avós maternas, foram também mães na adolescência.

As pesquisadoras Loss e Sapiro (2005), também observam que o convívio entre gerações, a linhagem familiar e a filiação tomam um lugar privilegiado para a reflexão sobre a transmissão de traços que constituem a geração de um filho, tornando, segundo elas, visível a dimensão do coletivo e do cultural dessa experiência e da herança intergeracional.

Observa-se, ainda, que a forma de abordar o fenômeno da gravidez na adolescência, nos estudos com famílias brasileiras, deixa uma lacuna no que se refere à inclusão da família em uma análise mais apurada de sua contribuição ou co-responsabilidade no desencadear dessa situação, apesar de vários estudos apontarem a estrutura e dinâmica da família como fatores importantes na iniciação sexual e na gravidez na adolescência.

A gravidez na adolescência desafia qualquer análise, pela sua complexidade e pelos seus múltiplos significados. Buscar um nexo causal entre a estrutura e dinâmica familiares e a gravidez na adolescência leva inevitavelmente ao pressuposto da complexidade, ou seja, à

importância do contexto, à reintegração do objeto de estudo, gravidez na adolescência, em seu contexto familiar.

São muitas as possibilidades que levam uma mulher a engravidar na adolescência. Encontram-se alinhados nesse sistema explicativo fatores de diferentes ordens, que envolvem a subjetividade da adolescente e suas circunstâncias.

Neste estudo, elege-se, de maneira especial, como parte do sistema explicativo da ocorrência da gravidez na adolescência, as circunstâncias familiares, ou seja, a condição de existir em uma determinada família e compartilhar de uma determinada história.

Na visão sistêmica, todo e qualquer comportamento do indivíduo é explicado como uma responsabilidade compartilhada que surge a partir de padrões que desencadeiam e mantêm as ações de cada indivíduo. O indivíduo é pensado como parte de um sistema, dessa forma, tem-se uma visão diferente de como a auto-imagem é formada e como o comportamento é governado. (MINUCHIN; COLAPINTO; MINUCHI, 1999).

Nesse mesmo sentido, Bowen (1978) ressalta a importância do convívio familiar nas decisões do indivíduo, apontando a rede familiar multigeracional com poder para moldar a interação entre individualidade e proximidade, o que significa que as escolhas do indivíduo não são tão livres quanto parecem e que as ações, de cada indivíduo, trazem as forças emocionais da família.

Os sistemas vivos são considerados como possuindo uma organização autoreprodutiva e autoreferencial. Autoreprodutiva, no sentido de que os elementos são produzidos a partir dessa mesma rede de interação circular e recursiva; e autoreferencial, no sentido de que sua ordem interna é gerada a partir da interação de seus próprios elementos. (MATURANA; VARELA, 2007).

Nessa perspectiva, a família é concebida com uma organização autopoietica e autoreferencial, produzindo-se a si mesma a partir das interações dos seus membros, de sua realidade interna. Por conseguinte, importa compreender em que medida, existir em uma família, fazer parte de uma história, pode representar uma condição para engravidar na adolescência.

Ao longo dos últimos dez anos, na prática do atendimento a famílias, no Centro de Atendimento Integral à Saúde da Criança e do Adolescente (CAISCA) e no Hospital da Criança, ambos em São Luís, ficou evidenciada, para a pesquisadora, a importância da condição de existir em uma família, o quanto as forças emocionais da família incidem sobre os seus membros e o quanto a estrutura familiar atua na determinação e manutenção de comportamentos apresentados, como queixas, por mães ou responsáveis de crianças e adolescentes em processo psicoterapêutico.

Na grande maioria dos casos, foi observado que a forma como as famílias acompanhadas se organizavam e levavam a cabo suas funções, influenciava, de maneira significativa, os comportamentos apresentados como problema. O sintoma apresentado pelo paciente, na maioria das vezes, era resultante da interação familiar.

A aproximação da pesquisadora com a realidade sistêmica, em relação à gravidez na adolescência, gerou o desejo de compreender qual a força da família no evento da gravidez na adolescência.

Dessa forma, o foco da análise deste estudo transpõe-se da história e da dinâmica da adolescente grávida para a história, estrutura e dinâmica da família. Esta posição do observador leva a uma preocupação principal: como avaliar a estrutura e a dinâmica familiares e a influência que elas podem ter nas decisões dos seus membros.

De início, sabe-se que a estrutura da família não é facilmente percebida e se faz necessário, para tanto, um sistema teórico que explique a estrutura e a observação da família em ação. (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998).

A partir dessa premissa a pesquisa se utilizou do modelo sistêmico, para abordagem e análise do tema. Importa ressaltar que a perspectiva sistêmica tem a ver com conexão, mas de uma maneira especial. Ela chama à atenção para as maneiras específicas como as partes se relacionam entre si e se conectam com o todo. Significa dizer que, ao lançar-se o olhar para a adolescente grávida, foco deste estudo, na visão sistêmica, está-se tratando da menor unidade do sistema familiar, que é o indivíduo – uma entidade separada, mas uma peça do todo. Dentro dessa visão, a pesquisa buscou compreender como o comportamento de engravidar precocemente das adolescentes estudadas se encaixa, em parte, como resposta às interações familiares.

Logo, este estudo tem como pressuposto: a estrutura e a dinâmica familiares são importantes fatores determinantes da gravidez precoce.

O trabalho está estruturado em cinco partes, a saber:

A primeira parte trata das questões introdutórias, colocando a relevância do tema, a problemática envolvida e ainda a abordagem sistêmica como intervenção psicológica apropriada ao enfrentamento do problema e também apresenta os objetivos.

A segunda parte apresenta a fundamentação teórica com os conceitos e principais premissas acerca da questão estudada.

Na terceira parte explicita-se a trajetória da investigação, assim como os métodos e técnicas utilizados para a consecução dos objetivos propostos.

Na quarta parte do trabalho, apresentam-se os resultados obtidos ao longo da pesquisa, fazendo-se a correlação com a teoria, em busca do exaurimento do objeto de estudo.

Como culminância de todo o processo investigativo, apresentam-se todas as considerações resultantes dos conhecimentos construídos a partir do contato com a realidade das adolescentes e de suas famílias, sustentados pelo referencial teórico.

Considera-se, portanto, a pesquisa de grande relevância, por possibilitar uma maior compreensão da força emocional da família, dos mecanismos de proteção ou de precipitação que a família possa ter em relação ao fenômeno estudado, podendo apontar para novos caminhos que ampliem a abordagem do problema, desenvolvendo um sentido de competência nas famílias quanto ao controle das forças emocionais produzidas internamente no sistema.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

- Avaliar a correlação existente entre estrutura e dinâmica familiares e gravidez na adolescência a partir do enfoque sistêmico.

2.2 Específicos

- Identificar características socioeconômicas e culturais das famílias estudadas;
- Identificar padrões organizacionais das famílias estudadas;
- Avaliar a transgeracionalidade da gravidez na adolescência.

3 MARCO TEÓRICO

3.1 Uma breve história da família

A família não tem um conceito unívoco. É possível descrever as várias estruturas ou modalidades assumidas pela família no decorrer do tempo, mas não defini-la ou encontrar algum elemento que pertença a todas as formas com que ela se apresenta (OSÓRIO, 1996).

Engels (1984) destaca que, até 1860, tudo que se tinha reconhecido historicamente sobre a família eram os cinco livros de Moisés, narrando com riqueza de detalhes a forma patriarcal da família judaica.

Morgan (1984) em sua obra *Ancient Society*, de 1877, descreve a evolução da família do estado selvagem até a família monogâmica, em cinco formas diferentes e sucessivas de família. Começando com a família consanguínea, estabelecida por intercasamento de irmãos e irmãs carnais e colaterais no interior de um grupo. A segunda forma é a família punaluaana, que se fundava sobre o casamento de várias irmãs carnais e colaterais com os maridos de cada uma das outras no interior de um grupo. A terceira forma é a família sindiásmica ou de casal, fundada sobre o casamento entre casais individuais, mas sem a obrigação de coabitação exclusiva, prosseguindo o casamento enquanto ambas as partes o desejassem. Família patriarcal, a quarta forma, fundava-se sobre o casamento de um só homem com diversas mulheres. Por último, a família monogâmica fundada sobre o casamento de casais individuais com obrigação de coabitação exclusiva.

Para Morgan (1984), as ligações de parentesco, casamento e família, desenvolviam-se em relação inversa às proibições conjugais. Engels (1984) concretizou e acentuou a relação das ligações de parentesco com o desenvolvimento de forças produtivas.

A família patriarcal se estabeleceu associada à relação do homem com a terra, à domesticação de animais, à criação de gado, à incorporação dos escravos e ao domínio paterno.

A família monogâmica é uma evolução da família patriarcal, vinculada fortemente à idéia de propriedade, com o predomínio do homem; sua finalidade é procriar filhos, cuja paternidade seja indiscutível por causa do direito de herança estabelecido (ENGELS, 1984).

Mead (1984), como grande defensora do casamento monogâmico, em sua obra *Machio e femmina*, em 1962, ao analisar as relações humanas com as mesmas técnicas das ciências naturais, defende a família nuclear como a melhor forma de convivência familiar, considerando as outras formas inadequadas. Para ela, viver dentro de uma normalidade

conveniente significa casar-se (CANEVACCI, 1984).

Ariès (1981), descrevendo as famílias que antecedem o século XX, relata que o contexto familiar até o século XVII se organizava com pouca privacidade. O direito da sociedade sobrepunha-se à intimidade do casal, e as pessoas viviam misturadas umas com as outras, senhores e criados, crianças e adultos, em casas permanentemente expostas aos olhares dos visitantes. A família existia, porém não como valor ou sentimento.

A partir do século XVII, com o advento das escolas, ocorreram mudanças na família. As crianças, que a partir dos sete anos de idade, independentemente de sua condição social, eram colocadas em famílias estranhas, para aprenderem os ofícios, passaram a freqüentar as escolas. Essa mudança é defendida pelos educadores que acreditam na necessidade de isolar a infância do mundo dos adultos para mantê-los na inocência primitiva (MIRANDA, 2009).

Além disso, percebe-se uma crescente preocupação dos pais em vigiar os filhos mais de perto. Apesar de as crianças continuarem a ser entregues às amas-de-leite até o fim do século XIX, quando se instalou o progresso de higiene e assepsia, permitindo o uso de leite de vaca sem grandes riscos, já se observava, nesse meio tempo, o deslocamento das amas que passaram a morar com a família da criança, devido à vontade da não separação dos pais de seus bebês (ARIÈS, 1981).

D’Incao (2004) assinala que o Brasil, no fim do século XIX e começo do século XX inicia um processo de modernização do espaço urbano. A proposta era ser civilizado como eram os europeus em geral. Essa proposta trouxe restrições a expressões sociais que não fossem consideradas civilizadas: reuniões tradicionais, ou festas de grupo, cultos religiosos, até mesmo as serenatas ou boêmia sofreram restrições.

Segundo essa mesma autora, essa mudança refletiu no espaço familiar trazendo uma interiorização da vida doméstica. As mudanças influíram na disposição do espaço interior da residência, tornando-as mais aconchegantes, permitindo um processo de privatização da família marcado pela valorização da intimidade.

As transformações se intensificam nos séculos seguintes. A família se torna mais fechada (nuclear) e sentimental, ao contrário do modo anterior, que era mais funcional (a casa como empresa e as crianças ao nascerem dadas às amas de leite). De início, essa transformação na realidade e no sentimento de família se limitava às classes abastadas e, a partir do século XVIII, se estendeu por todas as camadas sociais. Concretizava o “triunfo do individualismo sobre a vida social,” como refere Ariès (1981).

O século XX trouxe também uma nova transição de valores, sobretudo com a

emancipação sexual e econômica da mulher, e, na década de 60, pelo movimento estudantil, uma tentativa de ruptura com a família nuclear burguesa, modelo idealizado de família. Esses novos valores embatem com as forças histórico-culturais (MIRANDA, 2009).

As mudanças na legislação brasileira deram à mulher o poder do voto e o reconhecimento político e social. Com o surgimento da pílula anticoncepcional, a mulher passa a ser mais dona do próprio corpo, podendo decidir quando engravidar. Essa transição tira a mulher do espaço doméstico, levando-a para o espaço social, intelectual, profissional, o que refletiu profundamente nas relações de poder dentro da família.

A família de características hierarquizadas do sistema patriarcal foi se estruturando como uma família onde os conceitos de igualdade passaram a predominar. Nessa mudança, as relações entre pais e filhos apresentam-se com maior possibilidade de diálogo entre as gerações, podendo-se expressar os afetos de forma mais explícita (HINTZ, 2001).

No final do século XX, surge a família pós-moderna, na qual convivem vários tipos de arranjos não tradicionais, mais flexíveis que aqueles das famílias da modernidade. Evidências desses arranjos podem ser apreciadas nas palavras de Boarini (2003):

Na perspectiva sociológica, temos o prestígio crescente dos valores individualistas, que têm favorecido "o viver só". Desta forma não é raro mães e pais solteiros ou separados que assumem a responsabilidade dos cuidados com os filhos. Outrossim, graças aos avanços da medicina em relação à longevidade, vivemos uma outra situação raramente encontrada em décadas passadas: os avós (ou mesmo apenas um deles) vivendo só e regularmente (na melhor das hipóteses) recebendo a visita de seus familiares [...].

A família pós-moderna sofreu mudanças que trouxeram novos padrões familiares, com modelos diversos de organização familiar.

Hintz (2001) fala sobre os novos padrões familiares assumidos na situação pós-moderna. Ressalta que a família monoparental, formada por mães e pais únicos, tem crescido em número. As famílias reconstituídas também têm crescido em número, sendo esse crescimento atribuído principalmente à maior independência da mulher, após as mudanças acontecidas no século XX.

Segundo essa mesma autora, outro tipo de família que tem crescido são aquelas formadas por casais adolescentes, que apresentam características próprias, decorrentes, principalmente, de mudanças socioculturais. Nestas famílias de adolescentes, geralmente as decisões são tomadas no contexto familiar por mais pessoas, além do casal e dos pais. A adolescente grávida, na maioria das vezes, continua morando com os pais. Estes acabam assumindo, de alguma forma, os cuidados e as responsabilidades com o novo membro da família (o bebê), e o pai do bebê, nesse contexto, é distanciado do processo de gravidez e do nascimento do filho. (HINTZ, 2001).

Sarti (1995), a respeito dos padrões hierárquicos em famílias pobres urbanas, afirma que estas seguem um padrão de autoridade patriarcal. Em consonância com esse modelo, a organização doméstica cumpre com os papéis tradicionais, em que o homem é o provedor e a mulher é a dona-de-casa. Destarte, os papéis são definidos em termos recíprocos e complementares. A casa é identificada com a mulher e a família com o homem.

A citada autora ressalta que nos casos de mães solteiras ou separadas, embora suas unidades domésticas possam ser definidas como matrifocais, não necessariamente se altera o padrão de autoridade preconizado na figura masculina, que normalmente é transferido para outros parentes, como pai, irmão ou filho (SARTI, 1995).

Os novos padrões familiares, mesmo se constituindo como novos, são padrões decorrentes dos anteriores. A família continua se construindo com o novo, sem negar, porém, uma identidade transgeracional, um fio condutor entre as gerações.

Do exposto, depreende-se que, para uma abordagem da gravidez na adolescência, contextualizada na família, o pensamento sistêmico parece o mais apropriado, por manter o foco nas conexões das partes.

3.2 Teoria sistêmica

A teoria escolhida para sustentar a linha de análise do estudo foi a teoria sistêmica que surgiu na década de 1940 com Ludwig Von Bertalanffy, como um novo paradigma da ciência. Trata-se de um novo pensar que, distanciando-se da simplicidade, objetividade, linearidade das ciências clássicas, assenta-se nos pressupostos da complexibilidade da instabilidade e da intersubjetividade, para compreensão dos sistemas vivos (VASCONCELLOS, 2002).

Por conseguinte, com base nesses pressupostos, o pensamento sistêmico julga impossível compreender o todo, separando-o em suas partes, voltando-se para a importância das conexões das partes, reunidas em sua globalidade. Dessa forma, passa a lidar com o conceito de emergência: de que algo emerge das interações das partes e retroage sobre elas, criando uma situação de retroalimentação do sistema. Esse paradigma permite apreender, na interação do todo, aquilo que não se pode apreender nas partes sem contextualizá-las, uma vez que existem propriedades exclusivas do todo em ação, que as partes isoladamente não manifestam (VASCONCELLOS, 2002).

Admite instabilidade, imprevisibilidade, irreversibilidade e incontabilidade por tratar-se de sistemas vivos, portanto, em constante mudança, evolução e auto-organização.

Um paradigma em que o observador se reconhece como co-construtor da realidade com que está trabalhando; percebe-se como parte e atua nesse espaço de intersubjetividade que formou com o sistema com o qual trabalha (VASCONCELLOS, 2002).

Para Morin (1996), o fato de que nada está realmente isolado no Universo, e tudo está em relação, é a primeira complexidade. Ressalta que a complexidade existe onde quer que se produza um emaranhamento de ações, de interações, de retroações e que o universo é fruto de uma dialógica de ordem e desordem. Dialógica no sentido de que se trata de duas lógicas totalmente heterogêneas – que se rechaçam mutuamente. Afirma, ainda, que essa dialógica de ordem e desordem produz todas as organizações existentes no Universo.

Segundo esse autor, o princípio da dialógica é característica fundamental do pensamento complexo, substitui a forma disjuntiva de pensar, aprendido nas escolas, pelo pensamento integrador. Aponta para capacidade complementar de conceitos racionalmente antagônicos, considerando-se as condições em que o evento se manifesta.

No campo da microfísica, o entendimento complementar surge quando, diante da concepção ondulatória da partícula, onde efetivamente ela era uma onda e uma concepção corpuscular, fica esclarecido que as proposições aparentemente contraditórias eram, com efeito, complementares e não antagônicas, dadas as condições diferentes em que os fenômenos se manifestavam (MORIN, 1996).

Como diz Vasconcellos (2002, p. 113), referindo-se a capacidade complementar apresentada pelo princípio dialógico: “manter o caráter da dualidade no seio da unidade sem pretender realizar uma síntese, como acontece na dialética”. Então, colocar o foco nas relações é contextualizar e reintegrar o objeto no contexto; é vê-lo existindo no sistema, sem dissociá-lo. Trata-se de promover uma articulação, sem reduzir nem eliminar as diferenças.

As características mantêm-se como tais, manifestando-se conforme o contexto relacional, o que nos leva à compreensão da importância do contexto; de como o mesmo objeto pode revelar características diferentes, e mesmo antagônicas, de acordo com o contexto ou condições em que está ele se relacionando. Por exemplo, um filho pode ser obediente e desobediente a um dos genitores, dependendo do efeito que provoca a presença do outro genitor, o que seria uma resposta ao contexto e condições relacionais.

Nessa perspectiva o pensamento sistêmico é contextual e não só contextual, mas, também, processual. No final da década de 1930, o aspecto processual do pensamento sistêmico foi enfatizado pela primeira vez por Bertalanffy (CAPRA, 2006).

Ludwig Von Bertalanffy (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007), biólogo Austríaco, autor da Teoria Geral dos Sistemas, foi considerado pioneiro da idéia de que um sistema é mais que a

soma de suas partes, ressalta que quando as partes estão organizadas em interação em um sistema, surge algo novo, como quando a água surge da interação do hidrogênio com o oxigênio.

No mesmo sentido, Morin (1996) usa como exemplo a bactéria, que possui propriedades de auto-reprodução, de movimento, de alimentação, de auto-reparação, que, isoladamente, as macromoléculas que as constituem não têm. Chamando de emergentes essas qualidades que nascem no nível do todo e que podem retroagir sobre as partes.

Na Teoria Geral dos Sistemas, as relações são o que dá coesão ao sistema todo, conferindo-lhe um caráter de totalidade ou globalidade, uma das características definidoras do sistema. Esta teoria é considerada por Bertalanffy, como ciência da totalidade, da integridade (VASCONCELLOS, 2002).

Morin (1996) ressalta que não só a parte está no todo, mas o todo está na parte. E usa como exemplo as células do organismo humano, que, sendo uma parte que está no todo do organismo ao mesmo tempo contém em si a totalidade do patrimônio genético.

De acordo com esses autores e outros teóricos do pensamento sistêmico, o que define um sistema não é a soma de suas partes, mas a propriedade que emerge da interação das partes. E que os sistemas não são inteligíveis por meio da investigação de suas partes isoladamente.

Morin (1996, p. 275), referindo-se à dificuldade que o observador encontra na tentativa de compreender as relações complexas dos sistemas vivos, usa a frase de Pascal, resumindo-a de forma caricatural: “Tudo está em tudo reciprocamente”. O que significa: “Desanimem-se, porque vão fundir-se na confusão mais completa”.

Desse modo, trabalhar com o pressuposto de que existe uma relação entre a estrutura e o padrão familiar e o evento da gravidez precoce, coloca o observador diante de um desafio muito grande, próprio do pensamento complexo, na busca de compreender como os eventos na família podem estar conectados: como se existisse um fio condutor nos processos familiares, atravessando inclusive as gerações, que incidindo sobre os membros da família, contribui para o evento da gravidez precoce.

Nessa perspectiva, se faz necessário uma maior compreensão do que se denomina de estrutura e padrão de um sistema.

3.2.1 Estrutura e padrão de organização dos sistemas

Capra (2006 p. 76) ressalta a tensão, ao longo da história, entre o estudo da substância e o estudo da forma. “O estudo da substância começa com a pergunta: Do que ele é feito?. E o estudo da forma com a pergunta: Qual é o padrão?”

No estudo da estrutura, medem-se e pesam-se coisas. Os padrões, como não podem ser medidos nem pesados, para serem entendidos, devem ter as configurações de suas relações mapeadas (CAPRA, 2006).

Por conseguinte, a estrutura familiar, levando em consideração essa visão, corresponde à parte objetiva do sistema, ou seja, aos seus componentes.

Contudo, a estrutura familiar, para Minuchin (1982), é mais do que aquilo que se pode ver; ele define a estrutura familiar como um conjunto invisível de exigências funcionais, que organiza as interações dos membros, através de padrões transacionais. Estas transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar, e estes padrões reforçam o sistema.

Dessa forma, esse autor, ao se referir à estrutura familiar como um conjunto invisível de exigências funcionais que se manifesta nas interações dos membros, ressalta a corporificação física do padrão na estrutura, o que não significa não distingui-lo.

Maturana e Varela (2007) fazem a distinção entre estrutura e padrão organizacional. Para eles, a descrição do padrão de organização do sistema é abstrata e não identifica os componentes. Trata-se do conjunto de relações que acontece no sistema, caracterizando e indicando a classe a que pertence. Ressaltam que é simples apontar uma determinada organização, mas pode ser complexo e difícil descrever com exatidão as relações que a constituem (MATURANA; VARELA, 2007).

Capra (2006) ressalta que o estudo do padrão é fundamental para a compreensão dos sistemas, uma vez que se compreende o sistema quando se identifica o seu padrão, porque as propriedades sistêmicas são propriedades de um padrão.

Por conseguinte, para compreender um sistema vivo, precisa-se identificar suas interações, através das quais se manifestam suas propriedades sistêmicas, produzindo e transformando o todo.

3.2.2 Capacidade de auto-organização e autopoiese dos sistemas vivos

A compreensão de como funcionam as interações dentro dos sistemas, como estes se auto-organizam, como criam alguma forma de ordem, mantendo a estabilidade, mesmo passando por pontos de instabilidade, foi desenvolvida por diversos autores, e aqui citar-se-á a contribuição de Morin (1996), com o princípio da dialógica; de Foerster (1996) e Maturana e Varela (2007), com a concepção de auto-organização dos sistemas vivos, que incluem a

criação de novas estruturas e de novos modos de comportamentos no processo auto-organizador; de Prigogine (1996), com o paradoxo de mudança e estabilidade; e ainda de Maturana e Varela (2007), com o desenvolvimento do conceito de autopoiese dos sistemas vivos.

Morin (1996, p. 278), como citado anteriormente, afirma que “a dialógica de ordem e desordem produz todas as organizações no Universo”. Ressalta outrossim que:

[...] a organização não depende pura e simplesmente da ordem, que na verdade a organização é o que liga um sistema, que é um todo constituído de elementos diferentes, encaixados e articulados, onde o todo tem uma quantidade de propriedades e qualidades que não tem as partes quando estão separadas.

Ainda, segundo esse autor, nas sociedades humanas, a possibilidade de mudanças e o exercício da liberdade se manifestam através da desordem ou do desafio à ordem vigente. Explicita que os sistemas vivos diante da desordem, diferentemente dos sistemas mecânicos, têm capacidade de auto-organização; geram novas formas de ordem; modificam sua estrutura, mantendo, no entanto, o padrão que a identifica.

A compreensão da auto-organização dos sistemas teve também a contribuição de Prigogine (1996) que, estudando sistemas físicos e químicos, ressalta que estes passam por pontos de instabilidade e geram novas formas de ordem, indicando a coexistência, aparentemente paradoxal da mudança e da estabilidade, ou seja, esses sistemas possuem uma estrutura dissipativa que apresenta abertura ao fluxo da energia e da matéria e fechamento operacional.

Ainda, nesse sentido, Morin (2007) afirma que, ao mesmo tempo, que o sistema auto-organizador se distingue do meio ambiente, por sua autonomia e sua individualidade, liga-se muito mais a ele pela abertura e troca que com ele mantém, ou seja, é dependente mais também autônomo. O sistema necessita de alimento da matéria, da energia, mas também da informação de ordem. Por conseguinte, o sistema auto-organizador não pode se fechar, ser auto-suficiente.

Os trabalhos de Foerster (1996) e Maturana e Varela (2007), com redes neurais, indicaram que o cérebro registra a experiência em padrões organizados pelo sistema nervoso do observador. Esses autores, em suas obras, reconhecem a autonomia dos sistemas, sua capacidade auto-organizativa e que os sistemas são dotados de capacidade seletora em sua interação com o meio, ou seja, entre o sistema e o meio há uma compatibilidade, uma comensurabilidade que indica uma abertura informal e um fecho operacional.

No que se refere à autopoiese, Maturana e Varela (2007) ressaltam que um sistema para ser considerado vivo tem que apresentar um padrão de organização autopoietico,

ou seja, tem que ser capaz de produzir a si mesmo de modo contínuo.

Explicam a autopoiese como resultado de condições nas quais os componentes de uma determinada unidade, que estejam dinamicamente relacionados numa rede contínua de interações, produzem os componentes e, ao mesmo tempo, integram a rede de transformações que o produzem. Quer dizer, continuamente criam a si próprios.

Afirmam, ainda, que a circularidade é essencial à natureza dos sistemas vivos, como também ressaltam a capacidade do sistema em gerar e se reengajar em padrões de fenômenos internos, desencadeados por perturbações externas. Consideram que a autopoiese indica uma definição de vida como sendo a autonomia e a constância de uma determinada organização que é autoreferencial e autoreprodutiva.

Por conseguinte, de acordo com esses autores, os sistemas vivos possuem uma estrutura aberta, possibilitando trocas com o meio onde estão insertos, mas ao mesmo tempo, apresentam um fechamento organizacional do seu padrão, estabelecendo fronteiras em suas interações, e o fazem de maneira autônoma, através da sua capacidade de auto-organização, sem perder o seu padrão de organização.

Por último, a auto-organização se caracteriza pela emergência espontânea de novas estruturas e de novas formas de comportamento em sistemas abertos, afastados do equilíbrio, caracterizados por laços de realimentação internos e só podem ser descritos matematicamente por meio de equações não lineares (CAPRA, 2006).

Se a família for pensada interagindo como sistema, visualizar-se-á uma rede de produção muito eficaz, onde cada componente participa da produção ou da transformação de outros componentes, sendo, ao mesmo tempo, transformado, sob o efeito da produção dos outros membros. Dessa forma, o sistema é alimentado continuamente num processo autocriador, dando-se isso através da linguagem.

Quando se estuda o evento da gravidez precoce centrado na adolescente, a atenção está voltada para descrição individual de suas motivações, seus estados emocionais e, conseqüentemente, a uma explanação linear. Por outro lado, quando se estuda a gravidez na adolescência contextualizando o evento dentro da família, muda-se o foco para padronização e organização circulares, para avaliar como esse evento está ligado, de uma maneira circular, a muitos outros eventos da família e a partes de comportamentos de outros membros da família.

3.2.3 A família e seu funcionamento sistêmico

A família se organiza de tal forma que constitui uma rede de produção e transformação do indivíduo muito significativa. Esta é considerada por vários autores como a matriz da identidade, como definidora, em grande parte, da personalidade dos seus membros.

Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999) afirmam que “[...] as famílias definem seus membros, em parte, com relação às qualidades e papéis dos outros membros, criando algo de uma profecia autocumpridora, que afeta a auto-imagem e o comportamento de cada indivíduo”.

A visão sistêmica da família, como outros sistemas vivos, fundamenta-se na questão da totalidade, organização e padronização. Algo emerge das interações familiares, incidindo e retroagindo sobre seus membros. Os eventos são estudados dentro do contexto no qual ocorrem e as conexões e relações é que ganham importância mais do que as características individuais. Nessa perspectiva, tudo está em relação, o que remete à existência de um fio condutor nos processos familiares, algo que conecta as pessoas umas as outras, mesmo as mais distanciadas no tempo e no espaço, conecta os eventos familiares uns aos outros, fazendo parte de um encadeamento de feitos e efeitos que atuam uns sobre os outros reciprocamente, de maneira circular e não linear, ou seja, é formada uma cadeia retroalimentar que mantém o sistema.

No sistema familiar, como em outros sistemas, uma mudança em qualquer uma das partes do sistema, afeta todas as outras partes, e o todo se regula através de uma série de correntes de feedbacks que são classificados como circuitos cibernéticos (VASCONCELLOS, 2007).

Todo sistema exhibe um padrão de funcionamento que o caracteriza, que revela a maneira como as partes se conectam e atuam umas sobre as outras em um padrão circular de ligação que dá forma ao sistema, um movimento próprio, um estilo próprio. Cada membro contribui para a formação de padrões familiares, e ao mesmo tempo, cada membro é moldado por esse padrão, pelo que a família espera e permite, e isso remete à produção e à transformação realizadas pela rede autopoiética dos sistemas vivos, apresentada por Maturana e Varela (2007).

O conceito de padronização e organização circulares, em oposição à descrição individual e à explanação linear, tornou-se a base para o entendimento da família como um sistema (VASCONCELLOS, 2007). A circularidade no sistema significa que cada evento está ligado de uma maneira circular a muitos outros eventos da família e a partes de comportamentos de seus membros, mantendo uma regularidade em suas interações, o que forma o seu padrão.

Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999) chamam a atenção para o tipo especial de

sistema que a família é, principalmente pelo contato direto mantido pelos membros, por terem laços emocionais especiais que os unem, e uma história compartilhada por todos da família. Segundo esses autores, quando uma família é descrita como possuindo uma estrutura, está-se referindo não apenas a quem pertence à família, mas também a padrões de interação recorrentes e previsíveis encontrados nela. Esses padrões refletem as filiações, tensões e hierarquias importantes do sistema, assim como definem os caminhos que a família utiliza para tomar decisões e controlar o comportamento de seus membros.

O poder que os membros da família exercem uns sobre os outros não é um dado absoluto, mas relativo, que coloca em questão o poder de quê e de quem. O poder define-se numa relação de influência potencial recíproca dos membros da família. O controle recíproco, implícito, diz respeito à natureza da relação, de tal maneira que se estabelece um acordo compartilhado (MIERMONT, 1994).

O modelo estrutural de abordagem sistêmica familiar, desenvolvido por Salvador Minuchin (1982), oferece conceitos importantes para o entendimento do funcionamento familiar.

De acordo com esse modelo, os padrões transacionais que regulam o comportamento dos membros da família são mantidos por dois sistemas de repressão. O genérico, que se refere às regras universais de relacionamento familiares, e o específico, que se refere às expectativas mútuas dos membros da família (MINUCHIN, 1982).

Os padrões funcionam como um piloto automático, como uma questão de acomodação mútua e de eficácia funcional, contribuindo para a manutenção do sistema (MINUCHIN, 1982).

Minuchin (1982) concebe a diferenciação do sistema através dos subsistemas. Estes são formados por geração, sexo, interesse ou função. Por outro lado, o indivíduo também é um subsistema e pertence a diferentes subsistemas onde atua com diferentes funções.

Ao ingressar em diferentes subsistemas, o membro da família desempenha diferentes papéis, com diferentes níveis de poder e exigências comportamentais próprias do seu papel naquele subsistema (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998).

Segundo Minuchin (1982), as pessoas se acomodam umas às outras como os desenhos formados no movimento do caleidoscópio, para atingir a mutualidade, o que torna possíveis as relações humanas.

Dentro do modelo estruturalista, desenvolvido por Minuchin (1982), as fronteiras de um subsistema são as regras que definem quem participa e como. Essas têm como função proteger a diferenciação do sistema. Logo, os indivíduos, subsistemas e a família inteira são

demarcados por fronteiras interpessoais, barreiras invisíveis que regulam o contato com o outro (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998).

Minuchin (1982) qualifica os tipos de fronteiras, conceituando as fronteiras nítidas como aquelas que apresentam limites normais, na diferenciação do sistema; conceitua como desligadas, as fronteiras inadequadamente rígidas; e, por último, conceitua de emaranhadas ou fusionadas, as fronteiras difusas, onde os limites são pouco definidos.

As famílias têm regras que conduzem à vida familiar, funcionando como referência para suas interações. São leis implícitas tacitamente aceitas por todos os membros da família, e raramente verbalizadas, normalmente não podem ser questionadas (MIERMONT, 1994). Esta forma de funcionamento do sistema familiar busca manter o controle sobre seus membros, evitando os desvios de maior amplitude, que possam provocar perturbações e mudanças. Portanto, as maneiras alternativas de relacionar-se que cada membro da família tem, são marginalizadas pelas maneiras preferidas da família (MINUCHIN; LEE; SIMON, 2008).

As regras descrevem regularidades em vez de regulação, e as famílias encontram-se frequentemente presas a um leque muito estreito de opções ou a regras desnecessariamente rígidas. (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998)

Portanto, ao se pretender avaliar a família, distinguindo aspectos do seu funcionamento complexo, de ações, interações e retroações, é preciso distinguir a sua forma de organização, considerar que estamos diante de um sistema vivo e não mecânico, capaz de suportar certas condições de desordem, que os sistemas mecânicos não têm.

Capaz de funcionar distante do ponto de equilíbrio, diferentemente dos sistemas mecânicos. E como sistemas evolutivos, têm capacidade de auto-organizar-se e de autocriar-se; propriedades que os sistemas mecânicos não têm, porque são fixos.

E por essas propriedades dos sistemas vivos, sempre houve dificuldade de abordar e explicar esses sistemas, dentro dos pressupostos das ciências clássicas: de simplicidade, estabilidade e objetividade, sendo necessário, para tanto, um paradigma científico que comporte a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade (VASCONCELLOS, 2007).

Com base nessas argumentações pode ser afirmado que a abordagem sistêmica rompe com o paradigma tradicional pautado na busca da objetividade, em termos positivistas, o qual termina por engendrar conclusões fragmentadas e reducionistas que distorcem a realidade impossibilitando, assim, análises que buscam a complexidade, a transitoriedade e a inconclusão que residem na intersubjetividade das ciências humanas e sociais.

3.2.4 Mitos, valores e crenças familiares

Os mitos fazem parte do funcionamento familiar. Segundo Ferreira (1963), o mito familiar consiste em um número de crenças bem sistematizadas e compartilhadas por todos os membros da família, no que se refere a seus papéis e à natureza de suas relações.

As famílias e organizações sociais veiculam sistemas de crenças coletivamente compartilhados, que garantem a coesão interna de seu funcionamento e proteção diante de outro grupo (MIERMONT, 1994).

Andolfi e Angelo (1988, p. 79), fazendo uma diferença entre mito, realidade e estória, afirmam que “o mito parece se colocar em uma área intermediária onde a realidade e a estória se misturam à fantasia, criando novas situações onde os elementos originais são utilizados e conectados entre si”. Também, segundo esse autor, o mito tem a função de suprir determinadas necessidades afetivas do homem e nele co-existem elementos de realidade e fantasias que juntos contribuem para construção dessa realidade supridora dos afetos humanos. Com efeito, o mito ganha a função de dar sentido onde aparece a falta de sentido, suprimindo as necessidades de respostas aos grandes temas da vida humana.

Para Andolfi e Angelo (1988), em qualquer relação, cria-se um mito, favorecido pelas ambigüidades de algo não expresso. Descrevem a formação do mito na relação, através dos vazios de informação que se estabelecem no processo de conhecimento recíproco que, por sua vez, são preenchidos por estereótipos que induzem os participantes a comportamentos específicos, funcionais à manutenção do vínculo. Dessa forma, os autores apontam a associação entre mitos e regras.

Ferreira (1963), nesse mesmo sentido, ressalta que os mitos familiares contêm muito das regras secretas das relações familiares, regras ocultas que se mantêm por trás de situações corriqueiras da rotina da família. Esse autor chama a atenção para o fato de que os mitos operam veladamente, bem integrados à vida diária, fazendo parte do contexto perceptual com que os membros da família delineiam sua vida em comum.

Os mitos situam-se também numa série de relações em evolução contínua, que modificam constantemente seu significado, criando sempre novas conexões ou divergências quanto ao significado original. Por outro lado, ele pode se reproduzir em gerações sucessivas, mantendo inalterada sua estrutura e os papéis designados a cada um (ANDOLFI; ANGELO, 1988).

Boszormenyi-Nagy e Spark (2008) referem-se à urdidura dos mitos como que seguindo *um livro de créditos e débitos* intra e intergeracionais, delegando papéis, seguindo

temáticas de culpa, reparação, procura de perfeição. Eles ressaltam as lealdades invisíveis do indivíduo em relação à família, propondo que este segue experimentando, durante toda sua vida, a sensação de que está endividado, ou de ter obrigações que nunca poderá saldar (BOSZORMENYI-NAGYI; SPARK, 2008).

Depreende-se do ensinamento de todos esses autores que os mitos familiares configuram um dos desafios do estudo, uma vez que as histórias familiares mantêm sutilmente os seus mitos, estes estão entretecidos à realidade e naturalizados nas relações dos membros do sistema, de tal forma que não são reconhecidos, muitas vezes, em um primeiro momento.

No que se refere a valores e crenças familiares, estes são também considerados de grande importância para compreensão da estrutura da família e do seu funcionamento. Têm a ver com temas que historicamente são incorporados pela família, acompanhando os avanços sociais e ganhando importância de transmissão para os descendentes. (FALCKE; WAGNER, 2005)

Cervený e Berthoud (1997) definem valores familiares como aspectos da vida individual e coletiva que são transmitidos, implícita ou explicitamente entre os membros da família. Nessa mesma linha de pensamento, Santos e Macedo (2008) enfatizam que os valores não são essências eternas, mas são crenças que se expressam na excelência das ações, estão ligados às histórias individuais e sociais, apresentando um caráter ontológico na constituição do humano. Acrescentam que a família, como placenta cultural, constitui-se em um espaço privilegiado de transmissão de valores.

Em relação às crenças, encontram-se nesse conceito interpretações e premissas, referindo-se àquilo que se considera certo. As famílias possuem um conjunto de crenças compartilhadas a respeito do que se deve concordar ou não (FALCK; WAGNER, 2005).

Ferreira (1963) afirma que a família tem um sistema de crenças compartilhadas a respeito dos papéis dos membros da família e da natureza de suas relações. Dessa forma, a identidade familiar vai sendo traçada através de suas crenças. A consciência do tipo de crença existente no núcleo familiar favorece as relações de poder que podem surgir em torno destas, e assumir ou contestar essas crenças são igualmente importantes na família. De uma forma ou de outra, as crenças fazem parte da identidade familiar.

3.2.5 Transgeracionalidade: aspectos familiares transmitidos ao longo das gerações

Tanto a palavra transgeracionalidade quanto a palavra intergeracionalidade são

formadas por prefixos que indicam o conceito. Trans é um prefixo que indica travessia, passar de um lado para o outro, e inter é um prefixo que indica algo que acontece entre dois lados, duas pessoas, duas gerações em um dado momento (FERREIRA, 1999).

Transgeracionalidade é o processo de transmissão de componentes e aspectos familiares ao longo das gerações, e intergeracionalidade é um processo de transmissão entre gerações, sem o aspecto da continuidade da transmissão para as gerações seguintes (FALCKE; WAGNER, 2005).

Carter e McGoldrick (2008) consideram que a dinâmica da família compreende todo sistema emocional de pelo menos três gerações, e frequentemente quatro gerações. A partir dessa perspectiva, ao se avaliar a dinâmica de uma família nuclear, encontram-se atuando em suas transações, no mínimo, três gerações, e até quatro, representadas emocionalmente.

Segundo Groisman (2002), a rede invisível que forma o processo de transmissão é constituída por vivos e mortos, inclusive antepassados desconhecidos que ressurgem nas decisões e atitudes do sujeito. Esse mesmo autor usa a imagem de um moinho para apresentar a transgeracionalidade como um fenômeno que “como o moinho, tem um movimento de vaivém, circula no presente, mergulha no passado e se projeta para o futuro”.

A ansiedade familiar é um ponto importante de transmissão geracional, de acordo com Carter e McGoldrick (2008), o fluxo de ansiedade em uma família ocorre no sentido vertical e horizontal ou desenvolvimental. O sentido horizontal são as ansiedades provenientes do próprio ciclo vital, conforme a família avança no tempo e precisa lidar com as mudanças e transições do próprio ciclo, já o sentido vertical, segundo as mesmas autoras, se refere a padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos para as gerações seguintes da família, incluindo todas as atitudes, tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas familiares que acompanham os indivíduos ao longo da vida.

Nesse sentido, Bowen (1978) desenvolveu o conceito de transmissão multigeracional, em que a transmissão de ansiedade de geração para geração ocorre, na seguinte ordem: quanto maior o envolvimento do membro da família na fusão familiar, mais baixo é o nível de diferenciação do *self* e maior é a ansiedade, enquanto o membro, menos envolvido na fusão familiar, vai para um nível mais elevado de diferenciação e menor ansiedade.

Nesse fluxo de transmissões, contabilizam-se os compromissos de lealdades que têm grande importância na elucidação das relações familiares. Boszormenyi-Nagy e Spark, (2008) definem o sistema de lealdades como uma trama multipessoal que implica a existência

de expectativas estruturadas de grupo, em relação às quais todos os membros da família assumem um compromisso. Segundo esses autores, as lealdades são mandatos interiorizados que se iniciam a partir de algo que se deve a um progenitor, ou da imagem internalizada da representação paterna e de natureza tipicamente dialética. O sentimento de culpa, por não cumprir as obrigações, funciona como um regulador homeostático do sistema de lealdades.

Através da sucessão de gerações, as lealdades verticais, voltadas para as gerações precedentes ou seguintes, podem entrar em conflito com as lealdades horizontais, orientadas para os irmãos ou pares em geral (MIERMONT, 1994).

3.2.6 O Genograma e Ciclo de vida da família

O genograma também chamado de genetograma, inicialmente, foi utilizado por Bowen, que o chamava de *diagrama familiar*, para coletar e organizar dados considerados importantes do sistema familiar. Sendo, mais tarde, renomeado por Guerin, como *genograma* (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998).

É apresentado por McGoldrick e Gerson (2008) como instrumento que proporciona uma visão trigeracional da família e do seu movimento através do tempo, verdadeiros retratos gráficos da história e do padrão familiar, mostrando a estrutura básica, a demografia, o funcionamento e os relacionamentos da família.

Desta forma auxilia na visualização não só da estrutura do sistema familiar reunindo uma série de dados da família, como também, retrata, quando necessário, o ciclo de vida da família, ordenando os eventos no tempo, mapeando não só os dados objetivos, como também os subjetivos. Sua construção é feita a partir de símbolos que representam a associação e a estrutura familiar básica, padrões de interação familiar, história de doenças na família e outras informações familiares que o observador julgar importantes.

Por sua vez, o conceito de ciclo de vida familiar foi proposto inicialmente pelos sociólogos Reuben Hill e Evelyn Durvall, na década de 1940, para descrever o movimento da família através do tempo, passando por estágios distintos, com tarefas a serem cumpridas em cada estágio (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998).

Os terapeutas de família, nas décadas de 70 e 80, fizeram acréscimos importantes a partir das contribuições de Murray Bowen, Milton Erickson, J.Haley, V.Satir, S. Minuchin, e Betty Carter e Monica McGoldrick (MIERMONT, 1994).

Carter e McGoldrick, na década de 1990, enriqueceram a noção de ciclo de vida familiar, acrescentando ao ponto de vista multigeracional os padrões culturalmente diversos e

os estágios de divórcio e novo casamento (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998).

A importância do conceito de ciclo de vida, para a compreensão sistêmica da família, é o reconhecimento dos problemas desenvolvidos pela família, nas transições do ciclo de vida familiar, quando se depara com mudanças ambientais ou desenvolvimentais e não é capaz de se adaptar às novas circunstâncias. (NICHOLS; SCHWARTZ, 1998).

Carter e McGoldrick (2008, p.144) definem o ciclo de vida familiar como “uma espiral da evolução familiar, na medida em que as gerações avançam no tempo em seu desenvolvimento do nascimento à morte”. Tal ciclo compreende os seguintes estágios: saindo de casa, jovens solteiros; a união de famílias no casamento, o novo casal; famílias com filhos pequenos; família com adolescentes; lançando os filhos e seguindo em frente; famílias no estágio tardio de vida. Cada estágio desses que a família atravessa implica mudanças no sistema e apresenta um processo emocional de transição.

É essencial o entendimento do ciclo de vida individual acontecendo dentro do ciclo de vida da família, demonstrando a importância do mover-se juntos através da vida, no entendimento dos problemas emocionais que as pessoas apresentam. (CARTER; MCGOLDRICK, 2008).

Para atender às demandas próprias da adolescência, a família passa por mudanças em sua estrutura e organização; os pais não podem ficar fixados na mesma forma de manejo das questões dos filhos pequenos quando estes chegam à adolescência, portanto a mudança é inevitável. O estágio do ciclo da família com filhos adolescentes exige o aumento da flexibilidade das fronteiras familiares para incluir a independência dos filhos e as fragilidades dos avós (CARTER; MCGOLDRICK, 2008).

Preto (2008) ressalta que as demandas adolescentes tendem a precipitar mudanças no relacionamento entre as gerações. Estas, por serem tão intensas, servem como catalisadores para reativar questões emocionais não resolvidas entre os pais e avós, ou entre os próprios pais. Os pais, na tentativa de resolver os conflitos, frequentemente se vêem repetindo os mesmos padrões de relacionamento da família de origem, que tentaram evitar. Ainda segundo essa autora, a família se transforma, de uma unidade que nutre e protege, em uma unidade de preparação para a entrada do adolescente no mundo dos adultos.

Importa ressaltar que o ciclo de vida das famílias sofre fortemente a influência do seu contexto: classe social, educação, raça, etnicidade, sexo e local de residência, evidenciando diferenças significativas entre os adolescentes das classes pobres, média e alta, uma vez que, para as classes menos favorecidas cumprirem com essa missão de preparar o adolescente para entrar no mundo dos adultos é muito mais difícil, e normalmente a frustração

das tentativas, por parte dos adolescentes, em se tornarem financeiramente independentes, junto com a pressão de viver com os poucos recursos da família, precipita sua saída de casa (PRETO, 2008).

A respeito dessas diferenças sociais, Fulmer (2008), comparando os ciclos de vida de famílias americanas com formação profissional pertencentes à classe média e média-superior e famílias de baixa renda, considera a idade em que as mulheres se tornam mães, como uma diferença central entre os dois grupos: as mulheres de grupo de baixa renda antecipam a gravidez, o que ocorre normalmente fora do casamento, enquanto as mulheres com formação profissional e maior poder aquisitivo adiam a maternidade, em função de outros objetivos. Essa diferença de tempo de engravidamento entre os dois grupos, segundo esse mesmo autor, reflete significativamente na estrutura da família. A configuração da família de baixa renda se inicia normalmente com a mãe e a criança e depois um marido/padrasto. Já as famílias com formação profissional começam com o casal e acrescentam filhos somente depois, com um significativo adiamento.

Fulmer (2008) chama a atenção para o fato de que a aceleração da gravidez nas famílias de baixa renda impossibilita que os jovens passem normalmente pelos estágios apresentados no modelo normativo do ciclo de vida da família, e que a família será maior tanto porque cada mulher terá mais filhos como também porque ela os terá quando jovem, de maneira que várias gerações estarão vivas ao mesmo tempo. O autor aponta para o fato de que:

[...] o extremo alongamento do processo de constituir uma família na classe com formação profissional e a extrema aceleração desse processo nas classes baixas – sugerem um acréscimo à teoria do ciclo de vida: *o tempo que uma família leva para passar por certos estágios afeta a estrutura da família* (CARTER; MCGOLDRICK, 2008, p. 471).

Por conseguinte, ao tratar-se de famílias de baixa renda, de acordo com esses autores, não pode ser desconsiderado que essas famílias apresentam um ciclo de vida familiar diferenciado das famílias de classes média e alta.

3.3 Comunicação na família

Faz-se necessário também, para esse estudo, tratar da importância da comunicação na família como espaço privilegiado de interação humana. Todos fazem parte, de modo muito especial, de um mundo linguístico, pois é através da linguagem que se significa e se é significado, e a família surge, normalmente, como o primeiro espaço linguístico do ser humano.

Pearce (1996 p. 177), na perspectiva construcionista social, afirma que o mundo

social consiste em atividade, e que a substância que forma esse mundo são as conversações, mais especificamente, os padrões de atividades conjuntas semelhantes a jogos: “nascemos e incluímo-nos em pautas de interação social semelhantes a jogos que nós não iniciamos.”

Ele se refere à capacidade dos seres humanos de criar seus lugares nesse tipo de jogo do mundo social, e é na família que o indivíduo começa a participar dos primeiros jogos, das primeiras conversações. Nela, ele vai criando o seu espaço, o seu papel, a sua forma de participar do jogo que começou antes dele chegar. E todos os movimentos desse jogo entre os humanos só é possível através da linguagem.

A comunicação pode ser digital e analógica. A comunicação digital é representada por dígitos, símbolos, palavras; a analógica é auto-explicativa, é feita através de sinais, movimentos intencionais, posturas, gestos, expressão facial, inflexão de voz, seqüência, ritmo ou qualquer forma de comunicação não-verbal (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007).

Watzlawick, Beavin e Jackson (2007) sugerem que qualquer comunicação implica um compromisso, uma missão, ou seja, não só transmite informação, mas também importa um comportamento, portanto, define a relação, especifica a concepção do emissor de suas relações com o receptor.

Bateson (1991) indica o aspecto de relato e de ordem na comunicação. O aspecto de relato é a informação, ou o próprio conteúdo da mensagem. Já o aspecto de ordem, está ligado à informação da informação, ou seja, o tipo de mensagem e como deve ser entendida. Esse autor coloca o foco da análise da comunicação não só nas reações do receptor em relação ao emissor da mensagem, mas também, de que maneira elas afetam o comportamento posterior do emissor e o efeito disso sobre o receptor, formando uma seqüência de reações que dá significado à relação que, por sua vez, reverbera no sistema, provocando o comportamento dos outros membros.

As comunicações resultam em o que Maturana e Varela (2007) chamam de acoplagem estrutural, que são as interações que o organismo realiza com o meio, adquirindo este, ao longo de um tempo, uma determinação estrutural, ou seja, uma estrutura própria, uma forma individual de interagir com o meio, e isso se estabelece através da linguagem.

Maturana e Varela (2007), para um melhor entendimento da acoplagem estrutural, descrevem o mecanismo de acoplamento entre insetos sociais, chamado trofolaxe, que acontece através do intercâmbio de substâncias químicas. Consiste em um fluxo contínuo de trocas de conteúdo gástrico entre os insetos cada vez que se encontram, resultando em uma distribuição, por toda população, de uma certa quantidade de substâncias, entre elas, os hormônios responsáveis pela diferenciação e especificação de papéis. A rainha é alimentada

de um determinado modo e, se retirada do seu lugar, ocorre, de imediato, um desequilíbrio hormonal produzido por sua ausência, resultando na alimentação diferencial de algumas larvas, que se desenvolverão como rainhas. A troca de substâncias químicas entre os insetos, como explicitado, é chamada de trofolaxe, e entre os humanos, a acoplagem estrutural é feita através da linguagem, e de acordo com Maturana e Varela (2007), é uma “verdadeira trofolaxe lingüística”.

A acoplagem estrutural dos insetos sociais e as humanas apresentam semelhanças. Da mesma forma que a rainha participa de maneira diferenciada, e sua retirada reverbera por todas as partes do formigueiro, provocando desequilíbrio, semelhantemente, os sistemas humanos, através das trocas ou acoplagens lingüísticas, definem a organização do sistema e a maneira como cada um participa, provocando também instabilidade no sistema a retirada de um dos seus participantes ou sua mudança.

Maturana e Varela (2007) consideram a lingüística como um comportamento que ocorre num acoplamento estrutural ontogênico entre organismos, e este pode ser descrito em termos dos seus significados. Eles esclarecem que fazem parte do domínio lingüístico as condutas ontogênicas, as condutas comunicativas e as condutas lingüísticas.

As condutas ontogênicas são definidas como a história de mudanças estruturais de um organismo sem que este perca sua organização. As condutas comunicativas se referem a todo tipo de comunicação envolvendo os aspectos de relato e ordem, bem como a forma de comunicação, digital e analógica, já citados anteriormente, e, por último, a conduta lingüística, considerada como o resultado da interação entre as condutas ontogênicas do organismo e os elementos da conduta comunicativa.

Dessa maneira, toda interação do organismo com o meio traz uma trama subjacente, ordenada por todas essas condutas. Convém ressaltar que, nas acoplagens entre o indivíduo e o meio, o sistema nervoso funciona de forma seletora e com determinação estrutural. Por conseguinte, o meio não pode especificar suas mudanças, mas, sim, apenas desencadeá-las, mantendo, portanto, o referido sistema sua organização (MATURANA; VARELA, 2007).

Neste estudo, ao se analisar a comunicação entre as adolescentes e seus familiares, estar-se-á tratando principalmente da natureza das relações entre os comunicantes; tratar-se-á do efeito da comunicação entre dois ou mais membros nas outras partes do sistema, e, finalmente, da eficácia das interações vivenciadas pela adolescente no espaço familiar.

3.4 Famílias de baixa renda e gravidez na adolescência

A família hoje se encontra desafiada, não só a adaptar-se às mudanças do ciclo vital, com a chegada dos filhos à adolescência, como também obrigada a dar respostas adaptativas às rápidas mudanças do contexto social mais amplo. Mudanças historicamente estabelecidas, que levaram a família a passar de unidade que funcionava oferecendo treinamento prático para os filhos, para uma unidade de apoio emocional que proporciona capacidades psicológicas para diferenciação e sobrevivência deles. Passando, portanto, a depender dos sistemas externos para ensinar os filhos, para estabelecer limites e para encontrar um lugar no mercado de trabalho (PRETO, 2008).

As perturbações provocadas pelas questões próprias da adolescência levam o sistema familiar, depois de um certo grau de confusão, a mudar as normas e limites da família, de forma que comporte as demandas de maior autonomia e independência requisitadas pelos filhos adolescentes (PRETO, 2008).

Segundo Preto (2008), a adolescência exige mudanças estruturais e renegociação de papéis na família, envolvendo, pelo menos, três gerações. A demanda de maior independência e autonomia, trazida pelos adolescentes, precipita mudanças nos relacionamentos entre gerações, aflora conflitos não-resolvidos entre pais e avós ou entre o casal, ou mesmo entre os irmãos.

As famílias de baixa renda, além dos estressores próprios da adolescência de seus filhos, têm que lidar com estressores de cunho econômico e social, vivendo um contexto de crises múltiplas, o que exige mais dessas famílias em seus momentos de transição.

Fulmer (2008), em seu trabalho com famílias de baixa renda, já citado anteriormente, descreve uma seqüência de eventos que se seguem nessas famílias com mães adolescentes. Após a primeira gravidez, elas tentam terminar o segundo grau, normalmente sem êxito. O controle exercido pelos pais é relaxado; a mãe e o bebê continuam sendo sustentados pelos pais; a primeira gravidez é seguida então da segunda, adquirindo a jovem mãe um status de adulto na casa paterna. Na terceira gravidez, saem de casa para morar com o novo companheiro e padrasto dos filhos, continuando, entretanto, conectadas à rede familiar; separam-se do marido, e a mãe se torna a chefe da própria família dentro da rede familiar. Com a chegada do primeiro neto, a mãe se torna avó e cuida da filha e do bebê.

Em decorrência dessa seqüência de eventos, que tende a se repetir, a estrutura das famílias de baixa renda sofre as conseqüências desse ciclo de vida familiar encurtado.

Hines (2008) destaca que, no ciclo de vida familiar truncado, não há um tempo

adequado para resolver as tarefas desenvolvimentais de cada estágio, dificultando a atuação da adolescente em novos papéis e responsabilidades. As passagens dos papéis de criança e de adolescente para os papéis de cônjuge, pais e avós são feitas sem uma clara demarcação transicional ou ritos de passagem, e os estágios subseqüentes do ciclo da família ficam cada vez mais difíceis de atravessar, uma vez que os estágios anteriores vividos de forma encurtada não oferecem um suporte sólido das tarefas previamente resolvidas, afetando a forma como o sistema lida com suas necessidades.

Esses autores nos ajudam a compreender que as circunstâncias vividas por essas famílias são elementos constitutivos de sua estrutura, da sua organização. Nesse sentido, Minuchin (1982) ressalta que tratar a família a partir de sua estrutura é tratar com processos de feedback entre as circunstâncias e a pessoa envolvida e das mudanças impostas por uma pessoa sobre suas circunstâncias, e, ainda, da maneira pela qual o feedback a essas mudanças afeta o seu próximo ato. Portanto, uma mudança na posição de uma pessoa, ou de suas circunstâncias, constitui uma mudança de sua experiência subjetiva.

A manutenção desse processo de encurtamento das etapas do ciclo de vida familiar e, portanto, dessa estrutura, se dá também porque, de acordo com o pensamento sistêmico, a gravidez precoce ganha uma função no sistema familiar.

Segundo Fulmer (2008), várias tensões pessoais, intergeracionais, que surgem quando as gerações mais novas entram na adolescência, são resolvidas quando a adolescente engravida.

[...] Ela pode gratificar a mãe da menina de várias maneiras. Ao dar-lhe um bebê para cuidar e aumentando sua dependência em relação a ela, a alivia da solidão com a qual poderia se defrontar se seus filhos partissem e vivessem de modo independente. Uma vez que sua filha está grávida, as brigas em relação à maquiagem, cabelo, hora de voltar para casa e temas da escola se tornam irrelevantes, para o alívio de ambas. Por ter sido tão jovem quando teve seus primeiros filhos, é provável que a mãe não os tenha criado ela própria. Assim ela pode ficar satisfeita com a oportunidade de criar os filhos da filha. Ela agora tem a chance de 'fazer bem-feito' (HILL, 1977 apud FULMER, 2008, p. 491).

Fulmer (2008) destaca, ainda, a superioridade moral da mãe em ser avó, agora que aquele filho, não é dela, ela não poderá ser condenada por gerá-lo e recebe a gratidão e a aprovação da comunidade. E a gratificação da bisavó, no sentido de que ela pode funcionar como uma verdadeira avó, sem a responsabilidade primária de seus cuidados.

O autor ressalta a transferência de papéis na família: a avó, faz papel de mãe; a bisavó faz papel de avó, e a filha conserva-se no papel de filha e irmã mais velha do próprio filho, e vai esperar a próxima geração para viver o papel de mãe na posição de avó e assim por diante.

Por fim, ressalte-se que a contribuição de todos os autores referenciados neste marco teórico serviram de base para a análise dos resultados obtidos no campo de pesquisa.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo

Esta é uma pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (2007), consiste na compreensão dos elementos constitutivos do espaço mais profundo das relações humanas, dos processos e dos fenômenos que não podem ser mensurados.

Compreender a estrutura e dinâmica da família não se constitui uma tarefa fácil. Ao se estudar a organização familiar, com certeza adentra-se um universo de significados e de interações que envolvem crenças, valores, legados e respostas emocionais, construídos ao longo de um tempo. Tempo histórico e familiar. Dessa forma, a realidade familiar corresponde a uma urdidura de acontecimentos aos quais são atribuídos sentidos que só podem ser mapeados, compreendidos em seus elementos constitutivos, mas não quantificados.

4.2 Local de realização da pesquisa

O local de estudo foi o ambulatório do Núcleo de Atenção à Saúde da Adolescente (NASA) que oferece atendimento especializado a adolescentes, incluindo adolescentes grávidas e suas famílias. O NASA é um programa da Unidade Materno-Infantil em São Luís/MA. A Unidade Materno-Infantil e a Unidade Presidente Dutra formam o complexo hospitalar – Hospital Universitário da UFMA (HUUFMA). O HUUFMA é um hospital público com todos os serviços e leitos destinados ao SUS, com metas programadas na assistência, no ensino e na pesquisa e possui capacidade para procedimentos de média e alta complexidade. A Unidade Materno-Infantil é referência para gestação de risco no Estado do Maranhão.

O NASA vem desenvolvendo atendimento especializado a adolescentes desde 1989, com o objetivo de atender às necessidades da saúde integral da adolescente.

Conta com uma equipe profissional composta por quatro médicos clínicos gerais, dois ginecologistas, dois obstetras, um psicólogo, uma enfermeira, quatro recepcionistas/atendentes, dois técnicos administrativos e dois técnicos operacionais.

O programa oferece consultas médicas, de enfermagem, psicológica e nutricional para adolescentes grávidas, bem como oficinas educativas envolvendo as adolescentes grávidas e seus familiares.

Nas oficinas, são priorizados temas como planejamento familiar, sexualidade na adolescência, adolescência normal, DSTs/AIDS, relacionamento familiar, direitos e deveres das adolescentes, gravidez na adolescência, drogas, alimentação, auto-estima, higiene corporal, prevenção de acidentes, preparação psicológica para o parto, puericultura, importância do pré-natal e aleitamento materno.

4.3 Sujeitos do estudo

Foram estudadas famílias de adolescentes grávidas, na faixa etária de 10 a 19 anos, atendidas no NASA, no período de setembro de 2009 a janeiro de 2010. Os critérios de não inclusão foram adolescentes com distúrbios mentais e/ou auditivos e de linguagem, condições que normalmente comprometem a comunicação e, de alguma forma, repercutem na estrutura e dinâmica da família.

4.4 Técnicas e instrumentos de estudo

Este estudo utilizou a fala como fonte principal de dados. Minayo (2007) ressalta a palavra como símbolo de comunicação, por excelência, e de interação na situação de entrevista, sendo parte fundamental da investigação qualitativa.

Nessa mesma linha, Maturana e Varela (2007, p. 233) ressaltam que “[...] para o observador as palavras em geral denotam elementos do domínio comum entre seres humanos, sejam objetos, estados de ânimo, intenções.”

A pesquisadora, durante a entrevista, buscou o significado das falas e o sentido das opiniões dos membros, sempre devolvendo à família a responsabilidade de tornar mais clara a mensagem. Ao mesmo tempo, provocava a circularidade dos temas levantados pela família, fazendo que todos se manifestassem a respeito dos referidos temas, construindo, assim, a história da família com a visão de cada membro presente.

As técnicas utilizadas para a apreensão das falas, nesta pesquisa, foram as entrevistas. Os tipos de entrevistas utilizados foram: estruturada, semi-estruturada e aberta. As duas primeiras foram realizadas com as adolescentes no NASA.

A entrevista estruturada objetivou conhecer os dados de identificação, socioeconômicos e culturais. A entrevista semi-estruturada foi realizada com a adolescente, no sentido de oferecer uma oportunidade de fala individual, sem a presença da família, buscando a identificação de situações de violência familiar, abuso e outros fatos relevantes.

Em média, duravam 40 minutos. A entrevista aberta foi realizada em grupo, com as famílias, em suas residências. Nessa oportunidade, foi também realizada a observação de campo. Esse encontro teve duração média de 2 horas, contadas a partir do momento que a pesquisadora chegava à residência.

As entrevistas semi-estruturadas e abertas foram gravadas e posteriormente transcritas, buscando garantir fidedignidade de reprodução das falas. O gravador não pareceu inibir nem as adolescentes, nem suas famílias. Depois de um primeiro momento, o gravador ficava esquecido e todos participavam da entrevista de forma espontânea.

Construiu-se o genograma, envolvendo três gerações, e fez-se a observação de campo visando a uma maior apreensão da realidade familiar.

A escolha dessas técnicas buscou atender à proposta de triangulação, na tentativa de ampliar a compreensão dos dados coletados e garantir confiabilidade ao estudo. Por triangulação, compreende-se “a combinação de múltiplos pontos de vista e de uma variedade de técnicas de coletas de dados que acompanha o trabalho de uma investigação” (DESLANDES; ASSIS, 2002, p. 215).

Os instrumentos utilizados para atender às técnicas escolhidas foram: questionário estruturado (APÊNDICE A), roteiro de entrevistas semi-estruturadas individuais (APÊNDICE B), roteiro de entrevistas abertas com o grupo familiar (APÊNDICE C) e roteiro de observação de campo (APÊNDICE D).

4.5 Coleta de dados

A pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira, consistiu no contato inicial com as adolescentes e seus responsáveis no momento da consulta de pré-natal no NASA. Nesse primeiro momento, foi feito o convite, apresentada a proposta do estudo e explicado em que consistiria a participação da adolescente e de sua família. Cumprida essa etapa preliminar, era preenchido o questionário estruturado, com o propósito de conhecer as características socioeconômicas e culturais das adolescentes e, em seguida, era realizada uma entrevista semi-estruturada, individual, com o objetivo de uma primeira aproximação da história de vida tópica, abordando o período da gravidez. Buscou-se identificar questões relacionadas à estrutura familiar e oferecer uma oportunidade de fala individual, sem a presença da família, possibilitando a identificação de situações de violência familiar, abuso e outros fatos relevantes. Foram entrevistadas, nessa etapa, 15 adolescentes e destas selecionadas oito que participaram da segunda etapa. A seleção buscou contemplar as diferentes características

encontradas e a amostra final atendeu ao critério de saturação.

Na segunda etapa foram realizadas visitas domiciliares previamente agendadas. O convite era feito solicitando a presença de todos os membros possíveis, residentes ou não. Para tanto, as entrevistas foram marcadas nos finais de semana, mantendo-se contato, por telefone, quando havia alguma mudança na disponibilidade da família. Nessa etapa, foram realizadas oito entrevistas abertas, em grupo, com as adolescentes e suas famílias, com a presença, preferencialmente, de membros de três gerações e na ocasião era construído o genograma familiar.

4.6 Considerações éticas

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (HUUFMA), e realizada em conformidade com as exigências da Resolução CNS nº 196/96 e suas complementares, em vigor em todo o território nacional (ANEXO).

As entrevistas foram realizadas após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE E).

As adolescentes entrevistadas receberam um nome com a letra “L”, para facilitar a organização dos dados e proteger suas identidades e de seus familiares, garantindo assim o sigilo.

4.7 Análise dos dados

Para a análise dos dados foi utilizada Análise de Conteúdo na modalidade de Análise Temática. Segundo Minayo (2007), fazer análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado. O critério fundamental da análise de conteúdo é a fragmentação singular do texto. Portanto, as falas, ao serem transcritas, transformam-se em texto e, a partir da utilização de suas unidades mais simples (palavras, termos ou frases), vão constituir uma síntese condensada da realidade, e revelam as sutilezas contidas nas mensagens, observando-se que aquilo que pode não estar explicitado possa ser inferido (CHIZZOTTI 2006).

Corroborando com o ensinamento desses autores, Bardin (2002, p. 38) refere-se à análise de conteúdo como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que

utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.”

A análise temática ocorreu em três etapas. A primeira, foi a pré-análise. Nesta etapa, foi feita a transcrição das entrevistas, transformando as falas em texto com sentido e significado.

Na segunda etapa, foi realizada a leitura flutuante, promovendo um contato exaustivo com o material reunido e a apreensão gradativa do conteúdo em busca das idéias centrais. Nessa etapa, foi constituído o Corpus reunindo o material das falas transformadas em texto, dos genogramas familiares e dos diários de campo e feita a exploração do material.

Na terceira etapa, os dados foram classificados. Primeiro, a partir das categorias analíticas, pré-estabelecidas em função dos objetivos propostos, de onde foram retirados os núcleos de sentido, e depois, em uma análise mais aprofundada, de onde foram apreendidas as categorias empíricas. As categorias empíricas foram interpretadas a partir do diálogo com o quadro teórico de abordagem sistêmica, permitindo uma interface entre o estudado e o encontrado.

4.8 A entrada no campo de pesquisa: entrevista aberta com a família e a construção do genograma

A visita familiar, agendada previamente, na grande maioria dos casos, transcorria, de início, como se fosse uma visita rotineira. A família acomodava-se na sala, em torno da pesquisadora, demonstrando certa expectativa quanto ao que de fato iria ali acontecer. Depois dos cumprimentos e apresentações, a pesquisadora, de forma agradecida, por estar sendo recebida pela família, apresentava o motivo e o propósito de sua visita. Logo após, convidava a família para iniciar a construção do genograma.

Iniciava-se a construção do genograma, em primeiro lugar, desenhando graficamente todas as pessoas pertencentes a família, com as respectivas idades, ordem de nascimento, ocupações, condição especial, abortos e acontecimentos importantes que marcaram a família, como mortes, doenças, acidentes, separações.

Os membros da família demonstravam bastante curiosidade, quanto àquele “quadro com papel” e o com o que seria feito com ele. Depois, pareciam intrigados quando a pesquisadora dizia que ali iria ser construído o mapa da família. Então, apresentava-se a representação gráfica deles no quadro: quadrados para os homens e círculos para as mulheres.

Depois do registro dos primeiros dados e da representação gráfica da família, solicitava-se que contassem sua história, que seria gravada para não serem esquecidos

detalhes importantes. À medida que as lembranças da história familiar iam sendo evocadas, as famílias visualizavam sua trajetória na linha do tempo, tornando a conversa mais espontânea, facilitando a interação entre entrevistadora e entrevistados, ao mesmo tempo em que se assinalavam no quadro, sempre que necessárias, algumas informações, sem perder o roteiro já internalizado para contemplar amplamente o tema.

A construção dos genogramas envolveu três gerações. Sua feitura, na ausência de representantes das gerações na reunião, ou por morte, ou por morarem no interior, ou por separações, ou por terem sido banidos da família, ou ainda por não quererem participar, contava com a memória dos participantes.

Após a entrevista, fazia-se o registro no diário de campo de todas as impressões passadas pela família, como também de situações significativas da entrada e permanência da pesquisadora no espaço familiar, bem como da sua saída.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como apresentado, com base em vários autores, a estrutura e o padrão da organização da família, onde os membros vivem suas pautas interacionais, não são percebidos facilmente, uma vez que essa estrutura é constituída por um conjunto de regras invisíveis que controla o comportamento dos membros.

Assim, a ordenação dos resultados, de forma clara, não constituiu tarefa fácil. No entanto, a base teórica oferecida por diversos autores facilitou a interpretação, o entendimento e a organização dos resultados e das categorias empíricas encontradas, que se passa a desenvolver nesta parte do estudo.

A apresentação inicial dos resultados dar-se-á pelos dados socioeconômicos e culturais das adolescentes e suas famílias, assim como pelas sínteses de suas histórias, buscando a construção do seu contexto familiar. A pesquisadora entrevistou, em 08 famílias, 35 pessoas, o que perfaz uma média de 4,3 pessoas por família.

5.1 As famílias estudadas

5.1.1 Dados socioeconômicos e culturais

As adolescentes das famílias estudadas encontram-se na faixa etária de 15 a 18 anos. Todas são estudantes, apresentando escolaridade mínima de 5ª série do ensino fundamental e escolaridade máxima de 1º ano do ensino médio.

No que diz respeito ao estado civil, apresentaram-se quatro delas como solteiras, por continuarem na casa dos pais, mas com compromisso com o pai do bebê e as outras quatro com união estável.

Quanto à raça e cor da pele, quatro delas se definiram como negras de cor parda, duas como brancas de cor branca e duas como brancas de cor parda.

As adolescentes, no item profissão de uma fé, todas se consideraram cristãs, sendo a maioria de religião católica; uma delas declarou estar freqüentando a Igreja Universal e outra, declarou-se evangélica.

A renda familiar da maioria das famílias das adolescentes é de um a três salários mínimos, tendo uma delas apresentado uma renda familiar maior que três salários (todos estes dados estão configurados no quadro 1).

FAMÍLIA	IDADE	ESCOLARIDADE	SITUAÇÃO CONJUGAL	OCUPAÇÃO	RAÇA	RELIGIÃO	PARTICIPANTES DA ENTREVISTA FAMILIAR	PAPEIS NA FAMÍLIA	RENDA FAMILIAR
LANA	18a	8ª série	Solteira com compromisso	Estudante	Negra cor parda	Frequentou a Igreja Universal	Três (03)	Mãe, irmã e Adolescente	R\$ 850,00
LIA	15a	1º ano EM	Solteira com compromisso	Estudante	Negra cor parda	Católica	Sete (07)	Pai, mãe, avô pat., tia mat., meia-irmã mat., irmão e adolescente	R\$ 930,00
LAURA	17a	8ª série	União estável	Interrompeu estudos	Negra cor parda	Católica	Quatro (04)	Mãe, pai, adolescente, companheiro	R\$ 750,00
LUCIA	16a	8ª série	Solteira com compromisso	Estudante	Branca cor parda	Evangélica	Três (03)	Avô (mãe substituta), avô adotivo/ tio biológico (pai substituto) e adolescente	R\$ 1.600,00
LENA	16a	1º EM	União estável	Estudante	Branca cor branca	Católica	Três (03)	Mãe, irmã gêmea e adolescente	R\$ 550,00
LORENA	15a	8ª série	União estável	Interrompeu os estudos	Negra cor parda	Católica	Cinco (05)	Avô, avó e tia paternos e pai da adolescente.	R\$ 600,00
LETICIA	17a	Supletivo (5ª e 6ª séries)	Solteira com compromisso	Estudante	Branca cor branca	Católica	Quatro (04)	Bisavô mat. (mãe subst.), tia avô mat., mãe e adolescente	R\$ 600,00
LARA	16a	1º ano EM	União estável	Estudante	Branca cor parda	Católica	Oito (08)	Avô, avó e tia-avô mat., mãe, meia-irmã mat., primo, tio por afinidade (cunhado da mãe) e adolescente	R\$ 1.600,00

Quadro 1 – Distribuição das adolescentes, segundo dados socioeconômicos e culturais

5.1.2 A síntese das histórias familiares e os genogramas

5.1.2.1 Síntese da família de Lana

A entrevista foi realizada na casa de Lana, com a presença de sua mãe, da adolescente e de uma de suas duas irmãs (a segunda, pela ordem de nascimento).

A casa é pequena, pouco mobiliada, onde moram a adolescente, sua mãe, suas duas irmãs mais velhas (21 e 20 anos), e três sobrinhos, dois da irmã mais velha e um da irmã do meio. A entrevista foi realizada na cozinha, único espaço disponível naquele momento.

A adolescente se apresentou como solteira, com compromisso com o pai do bebê, e encontra-se no 7º mês de gravidez.

Apesar da separação dos pais da adolescente, a vida familiar foi descrita com a presença do pai que, segundo relataram, participa da vida em família, frequentando a casa semanalmente.

Na entrevista, a mãe inicia a história da família falando sobre seus pais, avós da adolescente, já falecidos. O avô materno era alcoolista e foi descrito como duro e esbravejador (agredia com palavras). Quando bebia era agressivo e brigava muito com a avó, que foi descrita como rígida, porém carinhosa.

A mãe da adolescente, ao falar de sua história na família de origem, relatou que foi criada de forma rígida e moralista; foi obrigada a casar aos 15 anos, “sem ter feito nada”, porque o namorado teria inventado que ela estava grávida dele. Separou-se após três anos de casamento e juntou-se com o pai de suas filhas, com quem viveu 17 anos.

A mãe da adolescente foi alcoolista durante oito anos, tendo justificado o início do alcoolismo com a perda do último filho, natimorto.

A etapa do ciclo familiar, em que se iniciou o alcoolismo materno, foi a fase em que as filhas se encontravam nas idades de sete, nove e dez anos e estendeu-se até a adolescência destas. O comportamento de beber da mãe era punido pelo marido com surras que chamavam a atenção dos vizinhos. As filhas relataram o sofrimento de conviver com a mãe nessa situação, com as brigas do casal e com as críticas dos vizinhos que, segundo elas, zombavam da situação da família com os escândalos. Sentiam-se envergonhadas.

Na fase da adolescência das filhas, as crises aumentaram entre a mãe e o pai da adolescente, ocasião em que ocorreu a gravidez das filhas mais velhas, justificada pelo desejo de sair de casa, de emancipar-se, de livrar-se da autoridade materna e do ambiente alcoolista, conforme relatado.

As situações de conflito entre os pais giravam normalmente em torno das demandas da adolescência das filhas, que ressaltaram que a mãe, nessa fase, manteve a mesma forma de controle utilizada quando eram pequenas, sem flexibilizar para comportar as demandas da adolescência. Dessa forma, a saída das filhas para festas e outros eventos gerava brigas entre o casal: a mãe queria controlar as saídas das filhas; o pai queria liberá-las, desautorizando a mãe. O alcoolismo da mãe aparece como pano de fundo no cenário das brigas do casal, refletindo nas filhas e provocando, segundo elas, um mal-estar em todos da família.

Essa situação conflituosa resultou na decisão do pai em sair de casa, separando-se da mãe que, com a saída do marido, deixou de beber.

Em relação ao afeto entre os membros da família, as filhas se consideram muito ligadas ao pai e o descreveram como carinhoso, não só com elas, mas também com a mãe (apesar do relato de muitas agressões do pai contra a mãe, quando esta bebia).

Do mesmo modo, em relação à mãe, demonstraram apego. Apesar da história do alcoolismo, existem o reconhecimento das filhas do cuidado materno e respeito por ela.

Os pais, mesmo separados, segundo o relato da família, são amigos e desempenham seus papéis junto às filhas e netos sem maiores problemas.

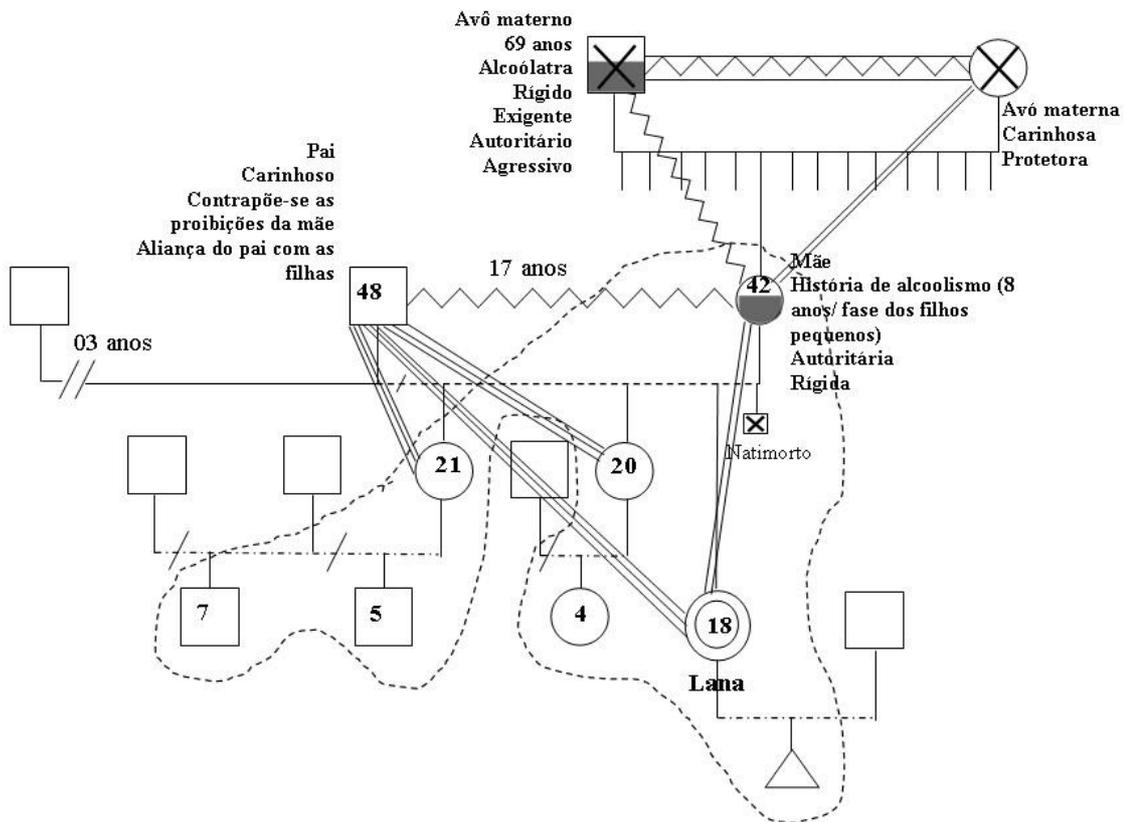


Figura 1 - Genograma da família de Lana

5.1.2.2 Síntese da família de Lia

A entrevista foi realizada na casa de Lia, com a presença dos pais, da avó paterna, de uma tia materna, da irmã de Lia, por parte de mãe (18 anos), do irmão caçula (14 anos) e da adolescente.

A casa é simples, mas bem cuidada. Nela moram os pais, o irmão caçula, a meia-irmã (que mora há um ano com a família) e a adolescente. A renda familiar é de dois salários mínimos.

Lia tem 15 anos e cursa o 1º ano do ensino médio; está no 6º mês de gravidez, e se qualifica como solteira com compromisso com o pai do bebê.

A mãe inicia seu depoimento pela própria história de gravidez na adolescência, aos 16 anos, marcada pela rejeição e pelo rompimento com a família, principalmente com a mãe (avó de Lia). Relata que, em um primeiro momento, foi posta para fora de casa pelos pais (avós de Lia), em razão da gravidez. O pai, depois, arrependido, trouxe-a de volta, registrou a criança em seu nome, e deu-lhe a assistência necessária. Porém, com a mãe, o relacionamento não foi mais o mesmo. Diante disso, ela acabou mudando-se para a Capital, deixando a filha

aos cuidados da irmã mais velha e da mãe (avó de Lia).

A história de gravidez da mãe de Lia é usada como discurso preventivo de gravidez na família nuclear e na família de origem materna. Tal acontecimento repercutiu em todo o sistema familiar, servindo de exemplo para as irmãs mais novas. Dessa forma, a mãe de Lia, em seu sistema de origem, parece figurar como a ovelha negra da família por quebrar regras importantes do sistema familiar.

A irmã de Lia, fruto da gravidez adolescente da mãe, que foi criada pela família de origem materna (tia e avó), apresenta um discurso notadamente diferente do discurso de Lia. Ao serem inquiridas a respeito do efeito distinto da história de gravidez da mãe sobre elas, ambas enfatizaram o fato de terem sido criadas em núcleos familiares diferentes, como se isso fosse uma resposta ao fato de uma ter engravidado e a outra não.

Observa-se no relato da família que a gravidez precoce na família de origem materna é vista como algo absolutamente inaceitável, já na família de origem paterna a gravidez parece ser naturalizada; parece ser vista como algo comum, mesmo não sendo aprovada, e quase inevitável na família. O pai diz que, na família dele, a mãe engravidou aos 16 anos, a irmã engravidou aos 16 anos e agora a filha engravidou aos 15 anos, e conclui: “ta sendo tipo assim, hereditário”.

A avó paterna participa das situações da família com poder de decisão e continua pondo seus cuidados maternos como essenciais para o filho e a família dele.

A família nuclear, com a atuação da família extensa sobre ela, apresenta fronteiras difusas, observadas pela intrusão tanto da tia materna quanto da avó paterna que entram no sistema com o poder de interferir, de determinar e criticar a ação dos pais.

Os pais são apontados como incompetentes para impor limites, fracos diante da adolescente, sem conseguirem controlar suas vontades. Tanto a avó quanto a tia concordam que a adolescente consegue tudo o que quer com os pais. A tia materna fala que tem pena da irmã, porque a filha a faz sofrer, e se a adolescente fosse filha dela, teria ela o controle, porquanto iria puni-la, como eles não conseguem fazê-lo.

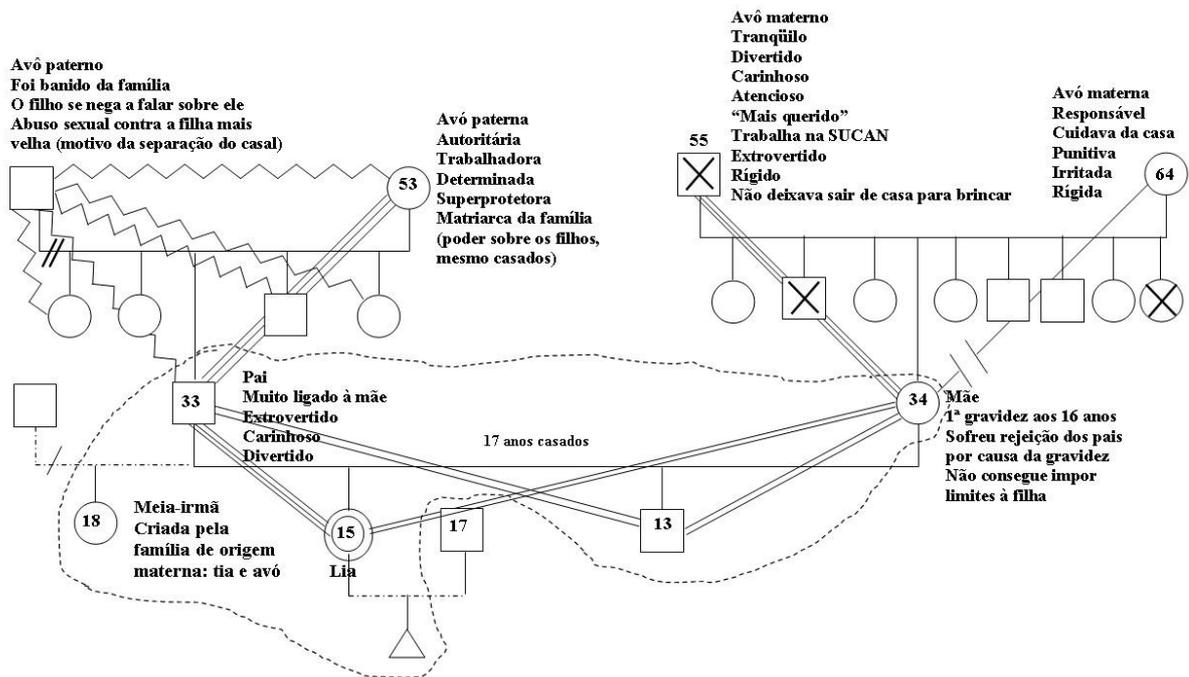


Figura 2 - Genograma da família de Lia

5.1.2.3 Síntese da Família de Laura

A entrevista foi realizada na casa dos pais de Laura com a presença deles e do seu companheiro.

Os pais residem num bairro violento. Segundo relato da família, um irmão da adolescente foi assassinado há três meses, com 19 anos de idade. Confirmando a referida violência do bairro, no momento em que se estava entrevistando a família, ouviram-se tiros e correrias à porta, tendo os familiares informado que era um acerto de contas entre grupos do bairro.

A adolescente tem 17 anos e interrompeu os estudos na 8ª série. Teve uma primeira gestação aos 15 anos, de outro relacionamento, que não foi a termo, em consequência de um aborto espontâneo. Está grávida pela segunda vez e vive em união estável com o companheiro de 28 anos. A mãe é empregada doméstica, e o pai vende banana na feira.

Laura, em presença do companheiro e da família, não respondeu a nenhuma pergunta, não interagiu com a situação de entrevista familiar. Manteve-se todo o tempo em silêncio, mesmo quando se fazia uma pergunta a ela.

Por outro lado, na situação de entrevista individual, falou pouco, mas respondeu todas as perguntas e revelou que o pai batia muito nos filhos, e que ninguém gostava dele. No

tocante ao relacionamento dos filhos com os pais, ressaltou ainda, em relação a uma de suas irmãs (quinta de sete filhos do casal), que esta sofria injustiça em casa, era rejeitada pelos pais, e que, por sua vez, era agressiva com a mãe. Essa mesma irmã teve cinco filhos de pais diferentes.

A mãe, ao falar sobre a família de origem, descreveu sua mãe, avó da adolescente, como punitiva, controladora, extremamente rígida: batia nos filhos de “segundo a segundo”. Enquanto o seu pai era tido como amoroso, acolhedor, agradável, aberto ao diálogo com os filhos.

A respeito de sexualidade e namoro relata que sua mãe (avó de Laura), no que se refere à gravidez precoce, tinha um discurso firme, sempre repetido: “eu não vou criar filho de ninguém”.

Essa postura da sua mãe marcou, tanto ela quanto as irmãs, levando-as a dizer entre si que, nunca teriam filhos cedo e nem os dariam à mãe para que fossem criados por ela.

Entretanto, ela mesma cria quatro netos (da quinta filha, citada anteriormente), e diz que hoje, é diferente: “elas deixam os filhos na porta da gente e vão embora.”

O pai de Laura, pouco participou da entrevista. Não se acomodou na sala; permanecendo de pé, respondeu a algumas perguntas sobre sua família de origem. Disse que foi criado pelos avós; que a avó era muito rígida, batia muito nele; que teve uma irmã que casou com 11 anos. Acha que, apesar de tudo, foi feliz quando menino, e que brincou muito, jogou muita bola. E conclui: “não é como essa juventude de hoje”.

Não permaneceu muito tempo na sala e logo se retirou deixando pouca informação sobre sua relação com os filhos.

A mãe, apesar de ter dado atenção à entrevista, falou sobre a sua família de origem com mais espontaneidade do que sobre a sua família nuclear, e não deu muita informação de como ela e o marido criaram os filhos.

Na relação dela com os filhos, limitou-se a dizer que se considerava como o pai dela (avô de Laura), que era mais de conversar com os filhos. Contudo, apesar dessa declaração, pareceu intimidar a filha.

Também, em momento algum falou da agressividade do marido com os filhos. A filha, entretanto, revelou na entrevista individual a violência do pai com os filhos.

Teve-se a impressão, durante a entrevista da família, que a adolescente apresenta extrema submissão à autoridade materna, tendo esta, durante a entrevista, confirmado essa impressão, quando disse que: “agora ela deve obediência ao marido”.

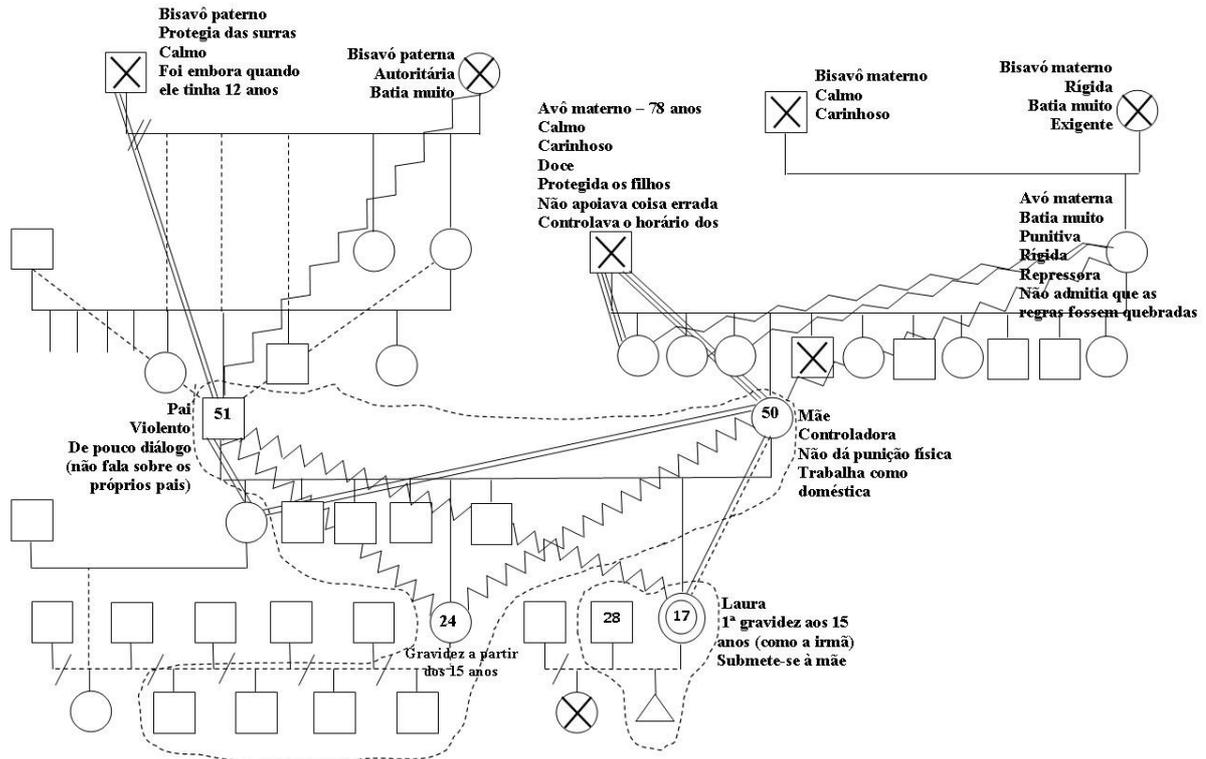


Figura 3 - Genograma da família de Laura

5.1.2.4 Síntese da Família de Lúcia

Lúcia mora em uma casa de seis cômodos com a avó (sua mãe adotiva) e com o companheiro desta (pai adotivo e tio biológico de Lúcia). A mãe de Lúcia mora em outro Estado e não participou da educação da filha.

A adolescente tem 16 anos, faz a 8ª série e qualifica-se como solteira com compromisso com o pai da criança. A avó é costureira e o companheiro da avó trabalha com embarcação pequena, transportando turistas.

Na família de Lúcia, os papéis apresentam-se da seguinte forma: a sua avó faz o papel de mãe; o companheiro da avó (há vinte e dois anos) faz papel de pai; a mãe faz o papel de irmã mais velha e o pai biológico, que é irmão do companheiro da avó, mantém pouco contato com a adolescente.

Dessa forma, quando a avó (mãe substituta) fala da bisavó de Lúcia é como se falasse da avó. A história da bisavó adquire uma proximidade nas conversas familiares, como se fosse uma avó. É como se pulasse uma geração, têm-se quatro gerações como se fossem três.

A bisavó era dona de casa. Aparece na narrativa como exigente, dura, opressora, distante dos filhos, controladora e pouco afetiva. A explicação que os filhos, depois de

grandes, encontraram é que ela também foi criada sem afeto, porque foi criada pelos irmãos. O bisavô era pescador, descrito como carinhoso, interessado pela educação dos filhos, amável, mais chegado ao diálogo.

A avó de Lúcia admite que criou as filhas com padrão rígido, punitivo e dominador (reproduzindo o modelo de violência da sua mãe, bisavó de Lúcia). Lúcia, por sua vez, descreve a avó (mãe substituta), como trancada e o avô adotivo (pai substituto), como amoroso.

A história da avó de Lúcia começa aos 13 anos, quando sai de casa, para casar, na esperança de ter mais autonomia. Viveu 15 anos com o primeiro marido, teve cinco filhos e separou-se. Depois passou a viver em união estável com o atual companheiro, com o qual está há 22 anos.

A mãe de Lúcia engravidou aos 16 anos, sendo Lúcia fruto dessa gravidez. O pai de Lúcia é irmão biológico do companheiro de sua avó, como referido. A gravidez da mãe de Lúcia trouxe muitos transtornos para a avó e para o companheiro desta. Pensaram em aborto, mas depois resolveram assumir a criança como pais adotivos. Depois do nascimento da filha, a mãe de Lúcia foi morar em outro Estado com uma irmã.

A avó conta que ter assumido o papel de mãe da sua neta, e o companheiro, tio biológico, ter assumido papel de pai “salvou seu casamento”, uniu o casal.

Acredita que criou a neta de maneira diferente das filhas, com mais flexibilidade, mais compreensão. Relata também que a experiência de criar a neta fez que ela sentisse necessidade de se aproximar das filhas, de ter com elas um diálogo que nunca tinha tido antes. Para tanto viajou até Brasília onde elas residiam.

A avó de Lúcia atualmente tem 49 anos e engravidou pela primeira vez aos 13 anos; a mãe de Lúcia tem 32 anos e engravidou pela primeira vez aos 16 anos e Lúcia, por sua vez, engravidou, como a mãe, aos 16 anos.

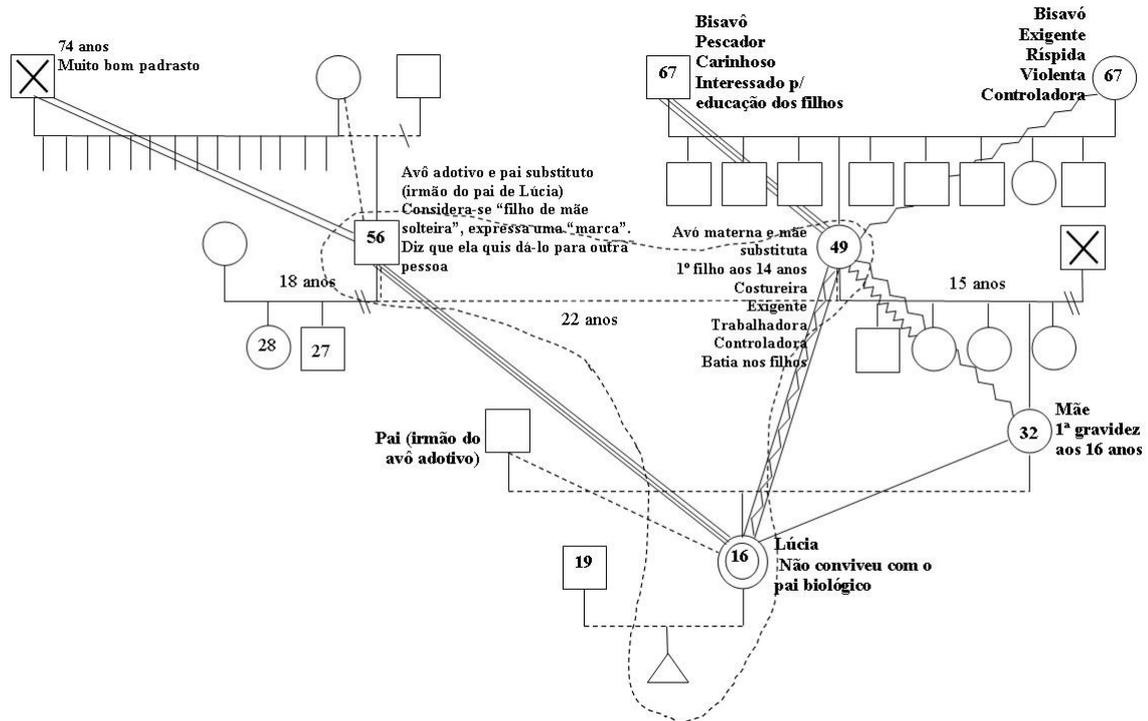


Figura 4 - Genograma da família de Lúcia

5.1.2.5 Síntese da Família de Lena

A adolescente, até dois meses atrás, morava com a mãe, com sua irmã gêmea e seus dois irmãos menores, de sete e seis anos, em um pequeno quarto alugado, motivo pelo qual optaram em realizar a entrevista na residência da família do companheiro de Lena, onde esta reside no momento. Participaram da entrevista, a adolescente, sua mãe e sua irmã gêmea.

Lena tem 16 anos e está no 1º ano do ensino médio. No que se refere à situação marital, diz ter uma relação estável com o pai do seu filho desde que engravidou.

A mãe é empregada doméstica; o pai trabalha em uma empresa publicitária, mas, de acordo com o relato, nunca fez parte da convivência familiar, tendo feito um primeiro contato com as filhas quando tinham cinco anos. A mãe ajuizou uma ação contra o pai, visando a uma pensão alimentícia. Outros contatos do pai com as filhas somente aconteceram quando elas eram adolescentes. Essa distância do pai levou-as a se sentirem por ele abandonadas.

Os avós maternos de Lena eram lavradores. A mãe descreveu o avô como protetor e amoroso com os filhos e a avó como rígida, exigente e autoritária. O avô materno era alcoolista e, quando bebia, agredia a avó. Esta, depois de 20 anos de casamento, abandonou o marido e os filhos. A mãe de Lena era a caçula dos filhos e nunca perdoou a mãe por tê-la

abandonado, dizendo, ainda, que: “nunca vai ter amor de filha por ela”.

Depois que a avó abandonou o lar, o avô parou de beber. A mãe deu ênfase ao fato de que o avô não se recasou enquanto os filhos precisaram dele. Também enfatizou que ele levantava às 4h da manhã e trabalhava até à noite, para prover os filhos.

A mãe de Lena criou os filhos praticamente sozinha: relacionou-se durante dois anos com o pai de Lena e de sua irmã gêmea e, com o pai dos outros dois filhos, relacionou-se 3 anos. Falou de sua experiência de vida com amargura. Disse que gostaria de ter estudado, mas não pôde fazê-lo por ter engravidado. Transferiu para as filhas o compromisso de “estudo-emprego”, e a gravidez na adolescência é vista como um impedimento a esse projeto de vida.

Em relação ao pai, Lena demonstra sentimento de ter sido abandonada e repete a mesma frase da mãe em relação à avó, dizendo que: “nunca vai ter amor de filha por ele.”

A mãe de Lena tem 46 anos e engravidou pela primeira vez aos 29 anos.

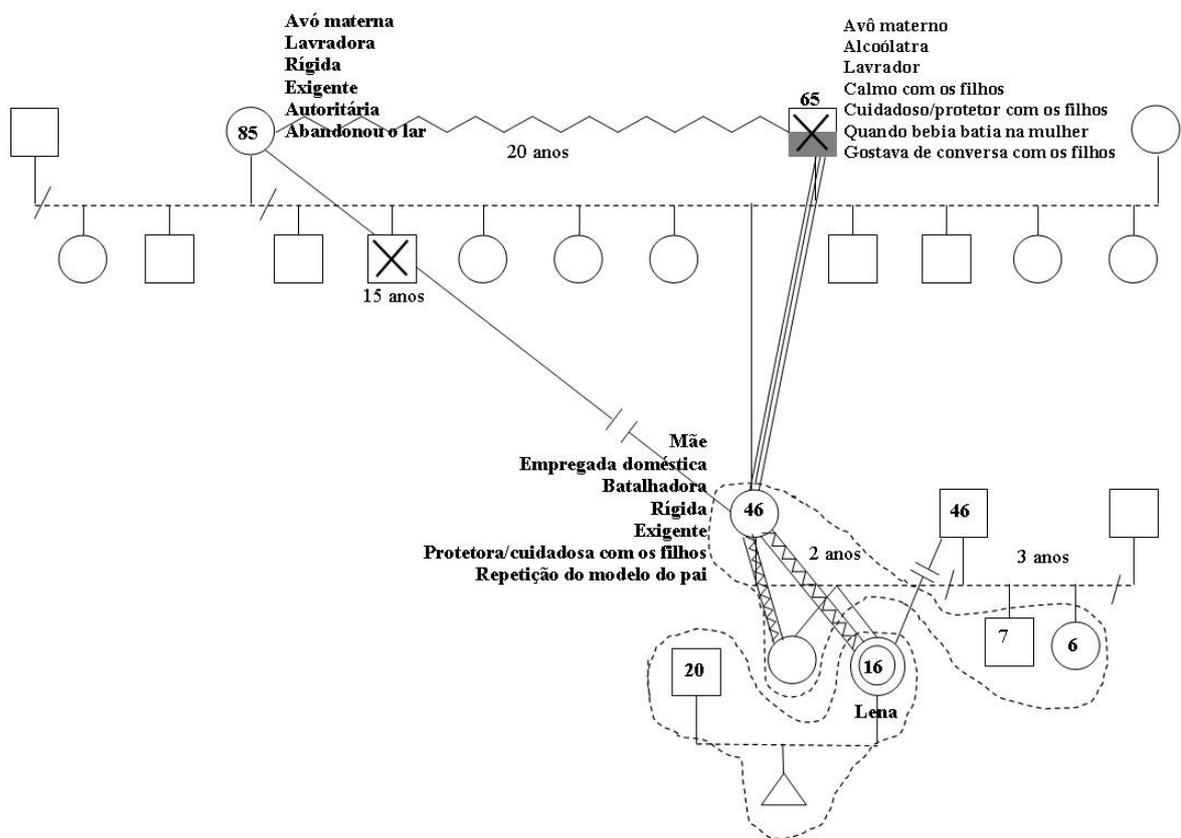


Figura 5 - Genograma da família de Lena

5.1.2.6 Síntese da família de Lorena

A entrevista foi realizada na casa dos avós paternos, reunindo os avós, o pai, e uma tia paterna. Lorena e sua mãe ficaram de comparecer, mas não compareceram. Durante a entrevista ficou claro que a presença da mãe de Lorena não era aceita na família paterna.

Lorena tem 15 anos, mora há cinco meses com a família do pai do seu filho. Interrompeu os estudos na 8ª série, depois que saiu da casa dos avós paternos, onde morava com o pai até cinco meses atrás. Referindo-se ao ambiente familiar, onde se encontra agora, relatou de forma espontânea que recentemente agentes policiais levaram seu companheiro e outros membros da família dele à delegacia de polícia, por terem encontrado maconha no quintal da casa deles, bem como uma arma, que teria sido usada em um crime. Acrescentou, ainda, que só não a levaram também porque estava grávida.

A saída de Lorena da casa dos avós foi precipitada por conflitos com o pai, por causa do namorado, motivo por que saiu de casa para morar com este, mesmo antes de engravidar.

Lorena tem dois irmãos da família nuclear: uma irmã que morreu atropelada aos 15 anos e um irmão de 14 anos. Por parte de pai, tem mais dois irmãos: o primeiro, uma jovem de um relacionamento anterior do pai, hoje com 20 anos, acometida de uma doença degenerativa, e o segundo, um menino atualmente com seis anos de idade, fruto de um relacionamento do pai após o rompimento com sua mãe.

Quando Lorena tinha oito anos, os seus pais se separaram. Desde então, ela foi morar com o pai, na casa dos avós, junto com seu irmão e com sua irmã mais velha.

A mãe é considerada referência negativa, a família paterna menciona o envolvimento dela com drogas. Foi afastada dos filhos pelo pai e pelos avós paternos, mas, como morava nas proximidades, sempre via a filha e o filho, tentando se aproximar deles. A adolescente, a partir de 12 anos, começou a se aproximar da mãe novamente. O companheiro da mãe é ex-presidiário e também tem envolvimento com drogas, de acordo com o relato dos avós paternos.

Os membros da família ressaltaram que Lorena apresentou mudanças depois que ela entrou na adolescência e, ao mesmo tempo, associaram as mudanças com a sua aproximação da mãe. Afirmaram que ela mudou de carinhosa para agressiva, e que passou a adotar comportamento, de acordo com a tia, inaceitável, tal como: ficar na casa do namorado trancada no quarto com ele durante horas. A família acredita que a aproximação dela com a mãe mudou seu comportamento.

A avó de Lorena disse que ela é muito preguiçosa, desinteressada nos cuidados com a irmã mais velha, que precisa de atenção especial, e não tem disposição de ajudar nas tarefas domésticas.

O pai trabalha como pedreiro; apresenta uma postura agressiva e intimidadora; faz uso de bebida alcoólica e estava de ressaca no dia marcado, por ele, para a entrevista. Em relação ao afastamento da filha do seio familiar, propôs a ela que retornasse para casa, mas sem se dispor a reconhecer o neto.

O irmão de Lorena, de 14 anos, conforme o avô, é violento; assume o andar e o jeito de malandro; já bateu na mãe, e o vizinho se queixou do comportamento agressivo dele. O avô mantém-se à distância dos conflitos, dizendo que não quer se intrometer na questão dos netos.

O avô de Lorena se apresentou como “o querido de todos”. Nunca gostou de bater nos filhos, nem se envolve com cobranças, nem de filhos nem de netos. A avó foi descrita como disciplinadora, protetora, cuidadora dos filhos e do marido. O avô elogiou a esposa dizendo que “ela é tudo pra ele; é mulher, mãe, irmã.”

Durante a entrevista, o avô apresentou mais interesse em falar do passado, do reconhecimento do seu trabalho, já que era tido como um dos melhores sapateiros da cidade; da sua condição financeira, uma vez que podia colocar os filhos em bons colégios, embora se queixasse do desinteresse dos filhos, que não quiseram aproveitar as oportunidades. Dessa forma, durante a entrevista, insistia em falar de suas conquistas e aquisições, falando de um tempo áureo.

Quando se conseguia que os membros da família falassem da situação de engravidamento da adolescente, queixavam-se do seu comportamento, mas não manifestavam nenhuma forma de preocupação. O pai, por outro lado, participou pouco – ficou à parte. As pessoas da família pareciam temer sua reação, motivo por que sinalizaram para que não se insistisse em incluí-lo na entrevista, dando a entender que ele ainda estava sob efeito de álcool.

Ressalta-se que a mãe de Lorena engravidou pela primeira vez aos 16 anos e, no momento, está com 35 anos.

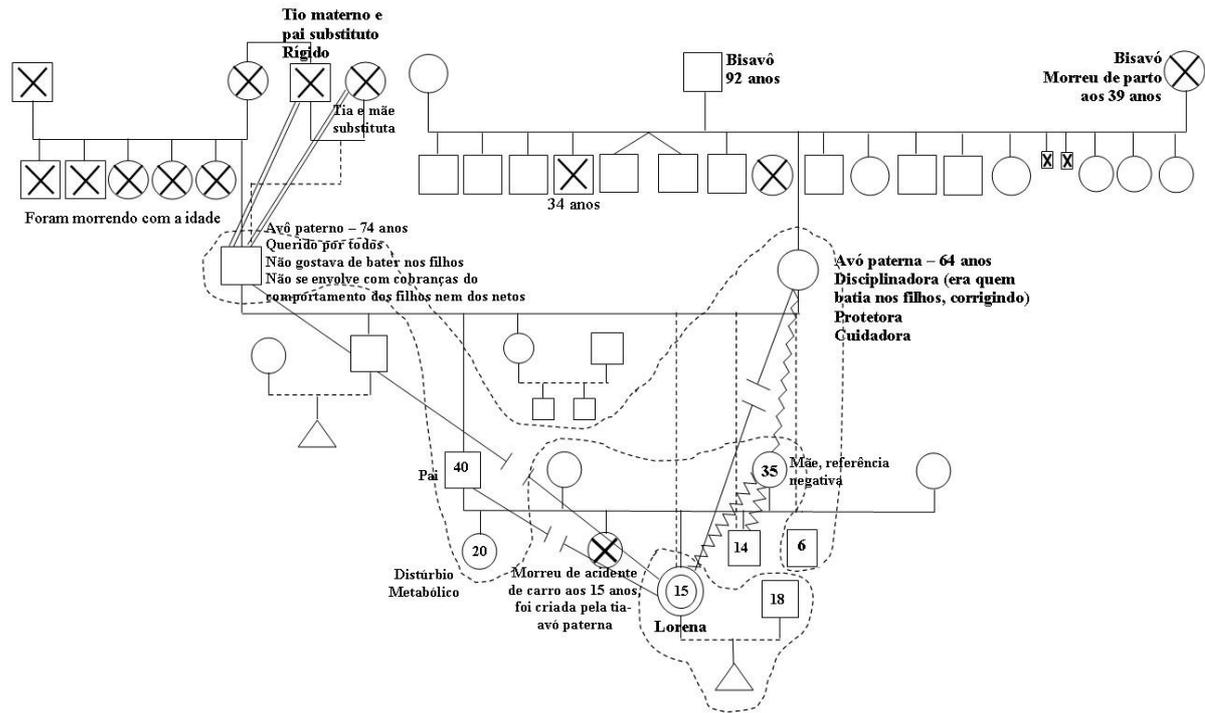


Figura 6 - Genograma da família da Lorena

5.1.2.7 Síntese da Família de Letícia

A entrevista foi realizada na casa da bisavó de Letícia, onde ela mora. Participaram da entrevista: a bisavó, de 80 anos, a tia-avó, a adolescente e a mãe, que chegou ao final da entrevista.

Letícia tem 17 anos; interrompeu o supletivo de 5^a e 6^a séries, que estava cursando; apresentou-se como solteira com compromisso, tendo o seu companheiro, pai do bebê, 38 anos e está desempregado. Letícia está grávida pela segunda vez; a primeira, foi aos 15 anos, tendo a criança nascido morta em consequência de uma queda da mãe.

A família de Letícia apresenta quatro gerações, convivendo em um mesmo espaço, com papéis pouco definidos. O papel materno acaba por concentrar-se na bisavó que criou a mãe de Letícia (sua neta), Letícia (sua bisneta) e agora, aos 80 anos, aguarda a quinta geração pela segunda vez, quer dizer, um tataraneto.

A adolescente mora, portanto, com os bisavós maternos, com o avô, uma tia-avó, um tio-avô e com a mãe que, como empregada doméstica, dorme no emprego, aparecendo somente aos fins-de-semana.

A respeito de controle do comportamento da adolescente, a bisavó disse que nunca bateu nela e que o avô e o bisavô é que batiam nela. A mãe, por sua vez, disse que a aconselhava, mas que ela não queria ouvir. A adolescente, aos 12 anos, fugia de casa à noite,

depois que a bisavó dormia, só voltando pela manhã do dia seguinte.

A mãe de Letícia tem 32 anos e sua história de gravidez inicia-se aos 14 anos, quando deu à luz a Letícia. Fez sete abortos, cada um de relacionamentos diferentes. Relacionou-se recentemente com um adolescente de 14 anos, de quem engravidou e de cuja gravidez fez o último aborto.

A adolescente queixa-se que a mãe não é exemplo, por ter tido tantos abortos, por fumar e se relacionar maritalmente com um adolescente de 14 anos.

A bisavó justificou a gravidez precoce das mulheres da família como um poder de seduzir e ser seduzida: “elas endoidam. Eles cantam, elas vão logo”.

A tia-avó não interagiu durante a entrevista com a família, e a bisavó não soube falar sobre o seu estado de saúde, disse apenas que ela ficou assim, depois que a tataravó de Letícia morreu, a quem ela era muito apegada.

A mãe de Letícia, participando da entrevista, confundiu-se com a ordem dos acontecimentos e com a idéia de tempo, pois, ao falar sobre seus relacionamentos, informou que morou 10 anos com alguém, quando foi apenas um ano. Ao tentar ordenar os acontecimentos, deu uma sequência errada dos eventos, o que foi corrigido pela sua filha, que participava atentamente da entrevista.

Observou-se durante a entrevista que a bisavó adotava uma postura de proteção ao sistema familiar, já que deixava de mencionar informações que ela considerava negativas para a imagem da família, como, por exemplo, ao perguntar-se sobre os abortos realizados na família, ela admitiu apenas um: o da mãe de Letícia. E ainda justificou que era por motivo de trabalho. Letícia interferiu e revelou que a mãe já tinha feito seis abortos, e não apenas um, como dissera a bisavó, o que é confirmado, mais tarde, pela mãe de Letícia, que ainda acrescentou mais um que fizera recentemente.

Letícia sofreu violência no primeiro relacionamento, quando engravidou aos 15 anos: era mantida presa em um quarto pelo companheiro anterior de 26 anos. A família interveio nessa situação de violência, tirando-a do cárcere privado.

A respeito da avó materna de Letícia, a família informou que o avô de Letícia separou-se da avó por ciúmes. Tais ciúmes levavam-no a agredir a avó fisicamente, chegando a provocar-lhe lesões graves, como “quebrar a cara dela”. A avó materna saiu do sistema familiar, de tal forma, que a família não sabe se ela está viva ou morta.

Com referência às gerações na família, a bisavó gerou oito filhos; o avô de Letícia gerou apenas a mãe dela; esta, aos 14 anos, gerou Letícia e depois provocou sete abortos; Letícia, por sua vez, está na segunda gravidez, depois de, aos 15 anos, ter perdido o

bebê da primeira gravidez.

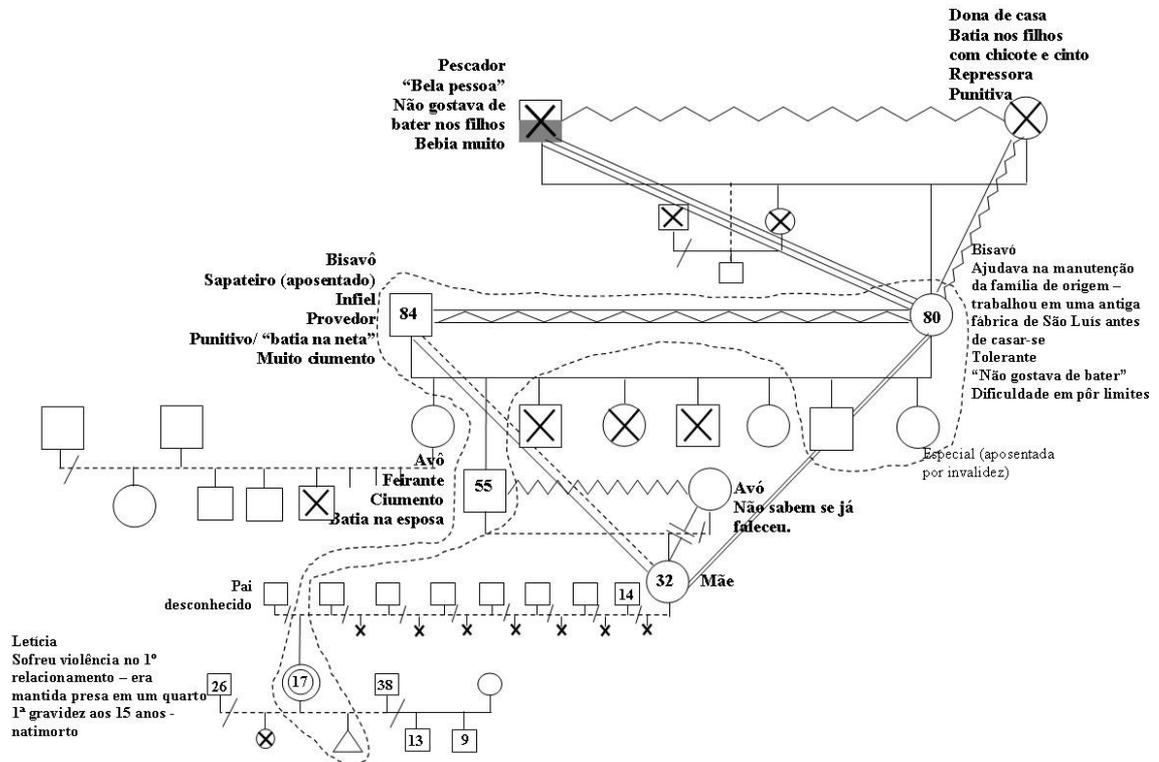


Figura 7 - Genograma da família da Leticia

5.1.2.8 Síntese da Família de Lara

A entrevista foi realizada na residência dos avós de Lara e contou com a presença da adolescente, da sua mãe, da sua irmã do meio (18 anos), de um dos cunhados da sua mãe, além dos seus avós e da sua tia-avó materna que reside com a família.

A adolescente tem 16 anos, está no 1º ano do ensino médio, mora com o companheiro em uma casa contígua a casa dos avós.

Na história familiar, a mãe engravidou também aos 16 anos, tendo esclarecido que sempre usou sua história como um espelho para as filhas, como uma experiência negativa, a qual queria que as filhas não repetissem, mas que fizessem uma faculdade e buscassem outras oportunidades de vida, seguindo um caminho diferente do dela.

Diante da declaração da mãe, a adolescente disse que o espelho quebrou, querendo dizer que preveni-la com a história da mãe não funcionou.

A família de origem materna tem um modelo patriarcal com fronteiras extremamente rígidas: os filhos devem obediência absoluta ao pai, e quem desobedece é

severamente punido. O pai é descrito como bom, provedor, trabalhador, mas também violento nas punições com os filhos, já a mãe é descrita como paciente, boa dona de casa, tolerante com os casos extraconjugais do marido, e em relação à violência do marido com os filhos, não confrontava as suas decisões, mas acobertava os filhos sempre que podia, evitando as punições.

Uma das tias maternas é apresentada como o “nó cego” da família, ou seja a ovelha negra. Repete o alcoolismo do pai (o alcoolismo do pai foi informado, mas não foi comentado pelos familiares); é descrita como desobediente, danada e provocadora de vexames para a família por beber descontroladamente e dormir na rua.

A mãe de Lara é a caçula da família de origem e relata que o pai bateu muito nas filhas, sendo as surras de pau e quase sempre motivadas pelo controle da vida afetiva e sexual das filhas. Ela, como caçula, era a mais obediente e por isso pouco apanhou, contudo relembra uma grande surra, motivada por suspeitas de um namoro inexistente, apanhou de tábua e acrescenta que a surra foi tão violenta que o pai quase a mata de tanto bater. Em meio à surra, livrou-se do pai e correu para dentro de um matagal próximo à sua casa. A mãe depois foi a sua procura para cuidar dela e convencê-la a voltar para casa.

Com as filhas, a mãe da adolescente usou o mesmo sistema de controle da família de origem: batendo nelas de pau, na tentativa, como o seu pai, de ter o controle da vida sexual e afetiva das filhas, principalmente da filha do meio, que ela apresenta como a mais danada e que apanhou muito mais.

De acordo com a narrativa da família, o tema de namoro, de sexualidade e gravidez das mulheres da família foi sempre tratado com punições severas.

A mãe e o avô de Lara, apesar de punitivos, são reconhecidos pelos filhos como quem cuida da família e se sacrifica para sua manutenção.

O tio de Lara, cunhado de sua mãe, participou da entrevista oferecendo um relato bem concatenado dos eventos da família, que era, ao mesmo tempo, confirmado por todos.

Falou a respeito do patriarca da família, avô de Lara, ressaltando sempre o controle que este tinha sobre os filhos, exercido através de punições severas, como também ressaltou o compromisso dele como provedor da família: levantava às quatro da manhã e trabalhava até o anoitecer.

Também, ao falar da história da mãe da adolescente enalteceu o empenho dela em prover as filhas de forma que nada lhes faltasse. Criou-as sozinha, viveu maritalmente em curto espaço de tempo com cada um dos pais de suas filhas e tem um relacionamento de 10 anos com o padrasto delas, mas dele nunca dependeu financeiramente.

A mãe de Lara é vista pela família como alguém que batalhou sozinha e venceu. Tem um comércio de onde tira seu sustento e, de acordo com todos, trabalha muito e sempre cuidou de suas filhas.

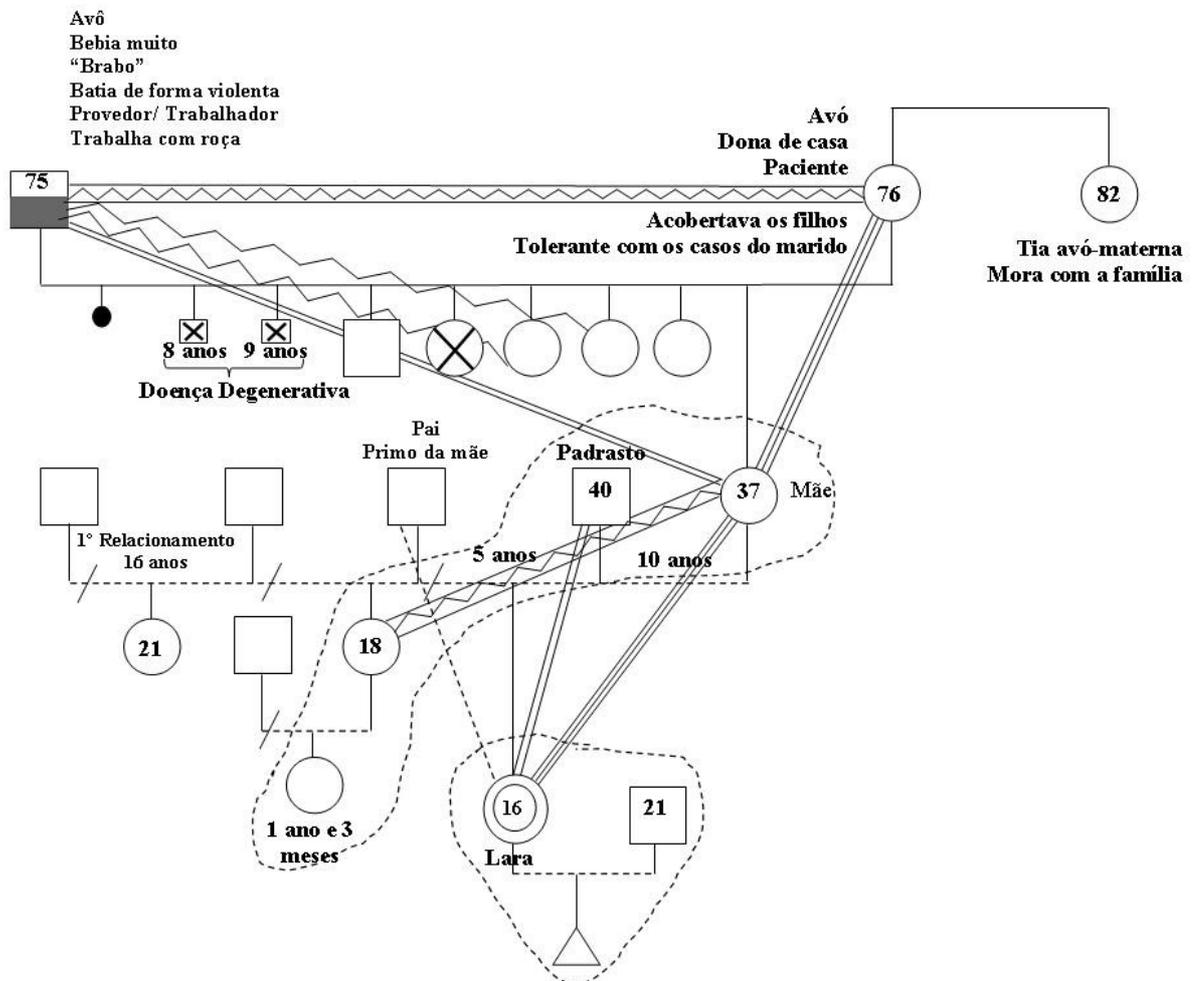


Figura 8 - Genograma da família de Lara

5.1.3 Características das famílias estudadas para uma compreensão sistêmica da gravidez precoce

Reservou-se esta parte do trabalho para descrever e discutir alguns aspectos das famílias estudadas, que se julgaram importantes para a compreensão sistêmica das famílias pobres com experiência de gravidez precoce.

Na situação de entrevista com as famílias, contou-se com a participação de três a oito pessoas em cada entrevista. Em três famílias, foi possível reunir as três gerações. Nas outras, contou-se com as narrativas dos membros da 2ª e da 3ª geração e quanto mais membros reunidos havia nas entrevistas, mais riquezas de detalhes obtinham-se na construção

da história da família. Vale registrar que a ausência de outros membros foi justificada por morarem em outra localidade, por falecimento, ou por rompimento com o sistema.

Conforme a narrativa e a leitura dos genogramas, a geração dos avós apresenta fronteiras rígidas. Na maioria das famílias dessa geração (1ª geração), o controle do sistema era feito de forma punitiva, e o diálogo, de acordo com o relato das mães, era precário. Na metade das famílias entrevistadas os pais dessa geração foram descritos como acolhedores e mais abertos ao diálogo que as mães. As mães eram descritas como duras, severas, punitivas, controladoras, afetivamente distantes dos filhos, mas, ao mesmo tempo, boas donas de casa. Algumas trabalhavam nos serviços domésticos e ainda na lavoura.

Essa geração, a maioria com suas raízes culturais no interior do Maranhão, encontrava-se assentada no sistema patriarcal. A relação do casal ocupava um lugar central na constituição da família, sendo importante oficializar a relação do casal através da aprovação e do reconhecimento da sociedade. Esse fato é demonstrado na construção do genograma das famílias, que apresenta informações principalmente da família de origem materna em que a grande maioria está organizada através do casamento, e com poucas separações.

Na segunda geração, diminuem as relações oficializadas pelo casamento: apenas dois casais têm a relação oficializada; três são separados e três não chegaram a dividir um espaço de convivência com os filhos (figuras 4, 5, 7). Das adolescentes pertencentes a este último contexto de estrutura familiar, duas conhecem o pai, mas não tem proximidade com ele (Lúcia e Lena), e a terceira, Letícia, não sabe quem é o pai.

Ainda quanto à oficialização das relações conjugais, observa-se que na terceira geração não aparece nenhuma relação marital oficializada. As relações dos casais são de uniões estáveis ou de solteiros com compromisso, permanecendo a adolescente na casa dos pais (Quadro1).

Quanto às fronteiras dos sistemas nucleares da segunda geração, observa-se que estas são difusas e fragilizadas, permitindo a interferência de outros membros da família mais ampla. Observa-se ainda nessa geração a ausência da figura paterna. E na maioria das famílias, a mãe aparece como figura reguladora.

A relação central é de mãe e filha, e não do casal, resultado que confirma as características encontradas nos estudos de Fulmer (2008). Observa-se também que as relações entre pais e filhos são menos hierarquizadas, com práticas comunicativas mais igualitárias, o que é confirmado por outros estudos, que se referem à mudanças nas práticas educativas, com maior flexibilidade e permissividade nas regras familiares (BENICÁ, 1994). Percebe-se através do genograma uma repetição dos modelos reguladores, principalmente das avós,

contudo com um afrouxamento nas relações de poder. A figura da avó e da bisavó (na ausência da avó) aparece na metade da amostra, oferecendo cuidados parentais ou de apoio regulador do comportamento das adolescentes.

Destacamos a aceleração do processo de constituir família, como resultado importante, nas famílias estudadas, por afetar a estrutura do sistema familiar, atribuindo-lhe características específicas.

Foi observado, em seis das oito famílias, o registro do menor tempo que essas famílias levaram para passar por determinados estágios da vida em família, apresentando um ciclo de vida familiar encurtado pela aceleração do processo de constituir família. Ou seja, as mães das adolescentes se tornaram avós entre 32 e 36 anos. A maneira de passar por esses estágios do ciclo de vida da família e a seqüência de eventos indicadas por Fulmer (2008), já citados no marco teórico, em sua experiência clínica com famílias de baixa renda, foram constatadas nas famílias estudadas.

Essa seqüência de eventos pode ser observada na família de Lana, na qual as irmãs, que tiveram filhos aos 16 anos, repetiram a gravidez; separaram-se dos companheiros, e voltaram para casa da mãe com os filhos.

Lana, por sua vez, está na primeira gravidez, sua situação marital é de solteira com compromisso com o pai do bebê, o que significa que ela e a criança continuarão sendo sustentadas pelos seus pais. A avó, mais uma vez vai se ocupar com os cuidados primários do novo membro da família, trazendo para si a função materna, deixando de lado o papel de avó (todos estes eventos são previstos na seqüência de eventos apontadas por Fulmer).

Na família de Laura, a irmã do meio, tem cinco filhos de relacionamentos diferentes. A primeira gravidez foi aos 15 anos e hoje aos 24 anos tem os seus filhos sob cuidados da família materna; quatro com avó e uma filha com a irmã mais velha (Figura 3).

Laura engravidou pela primeira vez aos 15 anos e teve um aborto espontâneo. Agora aos 17anos está grávida, pela segunda vez, de outro parceiro.

Isso demonstra o relaxamento do controle dos pais, e a acomodação do sistema à gravidez precoce das filhas, expresso na aceitação, principalmente das avós, que assumem o cuidado e em muitos casos sustento dos novos membros da família.

O controle é exercido, à risca, antes da primeira gravidez, o que foi observado na narrativa da maioria das famílias entrevistadas, principalmente, no depoimento das adolescentes, que relatam que queriam sair, e os pais não permitiam. O que concorda com os resultados do estudo multicêntrico realizado em três capitais do Brasil, com adolescentes de baixa renda, que também se queixavam do monitoramento da família na iniciação de sua vida

sexual, sendo o controle feito, sobretudo, pelos homens: pais e irmãos mais velhos (HEILBORN et al., 2002).

O relaxamento do controle, após a primeira experiência de gravidez ocorrida na família, favorece a repetição de gravidez pela mesma adolescente ou por outras irmãs mais novas, o que é confirmado por outros estudos (BORGES; LATORRE; SCHOR, 2007; PERSONA; SHIMO; TARALLO, 2004).

A respeito disso, foi observado nas famílias entrevistadas, que estão vivendo pela primeira vez a situação de gravidez precoce na família, a preocupação de que essa gravidez seja seguida de outras, sem que a adolescente assuma os compromissos e as responsabilidades da vida adulta para criar os filhos, o que é demonstrado pela família de Lia, que à época da pesquisa iria receber o primeiro neto.

“[...] acabou de dizer que vai continuar namorando com ele, eu só espero que tu aprendas a lição e segure minha filha [...] aí tu aceita (referindo-se ao pai de Lia), ela continua, nós, eu como bisa, e ela como avó, tomamos de conta e ela sai por essa porta, vai se encontrar com ele por ali.” [avó paterna de Lia, referindo-se ao risco de uma próxima gravidez da adolescente].

A família de Lia, como as outras, apresenta em sua narrativa, as mesmas mensagens que o risco de gravidez precoce suscita na família, de conselhos, avisos, advertências, conseqüências. E, depois da gravidez, a seqüência de eventos também não difere das outras famílias. Não interrompeu os estudos, mas não sabe até onde vai poder cumprir com essa tarefa; vai permanecer na casa dos pais, sendo sustentada por eles juntamente com o bebê; a mãe vai trazer para si os cuidados maternos. E, em meio a essa situação, a família demonstra preocupação em relação a uma próxima gravidez da adolescente.

Fulmer (2008) também chama a atenção para a função que a gravidez precoce ganha no sistema familiar, servindo para acomodar várias tensões pessoais e intergeracionais. Essa importante questão, trazida por Fulmer, foi também observada em algumas famílias do estudo, mais claramente na narrativa da família de Lúcia, que passa-se a apresentar.

A família de Lúcia vive uma outra etapa do ciclo de vida de família encurtada. A primeira etapa, a avó viveu quando Lúcia nasceu, fruto da uma gravidez adolescente de uma de suas filhas. Nessa etapa, ela assume a filha da filha. Assumem ela e o companheiro a função de pai e mãe de Lúcia. Agora, aos 49 anos, com a gravidez de Lúcia, prepara-se para receber o bisneto.

Ordenando os eventos no tempo, na 1ª geração a avó de Lúcia saiu de casa aos 13 anos, para casar-se, como forma de sair do controle opressor da mãe, bisavó de Lúcia. Na 2ª geração, a mãe de Lúcia engravidou aos 16 anos e deixou o bebê (Lúcia) para a avó cuidar. Os eventos são relatados a seguir:

“Foi por isso que me casei tão cedo, porque eu apanhava muito [...] aí eu achei que se eu casasse ia ser melhor” [avó de Lúcia, referindo-se aos motivos que lhe levaram a decidir casar-se aos 13 anos].

“Aí foi o tempo que minha filha engravidou [...] eu enfrentei sozinha esse período, pra fazer tudo dessa criança.” [a avó de Lúcia se referindo ao engravidamento da mãe de Lúcia aos 16 anos].

O nascimento de Lucia, depois do primeiro impacto na família, foi visto como “uma bênção”. Ajudou a aproximar a avó de seu companheiro, que, ao mesmo tempo, é tio biológico de Lúcia. Ambos afirmam que o nascimento de Lúcia uniu o casal; deu oportunidade de a avó fazer o papel materno de novo; as tensões entre mãe e filha diminuíram, a atenção voltou-se para o bebê. A situação da mãe de Lúcia, sempre no controle da avó, é resolvida separando-a do pai de Lúcia e distanciando-a da filha, que foi adotada plenamente pela avó e pelo companheiro.

Tensões pessoais e intergeracionais foram resolvidas no sistema familiar com a gravidez precoce da mãe de Lúcia, o que é ricamente demonstrado no trecho abaixo, confirmando o que diz Fulmer (2008, p. 491), referindo-se à mãe da adolescente grávida: “ela pode ficar satisfeita em criar o filho da filha. Ela agora tem a chance de fazer bem-feito”.

“Quando ela nasceu, aí foi uma luz no fim do túnel, que aí foi que a nossa vida mudou. Porque ele se apegou a ela de uma forma, assim muito boa, que ele mudou o nosso relacionamento” [a avó de Lúcia apresenta a função que a gravidez da sua filha adolescente ganhou no contexto familiar].

Com as falas transcritas, buscou-se dar evidências à função que a gravidez na adolescência, da mãe de Lúcia ganhou no sistema familiar; a avó ficou satisfeita por repetir a maternidade e, desta vez, poder fazer diferente. O companheiro expressa também satisfação ao fazer novamente o papel de pai. O sentimento de casal e de família foi fortalecido entre os dois e mudou a relação do casal.

A gravidez adolescente da mãe de Lúcia no sistema familiar serviu também para resolver as tensões transgeracionais que existiam entre a avó e a mãe de Lúcia. Transgeracionais porque eram tensões repetidas de gerações anteriores: a relação opressiva, dominadora, vivida entre a avó e a bisavó, repetida na relação da avó e da mãe. No trecho abaixo, a avó fala do reencontro com a filha, mãe de Lúcia, que foi morar em outro Estado, com a irmã:

“Quando cheguei lá, a gente começou a conversar, eu num tinha esse, o diálogo que tenho com essa [referindo-se a Lúcia]. Era bem diferente, eu era muito dura com ela e, com elas, no caso [referindo-se às filhas], e cheia também de problema, né? Não dei prá elas o que elas necessitavam .

[...] elas disseram: ‘mãe como a senhora mudou. Se a senhora tivesse conversado comigo essas coisas antes, talvez num, num, a gente num tava por aqui e, e tudo.’”

No trecho seguinte da entrevista com a família de Lúcia, a avó verbaliza a

dificuldade que enfrentou em conciliar as necessidades do manejo das tarefas de mãe, com as necessidades próprias de sua adolescência. Registra claramente nessa fala o seu desapontamento.

“Na minha idéia de criança eu pensei: ‘aí eu me caso, vou ter minha casa, eu faço o que eu quero, eu vou aonde eu quero’ (...) que num foi ao contrário, né? que eu casei aí piorou porque eu fui ter os meus filho, meu marido num me levava em lugar nenhum.”

A família de Lúcia vive um ciclo de vida familiar truncado. A avó, ao casar-se aos 13 anos, não teve tempo adequado para resolução das tarefas desenvolvimentais do estágio da adolescência, o que prejudicou, de forma significativa, sua atuação nos papéis assumidos de mãe e esposa. Ou seja, as passagens dos papéis de criança e adolescente para os papéis de cônjuge, mãe e avó, foram feitas sem uma clara demarcação transicional. Por sua vez, a mãe de Lúcia e Lúcia, sua filha, repetem a aceleração do processo de constituir família, engravidando, ambas, aos 16 anos, fato que as faz atravessar de um estágio a outro sem cumprir as tarefas desenvolvimentais próprias de cada estágio, ou seja, sem vivenciar os ritos de passagem necessários para uma demarcação adequada dessa transição (HINES, 2008).

As outras adolescentes do estudo, de forma análoga, vivem essa passagem do papel de adolescente para o papel de mãe e esposa, sem uma demarcação adequada, de um estágio para o outro, que ofereça um suporte sólido para o cumprimento das tarefas que o estágio subsequente impõe, tornando-se cada vez mais difícil a transição de um estágio para o outro.

As circunstâncias criadas pela aceleração do processo de constituir família afetam a forma como o sistema lida com suas necessidades, por conseguinte, altera a estrutura familiar. Como já citado anteriormente, em seis das oito famílias, a aceleração do processo de constituir família foi observada nas famílias que apresentam a transgeracionalidade da gravidez precoce.

Assim, as mães das adolescentes acabam vivendo o que não foi vivido, no momento em que devia ser vivido. Fazem papel de mãe do seu neto, enquanto a bisavó faz papel de avó, e a filha conserva-se no papel de filha e irmã mais velha do próprio filho. E vai esperar a próxima geração para viver o papel de mãe na posição de avó.

5.2 As categorias do estudo

5.2.1 As mães falam: elas não ouvem

Inicialmente, considera-se importante apresentar a diferença encontrada nos

discursos das gerações. Observa-se que, na primeira geração, na relação das avós com as mães das adolescentes, a queixa mais comum recaí sobre a falta de diálogo sobre o tema da sexualidade e gravidez na adolescência, dentro da família, ou seja, as avós não falavam com as mães das adolescentes sobre sexo e gravidez na adolescência.

“Ah eu não sei, foi falta talvez, assim... porque naquela época aconteceu muito por falta de diálogo das mães, pra explicar [...] acho que foi falta de uma boa conversa, na época”. [mãe de Lia 34 anos]

“Ela quase não conversava com a gente, pra ela não tinha conversa a conversa era só mesmo dá-lhe. Essa era a conversa dela.” [mãe de Laura, 50 anos].

“Na época não se falava nessa história. A gente não sabia de nada, não.” [mãe adotiva de Lúcia, avó biológica, 49 anos].

Observa-se ainda que o sistema familiar construído pelos avós encontra-se contextualizado em uma época e cultura em que o sexo estava inevitavelmente ligado à gravidez. O casamento, nesse contexto, se constituía em um ritual necessário como regulação do sexo e do engravidamento como indicado nos genogramas das famílias, os quais demonstram mais relações maritais regulamentadas na primeira geração que na segunda, seguida de nenhuma na terceira geração, em que, na maioria dos casos, as adolescentes permaneceram em casa, mesmo com compromisso com o pai da criança (Figuras 1, 2, 5, 7).

Na segunda geração, a dificuldade na comunicação não é o silêncio das mães em relação ao tema, elas falam, mas as filhas não ouvem.

Watzlawick, Beavin e Jackson (2007) consideram uma unidade comunicacional isolada, como uma mensagem; uma série de mensagens trocadas entre pessoas, interação; e os padrões de interação, como sendo o que constitui uma unidade de comunicação de nível ainda superior.

Por se estar estudando a comunicação na família, fica claro que esta análise tratará desta última conceituação, ou seja, da unidade de comunicação de nível superior, que são os padrões de interação entre mães e filhas.

Não se pode não comunicar. Todo comportamento é comunicação: atividade, inatividade, palavras, silêncio, tudo tem valor de mensagem e atua no ambiente influenciando outros que também não podem não responder. Logo, se tudo é comunicação, estamos diante de um conceito que abarca inúmeros comportamentos verbais, tonais, posturais, contextuais. (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007).

Os relatos, abaixo transcritos, evidenciam conversas, avisos, orientações dos pais, principalmente das mães, para prevenir a gravidez, como o uso de camisinha. As adolescentes que participaram do estudo, por sua vez, demonstraram estar informadas sobre os métodos contraceptivos. Portanto, o sexo não está necessariamente vinculado à gravidez para essas

adolescentes, mas segundo as mães, “elas não ouvem”.

“Sempre conversei com elas sempre mostrei todos os lados, todos os lados eu mostrava prá elas, entendeu? Ai mas... se engravidaram cedo, não foi culpa minha, porque conversei muito, explicava ...dizia que inda não era tempo de pegar filho...” [mãe de Lana (42 anos)].

“Ela sempre foi esse tipo de mãe que aconselhava a gente, entendeu? a usar a camisinha.” [irmã de Lana].

“Falta de conselho não foi. Eu dava muito conselho pra ela” [mãe de Lena, 46 anos].

“Acho que ela se descuidou, ela não usou o preservativo”. [irmã de Lena, 16 anos].

“Dei tanto conselho pra ela, dei tanto conselho, e não quis me ouvir, olha aí, engravidou”. [mãe de Lara 37 anos].

Para análise e interpretação da categoria empírica: as mães falam, elas não ouvem, entende-se como importante dirigir a discussão dentro de três linhas:

- a comunicação tem um aspecto de relato e outro de ordem;
- a comunicação, no sistema familiar, é resultante das muitas interações que acontecem em todas as partes do sistema, mesmo as mais distanciadas, e
- o curso das interações humanas resulta dos muitos acoplamentos lingüísticos transcorridos ao longo da vida.

5.2.1.1 Aspectos de relato e de ordem da comunicação

A inegável contribuição de Bateson (1991), na análise das interações humanas, esclarece, quanto ao que se passa entre duas pessoas, quando se ocupam em comunicar algo. Explicita que a comunicação tem um aspecto de relato e outro de ordem: o aspecto de relato se refere ao conteúdo da mensagem. Por seu turno, o aspecto de ordem se refere ao tipo de mensagem, ou seja, como esta deve ser considerada, ou entendida, está ligado à natureza das relações entre os comunicantes, que implica como a pessoa se vê, como a pessoa vê o emissor e como a pessoa acha que o emissor a vê.

Trazem-se, a seguir, as falas das entrevistas das adolescentes, das quais se pode inferir os aspectos de relato e de ordem, da comunicação, entre as filhas e as mães.

Lena, a respeito de não ouvir à mãe, declara que a mãe falava, e a mensagem, ou seja, o relato da mãe, não produzia nela nenhum efeito.

“Ela falava e eu não ouvia, não tava nem aí” [Lena].

“[...] hoje tu não vai sair de casa, procura estudar, e eu não ligava, saia era mesmo” [Lena].

“Ela sempre foi esse tipo de mãe que aconselhava a gente, entende? A usar a camisinha, a se prevenir[...]” [irmã de Lana, 1º filho aos 16 anos].

O fato de a adolescente aparentemente ignorar a informação contida na comunicação da mãe não significa ignorar a mensagem, mas interagir com outro aspecto da comunicação, que é o aspecto de ordem, ou seja, como a mensagem deve ser entendida, o que está relacionado à natureza da relação mãe/filha. Tal ignorância diz respeito ao vínculo estabelecido nas trocas constantes entre elas e com o sistema, ao longo do tempo, por conseguinte vemos apenas parte da comunicação quando ouvimos a mensagem da mãe e a resposta da filha, a outra parte diz respeito a muitas interações anteriores a esta a que temos acesso.

As expressões “não tava nem aí [...] “eu saia era mesmo” denotam uma postura de indiferença às ordens da mãe, afrouxamento do poder hierárquico, como se estivesse já subentendido na comunicação que tal ordem deveria ser ignorada, ainda que trouxesse algum estresse à relação, mas não suficiente para considerar o conteúdo da mensagem.

A natureza da relação entre os comunicantes especifica os níveis de poder entre eles, a proximidade ou a distância para abordar alguns temas e as expectativas nutridas na relação com o outro. Também reflete o sistema de crenças que sustenta o discurso e a posição dos membros da família, principalmente relacionado ao tema da sexualidade, como se pode observar nos trechos transcritos abaixo:

“Rígida em termo de namoro que eu falo a senhora tá entendendo? Pra prestar atenção, procurar estudar porque eu digo sempre pra elas tá aqui um espelho na tua frente então você procura estudar porque a única coisa que eu posso te oferecer é os estudos então estude, faça um curso, procure um emprego, esse é que é teu marido” [mãe de Lena].

Nessa família, quanto à frequência com que a mãe falava sobre sexualidade e gravidez, com as filhas, tem a seguinte resposta:

“Não, muito não.” [irmã de Lena].
“[...] às vezes ela fala assim muito, só que a gente não presta muito atenção.”

Questionadas sobre o que a mãe orientava sobre sexo, responderam:

“[...] quando a gente for usar camisinha [risos].” [irmã de Lena].

A relação entre pais e filhos hoje é reconhecida com práticas comunicativas mais igualitárias, menos impositivas. No entanto, a dificuldade dos pais em falar sobre o tema da sexualidade abertamente, e das filhas em ouvir, demonstra sentimentos ambivalentes em ambos os comunicantes, que são sustentados por um conjunto de crenças, também confirmado por outros trabalhos, como o de Dias e Gomes (1999).

A comunicação entre pais e adolescentes envolve tanto os estresses desenvolvimentais predizíveis, próprios da transição de um estágio para outro, quanto os imprevisíveis, como o alcoolismo da mãe de Lana, família que se traz à discussão a seguir

(Figura 1).

Na família de Lana, o tema gira em torno do alcoolismo da mãe, justificado pela família por um luto mal elaborado, da perda de um filho (figura 1). Mesmo quando se fala da gravidez das filhas, percebe-se que o comportamento alcoolista da mãe está presente; são eventos interligados no tempo e também nos sentimentos provocados. Vejam-se os trechos abaixo:

“[...] foi à pior fase da minha vida” [irmã de Lana se referindo à fase em que a mãe bebia].

“[...] dava muita vergonha” [Lana se referindo à fase que a mãe bebia].

“[...] pra sair de casa [...] prá mim ser independente logo, mas eu fiz foi me engravidar ainda mais” [A irmã de Lana refere-se ao não ouvir a recomendação de engravidar cedo, porque queria sair de casa.].

Nessas pautas, que revelam a interação das filhas com a mãe, evidencia-se o contexto do alcoolismo materno. O ambiente alcoolista, de acordo com a visão sistêmica afeta todo o sistema familiar (TRINDADE; BUCHER-MALUSCHKE, 2008), comprometendo, portanto, a natureza das relações e inviabilizando a escuta.

As adolescentes reconhecem o cuidado materno, mas denunciam a perturbação da estrutura familiar com o alcoolismo da mãe, traduzido pela a situação de mal-estar e vergonha verbalizados pelas filhas. Percebe-se também que a irmã de Lana associa a sua gravidez, aos 16 anos, ao desejo de sair de casa, portanto, de sair do “ambiente alcoolista”.

Segundo Watzlawick, Beavin, Jackson (2007), quanto mais espontânea e saudável é uma relação, mais o aspecto de ordem fica em um plano secundário, ou seja, não está no controle do resultado, sendo mais ouvido o relato, a mensagem.

Quanto menos saudável, mais as comunicações são caracterizadas por lutas constantes resultante da natureza das relações, tornando-se cada vez menos ouvido o aspecto do conteúdo da mensagem, como pode-se observar no relato de outras adolescentes do estudo:

“Assim, minha mãe é mais tipo que trancada que meu pai [...] eu converso mais com ele do que com ela” [Lúcia].

“Que às vezes eu ficava mais isolada, ficava dentro de casa, queria sair e mamãe e papai não deixava, aí eu comecei a sair escondido [Laura].

[...] “se eu engravidasse procurar meu rumo” [Laura]

Não conversar com a mãe é uma comunicação que indica a natureza da relação, mãe /filha marcada pela rigidez e distanciamento das relações familiares.

Ficar isolada e sair escondida revelam também a dificuldade de superar a rigidez do sistema, que provoca distanciamento entre os membros.

Por outro lado, a dificuldade na comunicação não se apresenta apenas em sistemas

com fronteiras rígidas que provocam distanciamento, mas também nas comunicações em sistemas com fronteiras difusas, emaranhadas. Nesses sistemas, as mensagens são também obstruídas; as fronteiras difusas tendem a prejudicar a definição dos papéis e, portanto, no caso dos pais, o comando efetivo inexistente, como no trecho a seguir:

“Mesmo a mãe dela falando pra ela, o pai dela falando, sempre foi assim, de passar por cima, de não obedecer [...] ela sempre fez o que quis” [avó de Lia].

“Precisavam ter sido mais duros assim com elas [...] eu cheguei a brigar assim sério, pra ela largar a teimosia, que ela fazia o pai e a mãe dela sofrer muito” [tia materna de Lia].

Os comentários dos familiares sobre o padrão de relacionamento entre os pais e a filha, nesse caso, feitos pela avó paterna e pela tia materna, indicam a natureza da relação estabelecida entre os pais e a adolescente, demonstrando que ela vê os pais como destituídos de autoridade para pôr limites a seu comportamento, portanto, sem eficácia no papel e na função de pais, no que se refere ao controle da filha. Ao mesmo tempo, elas mesmas, tia e avó, invadem a fronteira do sistema nuclear (família da adolescente), enfraquecendo mais ainda a imagem de autoridade dos pais. Elas, tia e avó, interferem emitindo opinião sobre o comportamento da adolescente e a falta de autoridade dos pais. Estes, por sua vez, apresentam dificuldades em assumir uma postura de competência para pôr limites e permitem que a tia e a avó interfiram, ou mesmo assumam o comando efetivo em lugar do sistema parental.

Nessa situação, de fronteiras fragilizadas, vulneráveis, a natureza da relação não se estabelece com a hierarquia necessária para negociação dos pais com a filha, ficando o conteúdo da mensagem anulado pela informação de impotência dos pais, que diz como a mensagem deve ser entendida, ou seja, que esta pode ser desconsiderada pela adolescente.

Ainda, quanto aos aspectos de relato e de ordem na comunicação, traz-se, com a família de Lara, uma situação de natureza punitiva. Na família de Lara, a história de punições severas, em relação a namoro e a risco de gravidez na adolescência, é observada tanto na primeira geração quanto na segunda.

Em relação à Lara, a mãe faz o seguinte relato:

“ela disse lá em casa que ela não sabia ,porque eu não gostava do namorado dela, que eu bem queria era pra ela não ter namorado nenhum, porque eu implicava com todos, que não sabia porque eu era assim. Gritou comigo.Eu disse, pois a partir de hoje eu vou te largar de mão, não vou falar mais nada. Peguei dei foi muito nela de pau, mas não adiantou nada.”[mãe de Lara, referindo-se a Lara].

Outra situação de comunicação punitiva em relação a namoro, desta vez entre a mãe de Lara e a irmã de Lara, também adolescente, transcorrido antes que esta engravidasse aos 16 anos (Figura 8), é relatada a seguir.

“[...] ela não chorava, a mãe batia e ela dizia: ‘pode bater, não tá doendo não. Pode bater’” [cunhado da mãe referindo-se à reação da irmã de Lara, quando esta

apanhava da mãe].

“E ela ainda dizia que ela podia apanhar porque ela já tinha feito o que ela queria, ela não tava nem aí se ela apanhasse depois” [mãe, se referindo à irmã de Lara].

As falas transcritas denotam a natureza combativa da relação mãe/filha, tornando-se cada vez mais distante e menos importante o aspecto do conteúdo da comunicação.

O aspecto de relato ou da mensagem inicial da mãe para a filha foi verbalizado com o seguinte conteúdo:

“Minha filha, você tá muito nova, vai caçar estudar, terminar teus estudos, arranjar um serviço, fazer uma faculdade, que mesmo se for difícil eu faço de tudo pra tu fazer isso” [mãe se referindo à irmã de Lara].

Uma leitura da mensagem acima transcrita, provavelmente remeteria o leitor a decodificar o relato entendendo a mensagem como sendo a preocupação da mãe com a filha, propondo a ela melhores oportunidades de vida, já que, para isso se realizar, estaria disposta a pagar uma faculdade para ela, mesmo com grande sacrifício.

Todavia, dependendo do aspecto de ordem e do que a linguagem analógica suscita, baseada na natureza da relação entre mãe/filha, a mãe de Lara pode estar propondo combate a ambas as filhas, cada vez que pede que elas tenham cuidado para não engravidar cedo. Neste caso, o conteúdo da mensagem é deixado de lado, não se faz ouvir no contexto em que ele ocorre, e a interação entre elas é ditada pelo aspecto de ordem da comunicação.

Por outro lado, convém ressaltar que a natureza da relação dos pais com os filhos é também, ou principalmente, resultante de todas as interações que eles tiveram ao longo da vida, portanto, está conectada, muito frequentemente, à natureza da relação que os pais, tiveram também com seus pais. O trecho transcrito abaixo demonstra a interação punitiva vivenciada pela mãe de Lara e o avô, quando a mãe era adolescente, em torno do mesmo tema: namoro e gravidez na adolescência:

“[...] meu primo veio dizer que eu estava namorando (...) papai pegou aquelas tábua de palha e me bateu tanto. Mas me bateu até que eu consegui me soltar dele, sai correndo e ele caiu no fogareiro.

[...] Eu não quis saber, sai correndo por dentro dos matos, danei a chorar lá dentro dos matos. Mamãe saiu atrás de mim, lutou prá mim vim, aí foi com muita luta que eu vim.

[narrativa da mãe de Lara sobre a surra que pegou do pai, quando adolescente, por causa de namorado].

Ampliando o entendimento desse relato, observa-se que a mãe de Lara, na interação com as filhas, reproduz a mesma situação vivenciada com o pai, quando adolescente, ou seja, de punições severas como única forma de a adolescente ouvir. A natureza das relações entre pais e filhas, em torno do mesmo tema, é repetida, gerando as mesmas pautas comunicacionais, ou interacionais, na família. O que predomina na

comunicação a respeito do tema é o aspecto de ordem da comunicação, constituído pela natureza punitiva e combativa da família, com base em um sistema de crenças compartilhado pelos membros.

5.2.1.2 A comunicação no sistema familiar é resultante das muitas interações que acontecem em todas as partes do sistema

Saindo das especificações das pautas interacionais, que recaem sobre o relato (mensagem) e a ordem (como a mensagem deve ser entendida), passa-se a avaliar os efeitos dessas interações conectadas ao todo. Nessa perspectiva, observa-se como a comunicação de um afeta a comunicação do outro, que, por sua vez, tem efeito sobre outro, reverberando em todas as partes do sistema, com um caráter retroativo. Para tanto, traz-se a situação seguinte apresentada pela família de Lana:

“Aí eu falava pra ele, eu dizia que não tava certo, que ela tava muito nova (...) Ele dizia ‘deixa minha filha, deixa a minha filha’(...) eu dizia :rapaz quem é que vai criar filho? Ele dizia ‘eu crio’...[mãe de Lana, em discussão com o pai, pelas saídas noturnas das filhas].

“A senhora sabe que era um voto de confiança que ele queria dar pra gente, pra gente não aprontar”. [a filha interrompendo a mãe, refere-se ao pai]

A história da família de Lana (Figura 1) inclui o alcoolismo da mãe que surge quando as filhas tinham de sete a dez anos de idade e perdura por oito anos. Portanto, durante toda a adolescência das filhas, a mãe bebia. A mãe de Lana relata que, quando bebia, o marido batia nela. Também relata que, quando se separaram, ela deixou de beber. O efeito do alcoolismo da mãe da adolescente em todo o sistema pode ser observado nos trechos transcritos:

“[...] mexeu com todo mundo, não mexeu só com ela!” [irmã de Lana se referindo ao alcoolismo da mãe].

“Dava muita vergonha também” [Lana, se referindo ao alcoolismo da mãe].

“quando eu bebia, ele me batia [...] batia muito” [mãe de Lana se referindo a agressão do marido]

“pra sair de casa [...] mas eu fiz foi me encrencar ainda mais” [irmã de Lana, referindo-se a sua gravidez aos 16 anos].

“depois que ela separou de meu pai, parou mais, entendeu?” [irmã de Lana referindo-se ao momento que a mãe parou mais de beber].

Na visão sistêmica, o comportamento de um membro da família está relacionado ao comportamento de todos os outros membros. Todo comportamento é comunicação, portanto, influencia e é influenciado por outros (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007).

Dessa forma, entende-se que a comunicação cria uma seqüência de reações entre os comunicantes que, na visão sistêmica, resulta em um efeito em cadeia dos eventos na família.

Logo, ao fazer a leitura dessa interação entre os pais de Lana, ver-se-á interligados todos os comportamentos, inclusive o comportamento de beber da mãe.

Ressalta-se, portanto, que os comportamentos ou comunicações estão interligados e produzem efeitos uns sobre os outros. Se a mãe tem o discurso proibitivo e o pai de liberação, das saídas noturnas das filhas, estas, por sua vez, darão resposta a ambos sob efeito do que estão comunicando.

Em um encadeamento de comunicações, importa considerar não só as reações do pai em relação à mãe, desautorizando-a, mas também de que modo elas afetam o comportamento posterior da mãe e o efeito disso sobre o pai, bem como o resultado de todos esses eventos sobre as filhas.

Nas falas transcritas, observa-se que as filhas relatam a repercussão da bebida da mãe no sistema familiar, e a irmã de Lana justifica a gravidez aos 16 anos com a vontade de sair de casa.

Pode-se fazer a seguinte leitura: o comportamento de beber da mãe é comunicação; a reação do pai de bater na mulher é uma resposta à bebida da mãe e, ao mesmo tempo, uma comunicação que afeta o comportamento posterior da mãe, provavelmente de beber mais, e o efeito da repetição do comportamento de beber da mãe sobre o pai se manifesta em mais agressão e desejo de desautorizá-la diante das filhas. O resultado disso sobre a filha do meio, irmã de Lana, é verbalizado como mal-estar, desejo de sair de casa, de engravidar. Por seu turno, a gravidez de Lana é um evento que vem depois desse momento, mas também encontra-se conectado a essa rede de eventos comunicacionais, como se pode depreender do trecho adiante transcrito.

Lana informou que não usava nenhum tipo de contraceptivo. Quando questionada se a gravidez foi desejada, planejada, afirma ela que não:

“Eu não, eu via o jeito que era aqui o sufoco”

Ao mesmo tempo declara:

“Assim, todo mundo quer ter um filho, eu queria ver como é que era, mas depois...” [diz escandindo as sílabas].

Depreende-se, a partir dessas declarações, que a decisão de engravidar de Lana já existia antes de engravidar e estava, em parte, relacionada com a gravidez precoce das irmãs, e, portanto, com todos os outros eventos interativos da família.

5.2.1.3 A ontogenia do indivíduo na família e os acoplamentos estruturais transcorridos ao longo da vida

Françoise Dolto (2002) diz que: tudo é linguagem, e que a linguagem em palavras é o que há de mais germinativo, mais fecundante no coração e na simbólica do ser humano.

A autora se refere à função germinativa da linguagem, dando a ela o poder de desencadear todo um processo de desenvolvimento.

Maturana e Varela (2007, p. 218), concordando com essa autora, afirmam que: “cada pessoa diz o que diz ou ouve o que ouve segundo sua própria determinação estrutural”. Portanto, os autores se referem àquilo que foi desenvolvido no indivíduo, impresso lingüísticamente.

Maturana e Varela (2007) explicam a determinação estrutural como a forma própria de acoplamento estrutural, ou interação com o meio, adquirida pelo organismo ao longo do tempo, ao cabo de uma seqüência de interações que constituem a sua história e isso se dá através da linguagem. Por conseguinte, a determinação estrutural resulta, em grande parte, da ordem interna do sistema, gerada a partir da interação de suas partes (organização autoreferente), que define uma condição seletora de suas partes constitutivas nos encaixes com o meio.

Trazem-se à discussão esses conceitos, para destacar a importância do sistema familiar como organização autoreferente. Os discursos familiares, se constituem em alicerces para o comportamento humano ao longo da vida, funcionando como condição seletora nas interações do indivíduo.

Dessa forma, o sistema familiar pode ser definido como uma rede de conversas que circula entre os membros, resultando em conversas, que dão origem a mais conversas com laços de retroalimentação, e fechamento da rede em sistemas compartilhados de crenças, explicações, valores, significados continuamente sustentados por mais conversas (CAPRA, 2006).

Existe-se no mundo da linguagem e o cérebro humano processa informações do meio e manifesta comportamentos em resposta a essas informações. Os discursos constantes que circulam no espaço familiar fazem a manutenção de um sistema de crenças e valores, que dão um cunho de identidade ao sistema.

Buscou-se analisar as conversas que circulavam nas famílias do estudo, sobre gravidez na adolescência, bem como a eficácia ou não desses discursos.

Para essa análise destacamos abaixo trechos da entrevista da família de Lia, na qual perguntamos a ela e a sua meia-irmã, por que o discurso de prevenção de gravidez na adolescência, utilizando a própria experiência da mãe, funcionou com uma e não funcionou com a outra:

Lia, referindo-se, a meia-irmã, diz:

“Eu acho que pelo fato dela ser filha de outro pai, de ela não ter sido criada pela minha mãe, e por exemplo o pai dela. E eu não, eu já fui criada com a minha mãe, com meu pai e meu irmão e formamos assim uma família”.

A meia-irmã de Lia reforça a informação:

“[...] tem isso também, eu não fui criada por ela [referindo-se a mãe] a minha tia que me criou.

“[...] eles [referindo-se à mãe e ao pai da meia-irmã] compreendem, sabem entender mais, e elas lá, não [referindo-se a tia e a avó materna] [...] elas acham que não é certo, primeiramente estudo e emprego, estudo-emprego, na cabeça delas é isso que elas querem pra mim e prá qualquer um da família.”

As adolescentes relacionam o fato de terem sido criadas por núcleos familiares diferentes ao fato de uma engravidar e a outra não, ou seja, participar de uma rede de conversas diferentes; integrar pautas diferentes de interação familiares fizeram uma grande diferença em suas decisões.

Lia foi criada com o pai e com mãe. Nesse núcleo familiar, os discursos das famílias de origem dos cônjuges, trazidos para a família nuclear, oferecem a oportunidade de encaixe, ou acoplamento dos filhos, em parte, no discurso da família de um dos genitores e, em parte, no discurso da família do outro. Por sua vez, a meia-irmã de Lia (fruto da gravidez precoce da mãe, em um primeiro relacionamento aos 16 anos), foi criada pela tia materna com a assistência reguladora da avó materna, permanecendo, portanto, no núcleo familiar de origem materna; convivendo com o mesmo discurso, com o mesmo sistema de crenças e valores; e com as mesmas conversas, que fizeram parte da formação da identidade da mãe, o que justifica, em parte, as diferenças percebidas pelas próprias irmãs, na forma delas interagirem com o meio.

As duas adolescentes definem os seus núcleos familiares como sendo, um (família nuclear da adolescente), como um sistema parental que compreende e aceita a gravidez adolescente, e o outro (núcleo da família de origem materna), que não compreende e não aceita a gravidez na adolescência.

Na família de origem materna, as conversas que circulam sobre gravidez na adolescência são de extrema rejeição, punição e abandono.

A tia materna de Lia fala sobre o sofrimento da irmã, mãe de Lia, quando engravidou aos 16 anos. O impacto provocado no sistema familiar de origem foi forte.

Ressalta em seu relato o quanto a mãe de Lia foi rejeitada, na condição de grávida adolescente, principalmente pela mãe (avó materna), o que é representado pelo trecho transcrito:

“Eu lembro bem da época da gravidez dela, eu era pequena, mas, assim, meu pai ele de cara não aceitou; mas depois ele foi lá, ela saiu de casa, ela teve que sair de casa, mas como ele era mais maleável, mais compreensível, ele foi lá, trouxe ela pra casa, mas em momento algum ela conseguiu se entender com a minha mãe (...) ela passou uma situação bem difícil, deixou ela no interior [referindo-se à criança] e veio pra cá, prá trabalhar.” [tia materna].

Esses trechos evidenciam a reação do sistema familiar de origem materna, diante da gravidez da mãe de Lia, aos 16 anos. Reação de rejeição e rompimento, eventos que circulam no sistema familiar gerando conversas, alianças, tensões que retroagem sobre seus membros tendo efeito sobre seus sentimentos e comportamentos.

Por sua vez, a reação da mãe de Lia, diante da gravidez desta, obedece ao seu sistema de crenças da família de origem, mesmo com algumas atenuantes, de não abandono, de não punição, mas acompanhado de uma tristeza profunda, como se, mais uma vez, fosse, de alguma forma, culpada pela quebra das regras de sua família de origem.

“Eu não aceitei [...] fiquei assim, revoltada, porque eu estava vendo a minha vida atrás, tipo assim, o meu passado, fiquei preocupada [...] fiquei triste, muito triste mesmo.” [mãe de Lia].

Por outro lado, na família paterna de Lia, as conversas que circulam entre os membros sobre gravidez na adolescência são de aceitação e apoio, o que não significa aprovação, mas uma naturalização da gravidez precoce, que mesmo não sendo oportuna, parece ser, de certa forma, inevitável.

Diz o pai, a respeito da reação dele e da avó paterna diante da notícia da gravidez de Lia:

“Quando eu fui dizer pra ela [para avó paterna] que Lia estava grávida, ela ficou alegre que nem eu, na mesma hora [...]”.

“[...] porque, uma, a minha filha não ia ser, nem a primeira nem a última a engravidar aos 16 anos. A mãe dela engravidou, a minha mãe engravidou, então, tá sendo tipo assim ‘hereditário’ [pai de Lia].

Nessa fala, o pai revela um sistema de crenças, de explicações e de valores da família de origem que supera os ditames da cultura, em que, normalmente, os pais não aceitam a gravidez de uma filha adolescente, e apresenta um discurso de aceitação em harmonia com a história compartilhada em sua família de origem.

Dessa forma, os sujeitos do estudo confirmam a eficácia da rede de conversas que circula entre os membros de uma família, com laços de retroalimentação e fechamento da rede em sistemas compartilhados de crenças, explicações, valores, significados continuamente sustentados por mais conversas (CAPRA, 2006).

A meia-irmã de Lia, sendo criada pelo mesmo sistema de origem da mãe, manifesta um discurso bem diferente do discurso apresentado por Lia, discurso que reflete de forma inequívoca, o compartilhar de crenças, de explicações de valores e significados próprios da família de origem materna, como se pode ver nos trechos seguintes:

“Porque eu sei assim, que não é fácil, mesmo pra uma pessoa adulta que está estabilizada, [...] imagina pra ela que não terminou os estudos ainda, que não sabe fazer nada, assim é mais difícil”

Quanto ao que leva ao engravidamento precoce, responde:

*“[...] Não sei, acho que porque tem filhos assim, que antes de fazer alguma coisa **pensa mais**, e outros **pensam menos**. Acho que ela não pensou na hora.” [meia-irmã de Lia]*

Falando sobre as regras do sistema materno, no qual foi criada, quanto à gravidez na adolescência, enfatiza:

“[...] era bem clara, mesmo se acontecesse, elas não admitiriam, não aceitariam, elas não têm a cabeça deles [referindo-se à sua mãe e ao pai da irmã].”

A mãe confirma o sistema de crenças da família de origem, que a filha compartilha, dizendo:

“[...] ela foi criada como eu fui criada.” [mãe de Lia].

A tia materna complementa:

“[...] criou diferente, com mais diálogo, conversando mesmo, mas ainda tem aquela coisa assim, de não sair da linha, de não engravidar.” [tia materna].

Ainda, na análise desse texto, chama-se a atenção para as partes da entrevista onde é ressaltada a atividade cognitiva, a capacidade de reflexão como sendo importante para decisão de engravidar ou não, associada ao sistema de crenças da família, ao significado que a família atribui à gravidez na adolescência. A irmã de Lia, ao destacar a necessidade de estar estabilizada para receber uma criança, repete o discurso da tia e da avó: “estudo-emprego”.

Também observa-se a mudança do sistema, informada pela tia materna, que afirma não ser este o mesmo da época da gravidez da irmã, mãe de Lia. O relato da tia indica que as fronteiras rígidas foram flexibilizadas, dando espaço para o diálogo, mudando a natureza da relação e, portanto, a comunicação entre os membros, que sai de uma relação rígida inflexível para uma relação mais saudável, tornando-se mais eficaz.

Por sua vez, Lia, questionada, quanto ao que ela achava a respeito do discurso da irmã, respondeu:

“Não sei, acho que ela está certa” [risos].

Logo depois, fez a observação de que foram criadas por pessoas diferentes. Observa-se na fala da adolescente que esta ressalta as diferenças entre ela e a irmã, criada pela família da mãe, e assume mais o discurso da família do pai.

A segunda família, que se trouxe para corroborar essa avaliação é a família da adolescente Laura. Nessa família, a primeira geração não apresenta gravidez precoce. A mãe engravidou depois dos 22 anos; as tias, na sua maioria, depois de 23, 25, 27 e 35 anos, e uma delas manteve-se virgem, conforme relato.

Considera-se, aqui, importante, transcrever parte da entrevista com a mãe de Laura, falando da primeira geração.

Questionada sobre o fato de ninguém ter engravidado cedo na família de origem, a mãe de Laura respondeu:

“Acho que vai do pensamento de cada um, assim das pessoa, né? Dizer assim: ‘eu não vou ter filho cedo porque eu ainda tenho que me divertir, eu pensava era assim. [mãe de Laura]”

Ao ser questionada por que tinha esse pensamento, respondeu:

“Eu que botei na minha cabeça mesmo pra mim não procurar filho cedo eu pensava assim, nós conversava assim [refere-se às irmãs] ‘ah filho cedo eu não quero’”. [mãe de Laura]

-“Nós é que pensava mesmo.” [mãe de Laura referindo-se a ela e às irmãs]

Quando questionada quanto ao pensamento de sua mãe em relação a ter filho cedo respondeu:

“Ela falava assim, ela só dizia assim: ‘ah aqui eu não vou criar filho’. Eu dizia assim: ‘aqui mesmo a senhora não vai criar, eu não vou dar nenhum pra senhora criar’, era isso que ela dizia, ela disse que não criava filho de ninguém, eu digo então a senhora não cria mesmo, porque o meu mesmo não vai, no nosso pensamento ninguém queria filho.” [mãe de Laura se referindo à avó].

Novamente, nesse trecho transcrito, é atribuído importância ao processo cognitivo, à capacidade de reflexão para a decisão de engravidar ou não, cedo.

Ao explicar o fenômeno do pensar, observa-se na sequência das falas, a mãe de Laura ignora o controle do discurso da própria mãe, avó de Laura, sobre ela. Esta não se dá conta da ação dele, discurso materno, sobre sua decisão de não engravidar cedo e acredita que ela mesma decidiu sozinha. A abordagem sistêmica entende esse evento como um encaixe dos filhos no discurso ou história dos pais. Maturana e Varela (2007) explicam esse encaixe como acoplamentos estruturais interacionais, que ao cabo de uma sequência de interações, adquire uma forma própria, ou individual, de interagir.

Faz-se necessário, para nossas considerações, uma maior compreensão da importância do processo cognitivo nas relações, e como o curso do pensamento é construído, mantido e modificado através das interações linguísticas contínuas, gerando comportamentos ao longo da vida do indivíduo.

Esses acoplamentos estruturais, ou interações entre o indivíduo e o meio, têm

repercussão no sistema nervoso, provocando constantes transformações microscópicas da rede neuronal durante as interações do organismo com seu meio (MATURANA; VARELA, 2007).

Maturana e Varela (2007 p. 86) concluem que “toda ontogenia de um dado indivíduo como membro da unidade social está atrelada a sua contínua história de interações trofoláticas seletivas”.

O espaço familiar é o primeiro, e ainda, o mais importante espaço de formação do indivíduo, de suas primeiras experiências, de suas primeiras interações com o meio.

De acordo com a literatura, já apresentada no marco teórico, a autopoiese ou a reprodução autocriadora dos sistemas humanos se realiza através da linguagem, uma verdadeira trofolaxe lingüística, que, no espaço familiar, age sobre as decisões dos membros que compartilham do mesmo sistema de crenças, valores e significados.

Sabe-se que todo comportamento é um fenômeno relacional entre o organismo e o meio. O “ouvir”, neste estudo, não se refere ao estímulo auditivo, mas ao estímulo das estruturas cerebrais: a capacidade do estímulo de produzir perturbações suficientes na rede neuronal para mobilizar uma ação ou um comportamento.

“[...] uns pensam mais e outros pensam menos”;

“[...] vai do pensamento de cada um”.

Os sujeitos do estudo denotam o poder e a eficácia do discurso da rede de conversas circulantes no sistema familiar, sobre eles, mesmo sem ter plena consciência disso. A eficácia do discurso familiar que, em algumas situações, se sobrepõem aos outros estímulos próprios da adolescência e do contexto social mais amplo, encontra-se ligada aos aspectos da natureza da relação de quem detém o discurso; à ressonância do discurso nas outras partes do sistema, podendo estar associada, ainda, a outros grupos que façam a confirmação do discurso, atuando como uma espécie de filtro em relação ao contexto social mais amplo, que retroage sobre a estrutura familiar de maneira recíproca.

Maturana e Varela (2007), assim como Carter e McGoldrick (2008), concordam que a estrutura do meio não especifica as mudanças no indivíduo, mas as desencadeia.

Segundo Maturana e Varela (2007, p. 147), “o organismo e o meio funcionam reciprocamente como seletores de suas mudanças estruturais correspondentes e se acoplam entre si”. Com base nesse pressuposto, pode-se afirmar que a trama do comportamento de engravidar das adolescentes pode ser desencadeada pelo meio, mas não determinada.

Ressalta-se, ainda, que o determinismo estrutural do sistema nervoso, como participante do processo cognitivo, apontado por Maturana e Varela (2007) se efetua com base em a toda história de acoplamentos estruturais vivenciada anteriormente pelo indivíduo,

principalmente na família. Essa premissa torna inegável a importância da estrutura familiar atuando sobre as decisões dos seus membros.

Por fim, destacou-se, nessa parte do estudo, a partir das falas dos sujeitos do estudo: a importância do aspecto de ordem das comunicações na interação entre mãe e filha; o encadeamento das interações dos membros da família com efeito uns sobre os outros interferindo na eficácia da comunicação entre os membros; e, os sujeitos do estudo denotam o poder e a eficácia do discurso da rede de conversas circulantes no sistema familiar, como uma rede de produção que, ao longo de determinado tempo de interações, contribui para a formação da determinação estrutural do membro da família.

5.2.2 As mães usam a própria história como espelho: o espelho quebrou

Esta categoria analítica conduz ao mundo dos espelhos, à capacidade de reflexão dos humanos, de consciência, de descrever a si mesmos e às suas circunstâncias, assim como devolver ao exterior o resultado de sua elaboração interna que, por sua vez, fará parte da elaboração de outros. Segundo Sarti (2004, p. 14), “Nesse jogo entre o mundo exterior e o mundo subjetivo, as construções simbólicas operam numa relação especular”.

Assis e Avancini (2004), investigando a capacidade do adolescente em apreciar seu jeito de ser, usam a metáfora dos espelhos incrustados nas paredes do labirinto do Minotauro, lenda grega, como a trajetória da formação do humano, espelhada na experiência da continuidade e intensidade dos outros olhares, em especial da família.

A construção do espelho remete, inevitavelmente, ao mundo da linguagem. Possenti (1993) refere-se à situação do assujeitamento do indivíduo, na qual este não é dono do seu próprio discurso e de sua vontade; sua consciência é produzida de fora para dentro e ele pode não saber o que diz; tem apenas a ilusão de que é livre para fazer e dizer o que deseja, mas de fato é um discurso anterior que fala através dele, e os sentidos que carregam são consequência dos discursos a que pertenceram e pertencem.

Dessa forma, os sujeitos sofrem o assujeitamento do discurso da família que percorrem as gerações. As famílias, por sua vez, constroem seus mitos a partir do que ouvem sobre si, do discurso externo internalizado, mas, ao mesmo tempo, devolvem um discurso sobre si que contém também sua própria elaboração, objetivando sua experiência subjetiva (SARTI, 2004).

A linguagem reflete, o ouvir internaliza o reflexo da linguagem em uma representação interna que, por sua vez, é devolvida em forma de comportamento.

O olhar da família reflete sua história, suas crenças, seus mitos, sua maneira de se relacionar e enfrentar as situações da vida, que em última instância, configura o seu padrão interacional. Cada família tem um estilo próprio; tem uma identidade transgeracional (SLUZKI, 2003).

As famílias entrevistadas oferecem uma narrativa construída ao longo de três gerações que, como a lenda grega, se constitui em um verdadeiro labirinto espelhado, onde, muitas vezes, as personagens assumem os reflexos de outras imagens, formadas pelo discurso familiar, como se fossem suas, participando de conflitos refletidos do passado para o presente.

A eficácia dos processos de transmissão geracional aprisiona o indivíduo às relações familiares, de tal forma que compromete sua capacidade de agir de acordo com a vontade própria, sem sentimento de culpa (FALCKE; WAGNER 2005).

“[...] uns pensam mais outros pensam menos” [irmã de Lia]

“[...] Eu botei na minha cabeça mesmo pra mim não procurar filho cedo [...]”.
[mãe de Laura]

O aprisionamento, a que se refere a autora acima citada, encontra-se bem evidenciado nos trechos transcritos. Nessas afirmativas dos sujeitos do estudo, observa-se o aprisionamento pela relação do sujeito com o que é refletido pelo o espelho transgeracional ou intergeracional. Em suas afirmativas, os sujeitos manifestam posturas, consoante as regras familiares. Ou seja, a internalização do *script* conformado ao discurso familiar.

No entanto, nem sempre o resultado do espelhamento está de acordo com o que a família espera. Mesmo a família exigindo dos seus membros constante observância do *script* da história familiar, eles interagem com a história familiar de modo peculiar, tendo uma representação dessa história, muitas vezes, diversa daquela que o sistema quer representar. Sistemas familiares inteiros se aprisionam em certas pautas de suas histórias relacionais, lutando desesperadamente para mantê-las ou para livrar-se delas, mas a elas se aprisionam. (BERTIN, 2004).

Segundo Sluzki (2003), as narrativas compartilhadas pelas famílias são como um sistema constituído por atores, roteiros (incluindo conversas e ações) e contextos (incluindo cenários onde transcorrem as ações, história e contexto prévio), ligados entre si pela trama narrativa, ou seja, por um conjunto de conectores lógicos explícitos ou implícitos de modo tal que toda mudança no contexto provoca mudança na natureza do roteiro e dos atores e vice-versa.

As mães espelham suas histórias, mas não sabem que parte será refletida mais intensamente na adolescente. Talvez, o que mais encante as filhas não seja o relato, mas o

contexto ou cenário. Talvez, o que irá refletir mais fortemente não seja a história, mas como ela foi vivida, a situação enfrentada. Talvez, aquilo que é percebido na história, não seja elemento da história, mas da relação que a adolescente tem com quem narra. Talvez, o reflexo mais intenso seja ainda dos elementos que os outros acrescentam à história quando se referem à trama e aos personagens. E assim, são muitas as possibilidades da adolescente de se relacionar com os espelhos do labirinto familiar, são muitas as possibilidades de fazer a sua ontogenia. Mas, qualquer que seja o resultado final, o reflexo do espelho familiar estará lá.

Escolhe-se inicialmente a família de Lara, para desenvolver a análise a respeito da relação das adolescentes, com o espelho familiar, com a história da mãe.

A mãe de Lara falando do seu modo de prevenir as filhas:

“Eu falava pra elas que o exemplo tava em cima de mim mesmo, que eu tive três filhas, criando elas praticamente sozinha, o pai nunca deu uma calcinha pra elas, nenhuma [...] e eu passei isso pra elas, o espelho tá dentro de casa (grifo nosso), aconteceu comigo, entendeu?”

“[...] fiquei sofrendo na casa dos outros com filho nos braços, ia pra casa de minha irmã, depois ia pra casa de minha outra irmã, ficava só assim, mudando de casa em casa com elas nos braços”. [Genograma 8]. [mãe de Lara falando sobre a sua história como exemplo]

Ao ser perguntado por que a história da mãe não funcionou com ela, assim respondeu:

“[...] é porque o meu espelho quebrou” [Lara (risos)]

A história que a mãe de Lara usa para advertir a filha da situação de sofrimento, que pode trazer uma gravidez precoce, não se restringe ao que contém o relato. Este é apenas uma parte de uma história maior, de uma meta-história que faz parte da identidade transgeracional da família de Lara. O espelho reflete principalmente a identidade transgeracional da família. Dessa forma, busca-se esse espelhamento, nessa identidade que reflete as crenças, os mitos, as regras, os créditos e débitos dos membros da família.

A história da mãe de Lara é marcada, por um lado, no que se refere à sexualidade e ao risco de engravidamento precoce, por padrões interacionais punitivos para manutenção do controle e cumprimento das regras do sistema, e por outro, pelo comprometimento que os membros têm em nutrir e proteger os filhos.

Com o objetivo de identificar a relação da adolescente com a história da mãe, e do efeito desta história sobre ela, elegem-se dois aspectos da história familiar: a história de punição dos desejos sexuais da adolescência e a força que a maternidade empresta em situações difíceis.

Nessa trama existe a implicação de um conjunto de mecanismos do sistema familiar que, em certos acontecimentos, pode ser acionado por determinado elemento da

trama e gerar, assim, a repetição.

Os papéis de vítima e algoz, nesse roteiro e lógica interna familiares, são apoiados por um sistema de crenças compartilhadas a respeito dos papéis dos membros da família e da natureza de suas relações (FERREIRA, 1963).

Buscar-se-á compreender através das falas da família de Lara transcritas abaixo, em como o espelho é construído por essa família, e como a adolescente nele se espelha. Para tanto, apresenta-se inicialmente o discurso do avô, que manifesta sua crença de controle sobre os filhos, sua crença nas diferenças de gênero, e a forma como os desejos sexuais na adolescência devem ser tratados.

Controle sobre os filhos e diferença de gênero, 1ª geração

“A senhora sabe, eles (os filhos) tinham uma moda de correr atrás da mãe deles. Uma vez eu saí pra pescaria, e tinha uma festa no coqueiro. Eu falei: ‘elas não vão pra festa e eu vou pescar’. Quando cheguei, perguntei. A mãe tentou encobrir, mas acabou dizendo que elas foram pra festa. Vou já buscar. Botei o facão na cintura e fui buscar. Cheguei lá mandei chamar elas, ainda teve um que disse ‘deixa elas dançar’. E eu disse: ‘quem vai dançar aqui é o meu facão’. Aí eu disse pra elas: ‘vocês não tem que ir atrás da mãe de vocês, tem que ir atrás de mim porque quem bota o comê em casa sou eu, não é a mãe de vocês, a mãe de vocês é pra fazer comê’.” [avô de Lara]

“Era, se duvidava eu apanhava(ele quer dizer que batia). E apanha depois de grande assim. Se duvidar comigo apanha. Porque eu sou o pai e eles têm que me respeitar como pai, né?” [avô de Lara, se referindo aos filhos].

E eu executava (batia). Se eu não tivesse executado, eles não eram assim, manso comigo, era tudo brabo.[avô de Lara].

Controle do desejo sexual das adolescentes da família, 1ª geração

“O meu primo veio dizer pro meu irmão que a gente tava namorando. Tava só conversando, eu e minhas irmãs, com um rapaz. Aí o meu irmão veio atrás da gente. Todo mundo correu, e eu fiquei. Ele veio me batendo de lá até aqui e quando chegou, me entregou pro meu pai. Papai pegou aquelas tábuas de palha e me bateu tanto, me bateu tanto, até que eu consegui me soltar dele. Mas quase ele me mata de dale, ele e meu irmão.” [mãe de Lara falando da surra que pegou do seu pai, por acharem que ela estava namorando].

“[...] eu não quis nem saber, saí correndo, por dentro dos matos. Danei a chorar, lá dentro dos matos. A mamãe saiu atrás de mim, eu chorando e ela me chamando, eu não conseguia nem responder, chorando. E ela foi bater comigo lá dentro dos matos, lutou prá mim vim, aí foi que, com muita luta, eu vim.”

Para se entender o funcionamento de um sistema, é imperativo que se entenda a maneira como as partes se conectam e como atuam umas sobre as outras, estabelecendo um padrão circular, que dá forma ao sistema.

Por conseguinte, para a compreensão do padrão de funcionamento da família, é necessário entender como cada membro desempenha sua função, e como cada função de um membro da família se vincula às funções dos outros membros, para manter a homeostase do sistema (BERTIN, 2004).

No relato acima, em uma situação de suspeita de namoro, o papel do irmão é ir buscar a irmã, com autorização para bater; o papel do pai é surrar a filha para proteger o sistema de crenças, que a família compartilha; o papel da mãe se segue, logo depois, indo atrás da filha para oferecer cuidados, para dar alento, para trazê-la de volta a casa.

Todos compartilham da mesma crença: quem denuncia, quem bate, quem cuida, quem apanha. Todos atuam de forma a manter um circuito de retroalimentação de toda a cadeia comportamental do sistema. Em torno dessa trama, existem acordos inconscientes e regras ocultas do sistema.

Essa é a configuração de relações entre os componentes do sistema, em torno das regras que se julgam importantes. Nesse caso, o comportamento sexual das filhas, especialmente regulamentado na família, obedece a um sistema de repressão genérico, oferecido pelo contexto social mais amplo, e ao sistema de repressão específico, peculiar a família (MINUCHIN, 1982).

Os padrões são ordenados em torno da autoridade do pai: do que ele permite e do que ele não permite. A mãe acoberta os filhos, faz intermediação nos momentos de crise, mas não confronta a autoridade do marido. Faz um papel complementar para que ele atue no papel intimidador. Dessa forma, a função da mulher em acobertar os filhos e em fazer a intermediação entre o marido e as filhas se vincula à função do marido em bater e intimidar. A submissão das filhas concorre para manter o sistema funcionando dessa forma. O irmão, ao participar do controle do comportamento sexual das mulheres da família, vincula-se ao pai, confirmando o poder masculino no sistema patriarcal. Os membros que optam por maneiras alternativas de se relacionar são marginalizados.

“Até hoje a minha mulher tem muito medo dele. Qualquer lugar que tiver que ele aparece, pronto” (pá, pá, pá, ele bate palmas para dizer que a mulher sai correndo). [cunhado da mãe de Lara ressalta o efeito intimidador do sogro sobre sua mulher].

[...] porque se um filho meu roubar eu digo, se ele não prestar eu digo também [...] essa é ‘nó cego’.” [o avô de Lara se referindo à filha que se contrapõe as regras da família].

As exigências funcionais parecem claras: de obediência absoluta ao pai. Os filhos não podem buscar proteção da mãe, em relação às ordens do pai, e quem não se submete às regras “é nó cego”. Ao irmão, as irmãs devem relativa obediência. A mãe tem que comportar-se, apoiando as ordens do marido, sem intervir em favor das filhas. Na divisão de trabalho, o pai é o provedor e a mãe administra a casa; é responsável pelo preparo dos alimentos.

O sistema de controle é severo, com práticas de violência física. O pai tem o respeito e a submissão dos filhos.

A visão sistêmica da família, como outros sistemas vivos, fundamenta-se na questão da totalidade, da organização e da padronização. Os eventos são estudados dentro do contexto no qual ocorrem, e as conexões e relações é que ganham importância mais do que as características individuais.

Cada membro contribui para a formação de padrões familiares e, ao mesmo tempo, cada membro é moldado por esse padrão, pelo que a família espera e permite, e isso remete à produção e transformação realizadas pela rede autopoietica dos sistemas vivos, apresentada por Matura e Varela (2007).

Todos contribuem e todos sofrem os resultados do padrão interacional: a filha que até hoje se sente ameaçada quando o pai a encontra fora de casa; a filha que bebe e é considerada o “nó cego da família”; a filha que é a mais determinada e a mais independente.

Com o objetivo de identificar a repetição desses padrões de interação de uma geração para outra, transcrevem-se alguns trechos que revelam os padrões de interação da mãe com as filhas, 2ª e 3ª gerações, em torno do mesmo tema, comparando com o padrão de interação da mãe com o avô, 1ª e 2ª gerações.

Mãe de Lara, referindo-se à situação de namoro das filhas:

“Apanham quando merecem apanhar, eu doli mesmo, se merecem, apanham mesmo, podem tá do tamanho que for, mas apanham mesmo. Essa aqui [aponta para filha do meio, 18 anos, irmã de Lara] é a mais danada, mas quando “coisa”, apanha mesmo, desse tamanho, mas eu doli.” [mãe de Lara]

Lara fala, atribuindo o papel de vítima, à irmã, e de algoz à mãe:

“Essa aqui sofreu mais do que eu, a mamãe bateu demais nela. A bichinha apanhou”.

Ao ser perguntado à irmã de Lara como reagia quando a mãe dizia para não sair, assim respondeu:

“ah... Ficava com raiva” [irmã de Lara]

Ao ser perguntado à família, como a irmã de Lara se sentia ao apanhar por sair com o namorado sem consentimento da mãe, o tio e a mãe responderam:

“mandava dá mais.” [tio, cunhado da mãe]

“E ela ainda dizia que ela podia apanhar porque ela já tinha feito o que queria, ela não tava mais nem aí se ela apanhasse depois. Ela apanhava de cipó de goiaba” [mãe se referindo à irmã de Lara].

Em relação a Lara, a mãe afirma: *“Dei foi muito nela de pau.”*

Lara faz uma ressalva: *“uma vez só.”*

Como se pode observar, através das falas transcritas, a mãe repete com as duas filhas, a mesma pauta interacional vivida com o pai, em torno do mesmo tema: namoro e gravidez na adolescência. Repete os mesmos comportamentos de controle punitivo violento,

também vivido com o seu pai (avô de Lara).

Como exemplo de repetição dos padrões interacionais na família destacam-se de forma comparativa, os dois discursos, do avô e da mãe de Lara.

Padrão interacional do avô de Lara com os filhos:

“Papai pegou aquelas tábuas de palha e me bateu tanto”. [mãe de Lara]

Padrão interacional da mãe de Lara com as filhas:

“Dei tanto nela de pau” [mãe de Lara]

Padrão interacional do avô de Lara com os filhos:

“Era se duvidava eu apanhava (batia). E apanha depois de grande assim. Se duvidar comigo apanha. Porque eu sou o pai e eles têm que me respeitar como pai, né?” [avô].

Padrão interacional da mãe de Lara com as filhas:

“Apanham quando merecem apanhar, eu doli mesmo, se merecem, apanham mesmo, podem tá do tamanho que for, mas apanham mesmo” [mãe].

Geralmente a repetição de um padrão cumpre a tarefa de equilibrar o sistema familiar. Para manter o seu funcionamento é exigida de seus membros a constante observância do *script* da história familiar.

A mãe de Lara segue o mesmo *script* da família, utilizando o mesmo sistema hierárquico de poder e os mesmos caminhos para tomar decisões e controlar o comportamento de seus membros (MINUCHIN; COLAPINTO; MINUCHIN, 1999).

Diante da trama da narrativa da família, identificam-se alguns mitos, referentes ao controle dos filhos; quem poupa a vara perde o filho; pai tem que bater em filho pra ele ficar manso; quem apanha não esquece.

A crença que subjaz aos mitos da família é que somente imprimindo dor, subjugando, fazendo valer à força, se pode ter o controle dos filhos e torná-los pessoas melhores.

Ferreira (1963) conceitua o mito familiar como um número de crenças bem sistematizadas e compartilhadas por todos os membros da família, no que se refere a seus papéis e à natureza de suas relações.

Segundo Andolfi e Angelo (1988), em qualquer relação, cria-se um mito, favorecido pelas ambigüidades de algo não expresso.

Os mitos da família de Lara se revelam, dentro do interesse que se elegeu nesta análise, não só no controle dos filhos através de punições severas, como também na ênfase do sacrifício para nutrição dos filhos. No relato da história do avô de Lara que trabalhava o dia inteiro, desde quatro da madrugada até à noite, para “botar comê em casa”, observa-se que o cuidado em prover os filhos sem medir esforços, marca a identidade da família de Lara.

Buscou-se contextualizar essa interpretação através do texto transcrito abaixo:

“Era difícil encontrar ele em casa, muito difícil, ele saía de madrugada pra ir pra roça, chegava meio dia só pra comer mesmo, descansava, depois voltava de novo. Tudo ele resolvia, fazia tudo.” [cunhado da mãe de Lara, falando do sogro].

O relato acima apresenta o discurso familiar de sacrifício dos pais que é parte integrante da identidade dessa família. Cada família constrói seus mitos a partir do que ouve sobre si, do discurso externo internalizado” (SARTI, 2004).

Porém, cada membro da família possui uma representação dessa história, a qual, muitas vezes, é diversa daquela que o sistema exige (BERTIN, 2004).

Observa-se que a história da mãe de Lara contada pela família toma a forma da história do avô, com as mesmas ênfases, no que se refere a trabalho, a sacrifício pelo sustento dos filhos e a proteção destes. Trazem-se os trechos abaixo para essa avaliação.

“Ela sempre foi muito de trabalhar. Foi trabalhando no bar, passava o dia lá, pra poder adquirir alimentação para os filhos, que era tudo pequena, né? E até hoje continua no mesmo, nunca parou de trabalhar no bar. [cunhado da mãe de Lara inaltecendo-a como exemplo de mãe trabalhadora].

“Eu tive três filhas, criando elas praticamente sozinha. Só eu, só trabalhando, e criei tudinho praticamente só, sem ajuda dele, entendeu? Aconteceu comigo, fiquei sofrendo na casa dos outros, com filho nos braços. E eu passei isso pra elas, o espelho ta dentro de casa” [mãe de Lara].

O que é dito da história da mãe de Lara na família revela uma admiração pelo fato de ela ter assumido as filhas sozinha, depois de ser abandonada pelo pai da caçula. Dá-se ênfase ao fato de ela ter priorizado o sustento das filhas, trabalhado muito e, por fim, de ter alcançado relativo sucesso profissional. De todos na família, é quem tem melhores condições financeiras. É quem custeia os medicamentos dos pais já idosos.

A mãe de Lara, pelo discurso da família, corresponde ao ideal da maternidade sacrificial, do sexo frágil/forte, uma imagem de mulher determinada, trabalhadora, de sucesso e que não mede esforços para o sustento das filhas.

O comportamento de trabalho, de responsabilidade com as filhas, dá o sentido mítico a sua história. Com base nesses elementos, o mito do trabalho, com sacrifício, em prol da nutrição dos filhos é ativado.

A família de Lara tem uma identidade transgeracional de trabalho, força, vigor, honestidade e responsabilidade com os filhos.

Lara revela através do seu discurso uma representação da história da mãe que envolve o mito do amor materno, o mito da independência feminina, que vê espelhado positivamente em outros olhos da família.

Demonstra ainda identificar-se com a mãe, desde a posição de nascimento, é a caçula, como a mãe na família de origem. Foi menos conflitante com a hierarquização do

poder, desafiava menos. Repete a fala da mãe, dizendo que apanhou de sua mãe só uma vez, como só uma vez a mãe apanhou do avô.

Depois da experiência da gravidez precoce, o mito de independência feminina e o mito do amor materno, que envolve sacrifícios, são ativados. Ela apresenta disposição em ter sucesso, assumindo o mesmo discurso da mãe: “trabalhando com filho nos braços”. Fala com orgulho da sua árdua rotina, levando a filha com ela, para não interromper os estudos à casa da sogra (a filha nasceu logo depois da primeira entrevista no NASA). Está muito empenhada em fazer a faculdade particular oferecida pela mãe, que ela antes não deu importância. Assume o discurso da mãe em não depender de marido, como se observa na transcrição abaixo:

“Agora eu penso [referindo-se em fazer faculdade], e agora é mais um incentivo pra mim fazer. Agora tem quem dependa de mim.”

“[...] Penso [referindo-se à faculdade] porque nem todo momento eu vou ta do lado do meu marido, eu tenho que pensar nisso também. Tem mulher que se escancha no marido, o marido faz tudo, mas passa na cara: ‘pra que é esse dinheiro?’. É, nem todo tempo eu vou ta com ele, agora quem tem que sustentar ela também é eu.”

“[...] olha, a minha corrida pra escola é ruim, eu começo a me arrumar 12:15, aí eu pego o ônibus e vou deixar ela [o bebê] lá no coqueiro, com a minha sogra. Ela pega a neném na porta, eu não desço pra não pagar outra passagem. Aí passo, e vou pra escola, e quando saiu, desço na casa da minha sogra pego a neném e trago de novo.”

“Tô estudando, tô tirando nota boa. As professoras até costumam brincar que a gravidez fez bem prá mim”.

Assim, o texto transcrito deixa claro que o mito do amor materno sacrificial, baseado na crença de que o amor materno é incondicional, instintivo, natural, empresta forças em meio às situações mais desfavoráveis. Observa-se também, na fala de Lara, seguindo o *script* da mãe, que ela se prepara, inconscientemente, para ser abandonada, para sustentar a si mesma e à filha, sozinha, mesmo estando em um momento do seu relacionamento, que ela define como muito bom.

Boszormenyi-Nagy e Spark (2008) referem-se à urdidura dos mitos como que seguindo *um livro de créditos e débitos* intra e intergeracionais, delegando papéis, seguindo temáticas de culpa, reparação, procura de perfeição.

Observa-se que Lara se sente comprometida em desempenhar tão bem quanto a sua mãe, o papel materno de nutrição e proteção. Pode haver, também, nessa urdidura, elementos de culpa ou reparação, aos quais não se tem acesso, pela brevidade do contato com a família. O importante, para o propósito deste estudo, é indicar que o sujeito se encontra inserido em uma rede de lealdade transgeracional, que existe uma transmissão, de uma geração para outra, de pautas interacionais, unindo fragmentos de condutas das pessoas em

uma dada relação.

Convém ressaltar que a transmissão transgeracional, como parte do processo autopoiético do sistema familiar, não implica em réplica dos padrões de funcionamento da família, mas em uma repetição, cujo sentido depende da representação que o membro da família tem das leis do sistema e das características individuais de cada sujeito.

Por conseguinte, o que a adolescente recebeu da geração anterior, interiorizando os processos familiares, ao ser devolvido para o contexto familiar, recebe também as suas características individuais, o que significa que o produto herdado por Lara poderá sofrer variações, mas mantém a identidade familiar.

Outra parte dessa trama, não menos importante, é a escolha dos papéis entre as irmãs da segunda geração (mãe e tia) e da terceira geração (Lara e a irmã do meio). Uma vez que, na visão sistêmica, os papéis familiares não existem independentes uns dos outros, mas cada papel é circunscrito por outros papéis recíprocos entre os membros do sistema. E, ainda, segundo Boszormenyi-Nagy e Spark (2008), nessa tessitura do grupo familiar, os membros da família assumem compromissos inconscientes nas relações intersubjetivas familiares, que são as lealdades familiares, significando que, dentro do contexto da família, cada um deve cumprir as expectativas e obrigações do grupo.

Logo, Considera-se importante trazer à discussão a posição da tia definida pelo grupo familiar como o “nó cego” da família e a posição da mãe de Lara na família de origem, como a filha que corresponde às expectativas do grupo familiar, relacionando essas duas posições às posições de Lara e sua irmã do meio.

Ao ser perguntado à família porque uma das tias de Lara era chamada de “nó cego”, a mãe de Lara respondeu:

“Ela bebe muito e não se controla, vacila. Faz feiúra, dorme na rua.”

“[...] É danada e teimosa”.

A família conceitua a tia de Lara, de “nó cego”, por ela trazer preocupação e provocar constrangimentos à família quando bebe. A mãe de Lara, por sua vez, é considerada, responsável, obediente e ajustada às expectativas do grupo.

Na 3ª geração, entre Lara e a irmã, é feita a seguinte diferença pela mãe, observada nas falas abaixo:

“essa aqui é a mais danada. Mas quando ‘coisa’, apanha é mesmo, desse tamanho, mas eu doli” [mãe de Lara se referindo à irmã do meio].

Ao ser perguntado a mãe de Lara porque acha que o seu conselho não adiantou para as filhas, ela responde:

“Sei lá. Eu acho que quando ela fica doida mesmo é assim. Porque conselho dava demais”. [ela singularizou a resposta, referindo-se a uma pessoa apenas]

Foi indagado sobre de quem ela falava

“Elas tudinho. Principalmente, essa daqui [aponta para a irmã de Lara]. Essa daqui [referindo-se à Lara] pelo menos tá com o marido.

No trecho transcrito, observa-se que a mãe de Lara fala “ela” no singular e depois coloca no plural “elas tudinho”, mas imediatamente faz a diferença de papéis entre as irmãs e depois justifica que Lara, pelo menos, tem um marido. Lembre-se, aqui, que essa mesma irmã foi citada antes como a que mais apanhou e a que mais desafiou a autoridade da mãe. Dessa forma, entendemos que a irmã de Lara é considerada o “nó cego” da família na 3ª geração: contraria, desafia e tem pouca chance de proceder de forma prudente, de acordo com a previsão do grupo familiar. Circunscrita por esse papel, Lara desenvolve o outro papel que o grupo familiar apóia, o papel da mãe.

Os papéis familiares não existem independentemente uns dos outros, a família tem responsabilidade compartilhada do comportamento dos seus membros. O papel da tia “nó cego” ou o papel da mãe de Lara como a mais obediente são *scripts* escritos um pouco por todos da família. Da mesma forma que o papel de Lara e o papel de sua irmã, fazem parte dessa rede de produção e transformação, formada pela família de modo inevitável.

Por conseguinte, ao se relacionar com a história da mãe, Lara se relaciona com os aspectos da história que confirmam o seu papel circunscrito pelo papel da irmã e delineado também pela expectativa do grupo familiar. Confirmando o que dizem Minuchin, Colapinto, Minuchin (1999, p. 26), “as famílias definem seus membros, em parte, com relação às qualidades e papéis dos outros membros, criando algo de uma profecia autocumpridora, que afeta a auto-imagem e o comportamento de cada indivíduo”.

As repetições na família ocorrem, normalmente, por uma trama de lealdade. A lealdade pressupõe que, para ser membro leal de um grupo, o indivíduo tem que interiorizar o espírito de suas expectativas e assumir uma série de atitudes passíveis de especificações, para cumprir com os mandatos interiorizados (BOSZORMENYI-NAGY; SPARK, 2008).

Na visão sistêmica, as falas da família do estudo indicam os lugares ocupados pelos membros nas relações familiares e compromissos inconscientemente assumidos com as expectativas da família. Lara, tem o compromisso de ser uma boa mãe e de assumir as responsabilidades e compromisso de ter filhos: *“agora tem quem dependa de mim” [Lara]*. Assim estará atendendo àquilo que a família espera dela.

Em relação à irmã, o lugar ocupado por ela, na família, é outro. As expectativas do grupo, manifestadas nas falas, é de que ela contrarie as regras. *“E ela ainda dizia que ela*

podia apanhar porque ela já tinha feito o que queria, ela não tava mais nem aí se ela apanhasse depois.[mãe de Lara se referindo à filha do meio].

É na família que se experimenta o sentido de pertencimento e diferenciação. É dela que se herda uma história, e dentro dessa história o sujeito se compromete com algum papel.

“As lealdades invisíveis abarcam em si muitas determinantes em sua configuração, que se referem à natureza da relação pais e filhos, à intensidade e à profundidade desses laços.” (KROM, 2000, p. 17).

As famílias estudadas apresentaram repetições de padrões funcionais das gerações anteriores, que se conectam ao evento de gravidez da adolescente. Não é o propósito deste estudo avaliar a dinâmica de cada uma das transmissões transgeracionais, mas indicar a existência delas e a associação com a gravidez das adolescentes.

Desse modo, para enriquecimento da discussão do tema, trazem-se, ainda, de maneira mais resumida, situações de algumas das outras famílias, que se julgam importante, para análise dessa categoria.

Na família de Lia, por exemplo, encontram-se claramente as lealdades transgeracionais da filha do casal (Lia) e da sua irmã por parte de mãe, a partir do vínculo construído por elas com seus contextos de criação.

Foi observado o resultado da produção e da transformação da rede familiar, através das falas dos sujeitos da pesquisa. Como já foi citado, em outra parte do estudo, a história da gravidez adolescente da mãe de Lia provocou sérias repercussões no sistema familiar de origem. A filha, fruto dessa gravidez precoce, foi adotada pelos avós, permanecendo, inserida no sistema de origem materno. Portanto, sujeita às mesmas leis, ao mesmo padrão de funcionamento em que a mãe foi criada, com as poucas alterações que o próprio ciclo de vida da família provoca através dos tempos.

O pensamento sistêmico é contextual e processual (CAPRA, 2006). O exemplo trazido permite discutir a importância do contexto e do processo familiar no resultado final do comportamento de seus membros.

Lia e sua meia-irmã pertencem a contextos familiares diferentes e convivem com padrões organizacionais diversos. Contudo, compartilham a mesma história materna de gravidez precoce.

Ao serem questionadas, para responder por que a história materna funcionou com uma e não com a outra, ambas apontaram o contexto familiar:

“Eu acho que por ela não ter sido criada pela minha mãe. Eu não, eu já fui criada com a minha mãe, com o meu pai e com o meu irmão.” [Lia]

[interrompendo no fundo] “...tem isso também, eu não fui criada assim por ela, e eu sempre tive alguém do meu lado, assim, me orientando desde pequena. Eu tive uma mãe assim, mais presente, no caso, a que me criou.” [meia-irmã de Lia].

Segundo Sluzk (2003), como já sobredito uma narrativa na sua totalidade, possui consequência morais, como também interpessoais e comportamentais, sendo tais corolários integrados no sistema narrativo, fazendo parte deste. Logo, as irmãs, na verdade, participam da mesma história materna com narrativas diferentes. Em cada contexto nuclear da família onde as irmãs foram criadas, a história é transformada, é vestida de corolários morais correspondentes às regras daquele núcleo familiar. Os corolários interpessoais, obviamente, são outros. No caso da meia-irmã, com quem ela se conecta, é a tia e a avó que a criaram. E como resultado, o corolário comportamental vai manifestar os elementos de cada narrativa, diferenciadas pelos contextos.

Sendo assim, Lia vai manifestar, em seu comportamento, elementos dessa narrativa, que combina as histórias da mãe e do pai:

[pai de Lia] “a minha filha não ia ser nem a primeira nem a última a engravidar aos 16 anos. A mãe dela engravidou, a minha mãe engravidou, então ta sendo tipo assim, hereditário.

A meia-irmã de Lia manifesta em sua fala a história da mãe com elementos dos corolários morais e interpessoais que compõem a estrutura do núcleo familiar onde foi criada:

“Elas não admitiriam, elas não aceitariam, elas não tem a cabeça deles.” [meia-irmã de Lia se referindo a avó e a tia, que a criaram]”

“Acho que tem filhos que, assim, antes de fazer alguma coisa, pensam mais e outros pensam menos”. [meia-irmã de Lia]

Deflui do exposto que a mesma história narrada em contextos diferentes, por ser parte do sistema narrativo, provoca espelhamentos especificados pelo próprio contexto e por quem narra, como se observa nos relatos transcritos.

As outras duas famílias, que farão parte dessa categoria de análise, são as famílias de Letícia e Lorena, cujas sínteses das histórias familiares já constam deste estudo.

As famílias de Letícia e Lorena chamam a atenção pelas histórias por elas compartilhadas em seus contextos familiares.

A história de Letícia, já registrada nas sínteses, é marcada pelo segredo de sua paternidade, pela negligência materna, pelo comportamento da mãe, no que se refere a constituir família. Esta última tem uma história de prática de 7 abortos, tolerados e justificados pela bisavó, de relacionamentos maritais diferentes, sendo o último relacionamento em um contexto legalmente reprovado, por ter sido com um adolescente de 14 anos.

Observa-se na narrativa da bisavó de Letícia uma ênfase na sedução feminina e também no desejo de se submeter às propostas masculinas:

“Elas ‘endoidam’. Os homens cantam, e elas vão atrás”

Esse é o entendimento que a bisavó de Letícia tem para os engravidamentos precoces das mulheres da família, tanto da mãe de Letícia, sua neta, quanto da própria adolescente, sua bisneta. Ambas criadas por ela e ambas com história de gravidez aos 15 anos.

Por sua vez, na história de Lorena, encontram-se também as marcas da negligência materna, do envolvimento materno com drogas, do comportamento agressivo e intimidador do pai.

Lorena, de acordo com o relato da família, foi criada com o pai e com os avós paternos após a separação dos pais, quando tinha oito anos. A família paterna procurava mantê-la, juntamente com seus irmãos, afastada da mãe, para não sofrer más influências. Consoante a narrativa, sabe-se que o atual companheiro da mãe é envolvido com o comércio de drogas. A adolescente rompeu com o pai e foi morar com o namorado, que também é envolvido com tráfico de drogas.

Em ambas as famílias, de Letícia e de Lorena, os papéis são pouco definidos. Os avós e bisavós não assumem o papel de impor limites, dispersando-se o controle por várias figuras da família que assumem a liderança rotativamente (SOUSA, 2007). As figuras paternas e maternas são ausentes. As mães apresentam comportamento de negligência, de acordo com os relatos. As saídas são facilitadas e a nutrição emocional é deficiente.

Nesses dois casos da amostra, as mães não aparecem como figuras protetoras, nem regulamentadoras do comportamento das adolescentes, pelo contrário, apresentam uma conduta de descrédito e de desaprovação no contexto familiar, social e legal (envolvimento com drogas e envolvimento sexual com adolescente, que caracteriza abuso sexual).

Como se pode observar, a figura regulamentadora é diluída entre vários membros da família. As regras de funcionamento da família reduzem-se ao mínimo, traduzindo-se em um distanciamento entre os membros. As fronteiras são pouco definidas e excessivamente permeáveis.

Em tais contextos, as adolescentes parecem definir seus lugares na família, seguindo os *scripts* das mães. Ambas engravidaram na mesma idade em que suas mães engravidaram pela primeira vez. Outras escolhas semelhantes ao roteiro materno se sucederam, como deixar os estudos. No caso de Lorena, a escolha do parceiro reflete a história da mãe na identificação com a marginalidade. Letícia, por sua vez, identifica-se com a lógica interna da família que segue o tema da sensualidade feminina, manifestada na fala da

bisavó “elas endoidam” (aos 12 anos fugia de casa e passava a noite na rua. Aos 15 anos submeteu-se a cárcere privado imposto pelo parceiro de 26 anos, pai do seu primeiro filho que nasceu morto).

As duas adolescentes, circunscritas pelos outros papéis dos membros da família, dispõem de poucas chances de fazer diferentemente das suas mães.

Groisman (2002, p. 19) ressalta o poder das experiências vividas em família, representando o fenômeno da transgeracionalidade na figura de uma cruz, dizendo que:

Queiramos ou não, todos nós somos atravessados por uma cruz. A haste vertical representa o que vivemos e foi transmitido por nossos pais, avós, bisavós: os tabus, mitos, segredos, lealdades, valores, crenças e principalmente a história que vivenciamos e compartilhamos. A haste horizontal representa a história que estamos construindo, no momento atual, seja nas relações profissionais, sociais e amorosas, seja na família, que porventura constituímos.

A idéia de que o indivíduo carrega consigo todos os seus antepassados, ressalta a eficácia dos acoplamentos estruturais interpessoais que se experimentam na família ao longo do tempo.

Elkaïn (2006) corroborando com a idéia desse autor, chama a atenção para o fato de que se subestimam as forças invisíveis da família. Também aponta para a necessidade de uma maior conscientização dessas cadeias invisíveis que limitam os movimentos dos indivíduos às experiências familiares.

Ressalta-se que as adolescentes demonstraram em seus relatos estarem limitadas às suas histórias familiares, espelhando em seus comportamentos elementos que fazem parte das histórias compartilhadas em família, em especial, às partes da história que envolvem a figura materna.

6 CONCLUSÃO

Após todas as análises e reflexões empreendidas ao longo deste estudo depreende-se como, primeira evidência, que há em nós a totalidade do patrimônio familiar. Por conseguinte, identificar e compreender a estrutura desse patrimônio está condicionado ao tempo adequado para que ela manifeste no seu funcionamento o seu padrão organizacional. O tempo estabelecido pela pesquisa de mestrado, no entanto, para conhecer os processos familiares, é limitado, embora suficiente para o propósito do objeto da pesquisa.

Reafirma-se, assim, que a estrutura familiar, substrato desta investigação, é um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as interações dos membros da família, mediante padrões transacionais que estabelecem como, quando e com quem se relacionar.

No que diz respeito aos dados levantados junto às adolescentes do NASA e suas famílias, a partir das observações de campo e das categorias delineadas, expõem-se a seguir as principais constatações.

As famílias em seus relatos apresentaram partes importantes desse conjunto invisível de exigências funcionais, evidenciando o poder que a estrutura exerce sobre seus membros em suas decisões.

As falas demonstraram que a rede de conversas nas famílias é fundante na ontogênese dos seus membros, ou seja, que a família, como espaço de interações recorrentes e estáveis, contribui, de maneira significativa, para a formação do modo de interagir dos seus membros com o meio. Assim, apontam para a importância da ação recursiva e modeladora dos eventos da família nos processos cognitivos do sujeito e na formação do seu determinismo estrutural.

O padrão organizacional das famílias sofre mudanças de uma geração para outra, contudo as famílias mantêm aspectos importantes desse padrão, demonstrados pela posição de aprisionamento apresentada pelos sujeitos ao modo de funcionamento aprendido na família, fato que contribui para manter a identidade transgeracional.

As mães, por reproduzirem as tensões e as pautas interacionais vividas na geração anterior, com seus pais, estabelecem com as filhas uma relação de natureza semelhante, na maioria das vezes, conflitiva, o que dificulta a posição de escuta das filhas na comunicação, sendo o conteúdo da mensagem deixado de lado.

A aceleração do processo de constituir famílias e, conseqüentemente, o encurtamento do ciclo de vida da família, afeta a estrutura familiar gerando condições de

continuidade da história de gravidez adolescente na família.

A gravidez na adolescência é acomodada na família e ganha uma função no sistema familiar, resolvendo tensões pessoais e intergeracionais. Observaram-se, na narrativa das famílias, histórias de acomodação da gravidez adolescente no sistema e obtenção de uma função na família, resolvendo crises conjugais, tensões pessoais e promovendo satisfação para membros da família ampliada.

No que se refere à relação das adolescentes com as histórias das mães, observou-se que o contexto narrativo e quem as narra, assumem uma grande importância na vinculação da adolescente à história, e que essas histórias operam como guia e como contexto de justificação para a adolescente em seu comportamento, levando-as a seguir, na maioria das vezes, o mesmo *script* da mãe na história familiar.

Conclui-se, pois, que a estrutura familiar tem importante contribuição nas respostas das adolescentes em engravidar, pois tal resposta é inseparável dos encaixes estruturais tecidos pelas interações lingüísticas na família e pela história familiar compartilhada, razão suficiente para que a gravidez na adolescência seja objeto de uma intervenção sistêmica, a partir da estrutura da família e das histórias familiares, como conduta preventiva da gravidez na adolescência ou da repetição desta.

Para tanto, recomenda-se a adoção da abordagem sistêmica como metodologia de intervenção preventiva para situações de gravidez na adolescência, por acreditar-se na sua eficácia nas questões familiares.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência Normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G.; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.
- ANDOLFI, M.; ANGELO, C. **Tempo e mito em psicoterapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ASSIS, S. G. de; AVANCI, J. Q. **Labirinto de espelhos**: formação de auto-estima na infância e na adolescência. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BATESON, G. **Pasos hacia una ecologia de la mente**. Buenos Aires: Planeta, 1991.
- BENICÁ, C. R. S. **Permutas intergeracionais na família**: convergências e divergências no comportamento e nos valores. 1994. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1984.
- BERTIN, I. P. **Repetições (in)desejadas**: uma questão de família. Taubaté, SP: Cabral, 2004.
- BOARINI, M. L. Refletindo sobre a nova e velha família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, p. 1-2, 2003. Número especial.
- BORGES, A. L. V.; LATORRES, M. R. D. O.; SCHOR, N. Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do Município de São Paulo, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 23, n. 7, p. 1583-1594, jul. 2007.
- BOSZORMENYI-NAGY, I.; SPARK, G. M. **Lealtades invisibles**. Madrid: Amorrortu, 2008.
- BOWEN, M. **Family therapy in clinical practice**. New York: Jason Aronson, 1978.
- BRANDÃO, E. R.; HEILBORN, M.L. **Sexualidade e Gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil**. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, Jul. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700007> Acesso em: 15 jul. 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. A gravidez na adolescência está em queda. 2009. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=33728&janela>. Acesso em: 25 jul. 2010.
- CANEVACCI, M. (Org.). **Dialética da família**: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. (Org.). **Família e ciclo vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

D'INCAO Maria Â. Mulher e Família Burguesa; PRIORI, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DESLANDES, S. F.; ASSIS, S. G. Abordagem quantitativa e qualitativa em saúde: o diálogo das diferenças. In: MINAYO, M. C.; DESLANDES, S. F. (Org.). **Caminhos do pensamento**: epistemologia e métodos. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

DIAS, A. C. G.; GOMES, W. B. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 1, p. 79-106, 1999.

DOLTO, F. **Tudo é Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ENGELS, F. L'origine della famiglia, della proprietà privata e dello Stato, Roma, Savelli. In: In: CAVENACCI, M. (Org.). **Dialética da família**: gênese, estrutura e dinâmica de uma repressiva. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ELKAÏN, M. **Como sobreviver à própria família**. São Paulo: Integrare, 2008.

FALCÃO, D. V. S.; SALOMÃO, N. M. R. Mães adolescentes de baixa renda: um estudo sobre as relações familiares. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.58, n.2, p. 11-23, 2006.

FALCKE, D.; WAGNER, A. (Coord.) **Como se Perpetua a Família**: a transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FERREIRA, A. B. de H. **O dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, A. J. **Mitos familiares, interacción familiar**. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1963.

FOERSTER, H. von. Visão e Conhecimento: disfunção de segunda ordem In: SCHNITMAN, D. F. (Org.). **Novos paradigmas da cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas 1996.

FULMER, Richard H. Famílias de Baixa Renda e Famílias com Formação Profissional: Uma comparação da estrutura e do processo de ciclo de vida In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Org.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GROISMAN, M. **Família é Deus**: descubra como sua família define quem você é. Rio de Janeiro: Eldorado, 2002.

HEILBORN, M. L. et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 13-45, jun. 2002.

HINES, P. M. O ciclo de vida familiar nas famílias negras e pobres. In: CARTER, B.; MAcGOLDRIC, M. (Org.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HINTZ, H. C. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. **Revista Pensando Famílias**, n. 3, 2001.

IBGE. Comunicação Social. **Síntese de indicadores sociais**: 2008. 24 set. 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1233&>. Acesso em: 15 jul. 2010.

KAHHALE, E.: **A constituição do núcleo familiar da grávida e puérpera adolescente**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE OBSTETRÍCIA E GINECOLOGIA DA INFÂNCIA E DA ADOLESCENCIA, 6., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Disponível em: <http://www.amecs.com.br/arquivos/revista/vol10_n1/arti_orig_1.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2010.

KROM, M. **Família e mitos**: prevenção e terapia: resgatando histórias. São Paulo: Summus, 2000.

LOSS, M. A.; SAPIRO, C. M. Processos psíquicos de engravidamento na adolescência em contexto de periferia: impasses e impossibilidades. **Revista de Psicologia da USP**, v. 16, n. 4, p. 69-99, 2005.

MACEDO, R. M. S. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2007.

McGOLDRIK, M.; GERSON, R. Genetogramas e o ciclo de vida familiar. In: CARTER, B.; MAcGOLDRIC, M. (Org.). **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MEAD, M. Machio e Femmina, Milão, II Saggiatore. In: CAVENACCI, M. (Org.). **Dialética da família**: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MIERMONT, J. (Org.). **Dicionário de terapias familiares**: teorias e práticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2007.

MINUCHIN, P.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, S. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

MINUCHIN, S. **Famílias funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

- MINUCHIN, S.; LEE, W-Y.; SIMON, G. M. **Dominando a terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MIRANDA, C. E. S. Família, Psicanálise e sociedade. **Revista Kaleidoscópio**, v. 1, 2009.
- MORGAN, L. H. La società antica, Milão, Feltrinelli. In: CAVENACCI, M. (Org.). **Dialética da família: gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MORIN, E. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, D. F. (Org.). **Novos paradigmas da cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007
- NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R.C. **Terapia familiar: conceitos e métodos**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- OSÓRIO, L. C. **Famílias hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996.
- PEARCE, W. B. Novos modelos e metáforas comunicacionais: a passagem da teoria à prática, do objetivismo ao construcionismo social e da representação à reflexividade. SCHNITMAN, D. F. (Org.). **Novos paradigmas da cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas 1996, p. 172-187.
- PERSONA, L.; SHIMO, A. K. K.; TARALLO, M. C. Perfil de adolescentes com repetição da gravidez atendidas em um ambulatório de pré-natal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 5, p. 745-750, 2004.
- POSSENTI, S. Concepção de Sujeito na linguagem. **Boletim da ABRALIN**, São Paulo, v. 13, p. 13-30, 1993.
- PRETO, N. G. Transformação do sistema familiar na adolescência. In: CARTER, B.; MACGOLDRIC, M. (Org.). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- PRIGOGINE, I. Dos relógios às nuvens introdução: da instabilidade à irreversibilidade. SCHNITMAN, D. F. (Org.). **Novos paradigmas da cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas 1996.
- SANTOS, J. L.; MACEDO, R. M. S. Valores familiares e educação dos filhos na contemporaneidade. In: MACEDO, R. M. S. **Terapia familiar no Brasil na última década**. São Paulo: Roca, 2008.
- SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Revista de Psicologia da USP**, v. 15, n. 3, p. 11-23, 2004.
- SARTI, C. A. O valor da família para os pobres. In: RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. T. (Org.). **Famílias em Processos Contemporâneos: inovações culturais na Sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995. p. 131-150.
- SLUZKI, C. E. **A rede social na prática sistêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SOUSA, L. et al. **Famílias pobres**: desafio à intervenção social. Lisboa: Climepsi, 2007.

TRINDADE, E. M.V.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Considerações acerca da abordagem transgeracional de famílias alcoólicas. In: PENSO, M. A.; COSTA, L. F. (Org.). **Transmissão geracional em diferentes contextos**: da pesquisa à intervenção. São Paulo: Summus, 2008.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento sistêmico**: um novo paradigma da ciência. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. **Pragmática da comunicação humana**. S. Paulo: Cultrix, 2007.

APÊNDICES

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO

Universidade Federal do Maranhão
 Pós-Graduação em Saúde Materno-Infantil / Mestrado
 Questionário Estruturado
 Data ____/____/____

Nº _____

1. Identificação do participante

Nome _____

Cor da Pele: Branca Preta Amarela Parda Vermelha

Idade _____

Nome da mãe _____

Nome do pai _____

Endereço _____

Ocupação _____

Escolaridade: Analfabeta EF incompleto EF completo EM incompleto
 EM completo ES incompleto

Trabalha: Sim Não

Já trabalhou antes: Sim Não

Número de filhos _____ Idade gestacional _____

Situação Conjugal

Solteira Casada Separada Divorciada Viúva União Estável

Solteira com compromisso com o pai Solteira com compromisso com outro

Fone _____ Fone _____

2. Identificação do pai da criança

Nome _____ Idade _____

Raça/etnia _____

Escolaridade: Analfabeto/ EF Incompleto/ EF completo/ EM Incompleto/ EM completo/ ES Incompleto/ ES Completo

Ocupação _____ Renda _____

Número de filhos _____

3. Dados socioeconômicos e culturais

Habitação

Numero de cômodos: 1 a 3 4 a 6 7 a 9 + de 9

Eletricidade: Sim Não

Água encanada: Sim Não

Esgoto: Sim Não

Moradores:

PARENTESCO	IDADE	OCUPAÇÃO	RENDA	RELIGIÃO

Renda própria: _____

Renda familiar: _____

Participação do pai da criança: Sim Não

Atividades de Lazer: _____

Práticas religiosas: _____

Grupos que participa: _____

Rede de amigos: _____

Alguma de suas amigas também engravidou adolescente?

Sim Não

Outras pessoas de sua família engravidaram antes de completar 19 anos?

Sim Não

Obrigada pela sua participação.

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA
(Entrevista realizada com a adolescente individualmente)

1. Situação em que ocorreu a gravidez
2. Contribuição de violência na família para a gravidez da adolescente
3. Abuso sexual ocorrido dentro ou fora da família
4. Sentimentos e fatos que não seriam ditos na presença da família

APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A FAMÍLIA
(Esta entrevista foi realizada com a família em seu domicílio)

1. Organização familiar e distribuição de papéis e poder.
2. Padrões Transacionais da família.
3. Situações dos engravidamentos na família ocorridos na adolescência.
4. Crenças, valores e mitos sobre gravidez na adolescência.
5. Que explicações a família dá para gravidez na adolescência.

APÊNDICE D: ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DE CAMPO

1. Local da entrevista
2. Acolhimento do pesquisador pela família
3. Grau de envolvimento dos membros da família com a situação de entrevista
4. Interação entre os membros da família durante a entrevista
5. Espontaneidade da família em falar das relações entre eles e de eventos importantes que vivenciaram juntos.

APÊNDICE E: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: Estrutura Familiar e Gravidez na Adolescência: um enfoque sistêmico

Pesquisadora Responsável: Mary Lúcia Adler Ewerton, aluna do Curso de Mestrado em Saúde Materno-Infantil

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável: Mestrado em Saúde Materno-Infantil da UFMA

Telefones para contato: (98) _____

Nome do Voluntário _____

Idade _____ anos

Endereço _____

Responsável legal _____

R.G. Responsável legal: _____

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “Estrutura Familiar e Gravidez na Adolescência: um enfoque sistêmico” de responsabilidade da pesquisadora Mary Lúcia Adler Ewerton, aluna do Curso de Mestrado de Saúde Materno Infantil.

Muitas adolescentes, no Brasil, engravidam entre 10 a 18 anos de idade. O objetivo desta pesquisa é estudar a família das adolescentes que engravidam nessa idade e avaliar se o padrão de organização da família atual e das gerações passadas, contribuem, de alguma forma, para o engravidamento precoce.

A forma como pretendemos fazer este estudo é através de um questionário estruturado e a construção do genograma da família, no ambulatório do NASA do Hospital Materno-Infantil, com as informações obtidas junto à adolescente e familiares que estejam presentes.

Nós nos comprometemos em não identificar os nomes das pessoas participantes e os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo.

Esta pesquisa não tem fins lucrativos e sua participação é voluntária. O Sr.(a) terá o direito de fazer qualquer pergunta sobre os riscos que podem existir durante a participação nesta pesquisa e também o direito de desistir de participar desta pesquisa ou retirar a participação de qualquer pessoa pela qual é responsável a qualquer momento. A sua participação nesta pesquisa e a participação das pessoas as quais é responsável são voluntárias. Se recusar a participar da pesquisa, não haverá qualquer consequência negativa. Não haverá qualquer tipo de indenização.

Após ter recebido informações claras eu, _____, RG nº _____ **declaro ter sido informado e concordo** em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Pesquisadores: _____

ASSINATURA DO PESQUISADOR

ASSINATURA DO PARTICIPANTE

ANEXO

ANEXO A: APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA HU-UFMA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
COMITÊ ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO

Parecer Nº **271/08**

Pesquisador (a) Responsável: **Zeni Carvalho Lamy**

Equipe executora: **Mary Lúcia Adler Ewerton e Zeni Carvalho Lamy**

Tipo de Pesquisa: **Projeto de Mestrado em Saúde Materno Infantil**

Processo: Nº. **002668/2008-50**

Instituição onde será desenvolvido: **Hospital Universitário Unidade Materno Infantil**

Grupo - **III**

Situação: **APROVADO**

O Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão analisou na sessão do dia **17/10/2008** o processo Nº. **002668/2008-50**, referente ao projeto de pesquisa: **"Estrutura Familiar e Gravidez na Adolescência: Um enfoque sistêmico"**, tendo como pesquisador (a) responsável **Zeni Carvalho Lamy**, cujo objetivo é **"Avaliar a correlação existente entre estrutura e dinâmica familiares e gravidez na adolescência a partir do enfoque sistêmico"**.

Tendo apresentado pendências na época de sua primeira avaliação, veio em tempo hábil supri-las adequada e satisfatoriamente de acordo com as exigências das Resoluções que regem esse Comitê. Assim, mediante a importância social e científica que o projeto apresenta a sua aplicabilidade e conformidade com os requisitos éticos, somos de parecer favorável à realização do projeto classificando-o como **APROVADO**, pois o mesmo atende aos requisitos fundamentais da Resolução 196/96 e suas complementares do Conselho Nacional de Saúde.

Solicita-se ao (a) pesquisador(a) o envio a este CEP, relatório parciais sempre quando houver alguma alteração no projeto, bem como o relatório final gravado em CD ROM.

São Luis, 08 de janeiro de 2009.


Prof. Dr. João Inácio Lima de Souza
Coordenador do CEP-HUUFMA
Ethica homini habitat est